

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

O hospital deve chegar à colectividade antes da doença afirmou o dr. Coriolano Ferreira no 4.º Congresso das Misericórdias

A quarta sessão plenária do quarto Congresso das Misericórdias, integrado no programa das comemorações do quinto centenário do nascimento da Rainha Dona Leonor que esta manhã se efectuou na aula máxima da Faculdade de Medicina de Lisboa — presidiu o professor Guilherme Braga da Cruz, director da Faculdade de Direito de Coimbra, que teve palavras de homenagem para o conferente, dr. Coriolano Ferreira, que classificou como um dos mais distintos alunos da velha Universidade e uma das pessoas que, depois de formadas, mais a têm honrado.

O presidente estava ladeado pelos srs. drs. Carlos Augusto Sanchez e Alberto Pinto Gouveia, padre Isidoro Domingos da Silva e capitão Manuel Lopes Camilo, respec-

tivamente provedores das Santas Casas de Vila Real, de Lavre, de Moncaparacho e de Portalegre.

O dr. Coriolano Ferreira falou de «O hospital de hoje», começando por tratar da origem e da evolução dos hospitais.

— A abundância e a miséria, a paz e a guerra, a liberdade e a opressão — disse — tudo se reflectiu na vida dos hospitais. E se o homem foi rural ou citadino, se foi sedentário ou migrante, individualista, ou colectivista, dado a ideias puras ou a positivismo fechados, sempre a sua imagem se projectou por inteiro nos hospitais que foi fundando e mantendo. Nem de outra forma poderia ser. Todas as instituições nascem por força de necessidades humanas. Com as necessidades humanas evoluem e se ex-

tinguem. Se a sociedade fomenta as instituições e lhes condiciona a vida porque haveria de agir diferentemente para com o hospital?

Lembrou que a dispersão feudal correspondeu a pulverização de pequenos e numerosos hospitais, e que a sua concentração foi ordenada por D. João II, «o mesmo monarca que concentrou o poder político nas mãos reais».

— E não serão de meditar os motivos que levaram à secularização da assistência e à sua socialização nos estados modernos? Se passarmos ao condicionalismo económico, há-de ser-nos fácil compreender o hospital mantido pelos nobres quando a riqueza se acumulava em poucas mãos de senhores; o hospital comunal quando a burguesia dominou a economia da Europa; o hospital publico no domínio das leis de desamortização; o hospital nacionalizado das economias colectivistas.

A propósito, acentuou:

— Se Deus é o centro da civili-

(Continua na página central)



O dr. Coriolano Ferreira falando na sessão de hoje

De Gaulle fez novo apelo aos rebeldes argelinos para a paz com a França

TOUGGOURT (Argélia), 6. — O general de Gaulle, num discurso proferido, esta manhã, perante uma multi-

dão de 15.000 Muçulmanos, reunida neste importante centro da cultura de tamara, na orla do deserto do Sahara, lançou um apelo aos rebeldes, para que façam a paz com a França e colaborem, com os seus esforços, para que a Argélia seja um país moderno e próspero.

Disse de Gaulle no seu discurso: «O Sahara deve ser o grande terreno de união entre dois mundos: o mundo do Mediterraneo, o mundo da Africa Negra, entre o mundo do Atlantico e o mundo do Nilo e do mar Vermelho. Nesta obra imensa, a França está directamente interessada. Toma-a nas suas mãos. Quer levá-la a bom termo. Para tanto, precisa do concurso de todos e, nomeadamente, do concurso dos Saharianos.

«Devem os atrasados da guerra civil compreender, finalmente, que se voltou a página dos combates e que, agora, é a página do progresso, da civilização e da fraternidade recuperada. E' a página dos homens. Viva o nosso Sahara! Viva a França!»

De Gaulle visitou, depois, os jazigos

(Continua na 14.ª página)

Nota do dia

Política da saúde

Não pode considerar-se animador o quadro que o prof. Miller Guerra traçou ontem, no Congresso das Misericórdias, do estado sanitário do País e das dificuldades tremendas (não quer dizer que sejam insuperáveis) com que se depara para executar uma política da saúde que ponha ao serviço da população os meios indispensáveis para prevenir e curar a doença. Algumas afirmações que fez e alguns números que citou merecem ser meditados pelas pessoas a quem compete acautelar a saúde publica e promover uma ocupação sanitária do País mais eficiente e menos atrasada do que aquela que existe. O prof. Miller Guerra afirmou, entre outras coisas dignas de serem ponderadas, que em Portugal não há os médicos e enfermeiras indispensáveis para se empreender com êxito uma política sanitária realista; que na Metrópole há um médico por cada grupo de 1.500 habitantes e só uma minoria da população tem a assistência clínica de que carece. Salientou a percentagem elevadíssima da mortalidade infantil verificada no nosso País, que nos coloca entre os povos onde a criança é menos favorecida, e revelou que mais de metade das parturientes não recebem assistência médica entre nós. Criticou o celibato obrigatório das enfermeiras, uma das causas principais da penuria que se nota, nos hospitais, dessas auxiliares preciosas do médico no combate à doença. E ele mesmo fez o comentário justo, e não isento de ironia, às suas próprias palavras, dizendo que «se a situação dos médicos na provincia é má, a dos doentes é pior».

Isso acontece, infelizmente, em Lisboa como na provincia, no Bairro de Alvalade como na Quinta dos Peixinhos, na Rua da Esperança como na Travessa do Açogue — «honni soit qui mal y pense».



Uma «linha» ainda pouco conhecida é a «cano de fogão». A verdade é que a sugestão é completa, olhando a gravura junta. O modelo tem o nome de «Olhadela» e dizem os seus agentes publicitários que é de «ratine» verde musgo, com uma gola transformável á vontade. Será tudo isso menos, bonito e elegante, não é verdade?

O Natal visto pelas crianças portuguesas

O Natal é de todos, mas mais das crianças. O Natal festeja uma criança. E são as crianças que o sentem mais profundamente, tocam a sua luz mágica e respiram com força a sua clara e pura atmosfera. Entende-o assim o «Diário de Lisboa», que quer tornar ainda mais das crianças o Natal de 1958. Assim, promove um grande concurso entre jovens até aos 14 anos, «O Natal visto pelas crianças». Indo de encontro os anseios artísticos dos jovens que se estão a revelar com uma força, uma expressão e uma originalidades admiráveis, através de exposições e iniciativas várias, o «Diário de Lisboa» vai escolher o mais belo de todos os trabalhos artísticos de crianças portuguesas sobre o Natal.

As obras, que deverão ser entregues no «Diário de Lisboa» (Rua Luz Soriano, 44) ou na sua delegação do Porto (Rua do Almada, 30, 2.º), até ao dia 16, com a menção de «O Natal visto pelas crianças», acompanhadas do nome, idade e morada do autor, além do nome da escola a que pertencer, podem ser de qualquer tipo, sem limitações quanto ao motivo, á concepção e á forma dos trabalhos.

Para facilitar a sua inscrição, poderão os concorrentes preencher e colar nas costas dos seus trabalhos o cupão que publicamos na 13.ª página.

Foi lançado o foguetão lunar americano que não atingiu o objectivo previsto

WASHINGTON, 6. — O Exército americano lançou às 0 e 45 (5 e 45, T. M. G.), do centro de ensaios de Cape Canaveral, um foguetão lunar, que, três minutos após, prosseguia na sua corrida pelo espaço.

O «Juno II» conduz um foguetão de 4 andares, cujo elemento essencial é um engenho de médio raio de acção, do tipo «Jupiter», completado por três outros andares, formados por foguetões do tipo «Sergeant», de carburante sólido.

Elevou-se directamente no espaço, deixando atrás um clarão encarnado, que foi visível, durante alguns minutos, tanto pelos observadores locais como pela televisão, instalada em Washington pela Ad-

ministração Nacional da Aeronáutica e do Espaço.

No cimo do foguetão encontra-se um cone, pesando pelo menos 6

(Continua na ultima página)

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

A arte de bem digerir (8)

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

No princípio do nosso século observou-se que determinadas alterações da gestação, verificadas em regiões pobres e, portanto, de más condições económicas, alterações atribuídas a uma higiene alimentar defeituosa, eram devidas á insuficiência de um factor especial-

mente favorável ás funções da reprodução, contido na ração diária. De que factor se tratava?

A história da vitamina E, factor antistéril e antidistrófico (alfa, beta e gama-tocoferol), encontra-se ligada

(Continua na 13.ª página)

Diário de Lisboa

PUBLICA HOJE

32 páginas

nas quais se inclui

MAGAZINE

Visado pela
Comissão de Censura

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

PE DESCALÇO

PASSOU o tempo em que os fados do Parque Mayer e das vielas exaltavam os calos do trabalho e o pé descalço. Hoje sabe-se que os calos são sinónimo da falta de cidade e de higiene e o pé descalço, quase sempre, ausência de decoro e de civismo. Da Estremadura para o Norte, o homem e a mulher criaram-se no hábito de andar descalços, mesmo que não sejam mais pobres que seus irmãos do Alentejo, onde ninguém, por muito que seja pobre, desnuda os pés por pudor. Contra o hábito milenário dos homens do campo e outros mistérios populares ergue-se há longos anos a voz enérgica da Liga de Profilaxia Social. Quem a ouviu? Foram muitos mas não tantos ou tão fortes que lhes coubesse a possibilidade honrosa de resolver o largo e complexo problema. Tratava-se de reformar a mentalidade do povo, fazer-lhe crer nos perigos e vergonha de andar na rua com os pés descalços. A hora, porém, chegou (ou pelo menos parece aproximar-se). O decoro, o civismo e o turismo reclamaram medidas mais energéticas contra o pé descalço, no Porto. Falta, porém, a campanha alguma coisa mais do que um sistema moral de repressão. E' ir às fábricas, campos e oficinas dizer ao povo as razões dessa campanha. Compreendendo-a, o povo a aceitará como se pretende e lhe convém.

FEIXE DE IMAGENS

O S. N. I. que já revelara as alterações introduzidas nos regulamentos dos prémios literários, anunciou as condições em que vão disputar-se os prémios artísticos e de turismo. O da consagração das artes (anual, para uma obra ou conjunto de obras de pintura ou escultura) é de 20 contos. Os de propaganda turística são também anuais (5 contos), prevendo-se a organização anual (Porto e Lisboa, alternadamente) do Salão dos Novíssimos, com 25 contos de prémios.

* José da Silva Bica, teve aos 10 anos o sonho de fazer o seu exame de 2.º grau. Setenta anos depois (já ultrapassou os 80) fez o exame e ficou aprovado. Sem favor (diz quem sabe). Foi o primeiro a prestar provas e deu tanta sorte aos restantes que todos foram aprovados.

* O «Pátria» trouxe de Luanda um passageiro clandestino. E' o Alberto Maria Ventura (só no nome) que há quatro meses embarcara para a Venezuela. Ia em busca do emprego e do amigo que não achou. E porque o seu destino havia de cumprir-se, foi outra vez em busca do sonho lindo da aventura. Seguiu da Venezuela para Luanda, onde não tendo encontrado o que buscava, regressou agora à sua terra. Lá, ao menos, terá a realidade.

* O Rotary Clube de Lisboa homenageou com um jantar o governador do distrito rotário 176 (eng. Santos Pardal). Presidiu o dr. Henrique Moutinho que saudou o homenageado. Este falou do movimento rotário que abrange hoje no Mundo 500 mil associados. O conde de Caria empossou o eng. Blanco Nogueira membro do clube, fechando a festa com baile e alegria.

* Houve panico, muitos gritos, quando na Rua das Flores faltaram os travões a camioneta de Torres Vedras (guiava-a Mário Correia dos Santos). Foi chocar com um carro de praça e mais quatro outros carros, ficando todos bastante danificados, duas horas se interrompeu o transito naquela artéria. Como balanço final, acrescenta-se que apenas uma passageira (D. Emilia dos Santos Alves, Estrada de Benfca, Porta 12) sofreu ligeiros ferimentos.

JORNAL PEQUENO

O Presidente da Republica recebeu o cardeal D. Teodósio Clemente Gouveia e o secretário nacional da Informação. No seu livro de cumprimentos, inscreveram-se o general Miguel Pereira Coutinho, brigadeiro Julio César de Carvalho Teixeira e Gui Sino. * Com o Presidente do Conselho trabalharam os ministros da Presidência e da Justiça. * O dr. José Nosolini, que vai deixar o cargo de embaixador de Portugal em Madrid, foi ali homenageado com um banquete pelo embaixador da Grã-Bretanha. * Regressou a Lisboa o director-geral da Aeronáutica Civil que participou em Paris nas reuniões do «Comité» de Coordenação do Espaço Aéreo e da Comissão Europeia de Aviação Civil. * Reuniu-se a Academia Portuguesa de História, ocupando-se o marquês de S. Paio das circunstâncias da morte do príncipe D. João, filho do duque de Coimbra. * Os dirigentes do Orfeão e do Teatro Universitário do Porto solicitaram o patrocínio do ministro da Educação, para fazer uma viagem a Moçambique, possivelmente em Agosto. * Com o patrocínio do Município respectivo e da Junta Central das Casas dos Pescadores, vão reabrir em Almada as cantinas escolares, encerradas por falta de rendimentos. * Em Bragança foram condecorados com a comenda e o grau de cavaleiro da Ordem de Instrução Publica, quatro professores (um dos quais do ensino liceal e os restantes do ensino primário).

HOTEL EMBAIXADOR
no «TERRAÇO DAS ESTRELAS»
A'S 23 E 30 E 1 E 30
CHRISTINE & MOLL

a famosa parelha de bailarinos excêntricos
que conquistou grande êxito em Nova York
(Adultos — Maiores 17 anos).

Adquira uma
LAVADORA AUTOMÁTICA
FRIGIDAIRE
e faça feriado quando tiver
que lavar a roupa!

O PORTO pelo telefone

Governador civil do Porto

PORTO, 6. — O chefe do distrito, dr. Elisio Pimenta, segue hoje para Pontevedra, onde amanhã, pelas 11 horas, no palácio do governador daquela província, receberá as insígnias de comendador da Ordem do Mérito Civil, com que recentemente foi agraciado pelo Governo espanhol.

«1.ª Quinzena

de Artes dos Bancários»

Abre ao publico, no próximo dia 9, no salão de festas do Coliseu do Porto a «1.ª Quinzena de Artes dos Bancários» (exposição de arte plástica, fotografia e de cinema de amadores). O certame é organizado pelo grupo desportivo do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, sob o patrocínio do Sindicato dos Empregados Bancários do Porto.

Almoço de confraternização

No hangar do Aero Clube do Porto, em Pedras Rubras, efectuou-se um almoço de confraternização, entre associados e amigos do clube.

Presidiu o sr. Carlos Agrelos e assistiram delegados do Aero Clube de Braga e Costa Verde. Estavam também presentes a aviadora canadiana Charley Goldwing, o major Oliva Teles e cerca de oitenta convidados.

Durante o almoço, foi homenageado o piloto-instrutor Adelino Fernandes que, há pouco ultrapassou mil horas de voo.

Amanhã, chega a Pedras Rubras o novo avião adquirido pelo Aero Clube do Porto, com o auxílio da Aeronáutica Civil, o qual passará a ser o melhor do Norte.

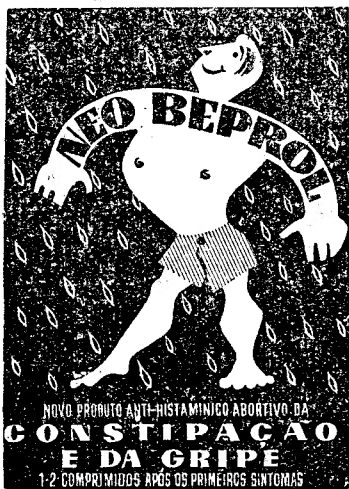
Exposição de Pintura

Inaugura-se esta tarde, no salão da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras uma exposição de pintura de Augusto Ribeiro.

A fiscalização dos preços de artigos não tabelados

As brigadas da Intendência-Geral dos Abastecimentos estão a verificar e a anotar, em todo o País, os preços actuais de numerosos artigos e produtos que não estão fixados oficialmente.

Já foram visitados estabelecimentos de vários ramos e recolhidos elementos, que permitirão, á Fiscalização, verificar, em qualquer momento, e especialmente do mês de Janeiro em diante, se sofrem aumentos os preços dos produtos e artigos vários não tabelados de consumo corrente (como farinhas alimentares, produtos lácteos, chocolates, pastelaria, drogaria, artigos de sapataria, papelaria, etc., etc.).



Pequenas noticias

PELA POLICIA

EMPREGADO INFIEL — A Polícia Judiciária esclareceu agora a actividade criminosa de um empregado infiel que seguiu acompanhado do respectivo processo para o Tribunal da Boa-Hora. Trata-se de um indivíduo, de nome Alfredo Marques Carreira, que furtou ao patrão cerca de 40.000\$00. No decorrer das investigações, a Polícia conseguiu apreender-lhe a quantia de 23.200\$, 15 mil dos quais se encontravam depositados na delegação da Caixa Geral de Depósitos, em Valença. O restante estava em casa de um amigo em seu próprio poder.

FURTO DE RODAS DE AUTO-MOVEIS — A 6.ª secção da Polícia Judiciária está a investigar um importante caso de furto de rodas completas de automóveis da marca «Volkswagen». Dada a importância do caso, devem comparecer na sede daquela corporação, a fim de prestar declarações, todas as pessoas que tenham efectuado qualquer transacção no género.

PELOS HOSPITAIS

DESASTRE FATAL — Faleceu na sala de observações do Hospital de São José, onde ontem dera entrada, José Luís de Almeida Branco, de 12 anos, residente no Pátio do Paló, letras M D, a Chelas, que caiu das escadas da Escola do Bairro da Madre de Deus, que frequentava.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Abrihantadas por orquestras, e dedicadas aos respectivos associados e suas famílias, haverá festas, esta noite, na Associação de Beneficência Luis Braille, Sociedade União Musical e Escolar de Oeiras, Academia 1.ª de Setembro de 1867 e Casa das Beiras (organizada pelo Grupo de Amigos da Freguesia de Madeira; e amanhã, de tarde, na Academia 1.ª de Setembro de 1867, Casa dos Tabuenses, Casa do Alentejo, Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul e Casa das Beiras; e á noite, Casa de Ferreira do Zê-

zere, Associação de Beneficência Luis Braille e Casa de Lafões.

ATENEU COMERCIAL

O Ateneu Ferroviário comemora amanhã o 24.º aniversário da sua fundação com o seguinte programa: ás 15 horas, concerto pela banda privativa; 16, sessão solene; 17, baile.

ALMOÇO DE HOMENAGEM

Amanhã ás 12 horas, haverá, no «Espelho de Água», um almoço de confraternização do pessoal da Direcção dos Serviços de Exploração da Administração-Geral do Porto de Lisboa e de homenagem ao seu director, engenheiro Eduardo Pio Soares Leite.

ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO

Os cobradores das C. R. G. E. reúnem-se amanhã num almoço de confraternização, nos arredores de Lisboa.

NATURISMO

Dirigentes e membros da Sociedade Portuguesa de Naturalogia partiram esta tarde para Madrid, a fim de ali se encontrarem com os membros da agremiação congénere «Peña Vegetariana», que vai promover a «1.ª Jornada de Confraternização Luso-Espanhola».

MISSA NA SÉ
em comemoração
da morte de D. Afonso
Henriques

Na Sé Patriarcal e em comemoração do aniversário da morte de D. Afonso Henriques, celebrou-se hoje missa pelos reis de Portugal.

Foi oficiante o rev.º cônego Manuel Luis, prior da Sé, e assistiram ao acto, entre outras pessoas, os srs. condes das Alcáçovas, dos Arcos e de Fornos. Estavam presentes também algumas senhoras.

CASINO

APRESENTA
às 23.15 no Grande Salão-Restaurante e á 1 hora no Wonder-Bar
HOJE EM ESTREIA e em rigoroso exclusivo
A vedeta francesa de fama mundial do cinema e da canção
MARIA VINCENT
Integrada num grande programa de Music-Hall
4 — ORQUESTRAS — 4
Entre as quais
GALLO e o seu conjunto
Orquestra brasileira de extraordinária animação
AOS SABADOS: — No grande Salão-Restaurante — Consumo mínimo, 40\$00. No Wonder Bar — Consumo mínimo, 60\$00.
TODOS OS OUTROS DIAS: — No Grande Salão-Restaurante — isenção do consumo mínimo. — No Wonder Bar — Consumo mínimo, 40\$00.
A's segundas-feiras não há espectáculo de variedades tocando as nossas orquestras só para dançar.
Amanhã, ás 17 horas — «Matinée» Dançante com todas as atracções. — Chá completo Esc. 25\$00.
(Adultos maiores de 17 anos)

ESTORIL

STUDIO 4

Sal de Fruta

ENO

dá

boa saúde



todos os dias!

ECONOMIZE!

Lembre-se na próxima vez que comprar Sal de Fruta ENO que o frasco largo é mais económico.

Tome sal de fruta ENO, todas as manhãs para manter essa sensação de bem estar.

ENO com as suas propriedades anti-ácidas, estimula o fígado e actua como laxante suave.

SAL DE FRUTA**ENO**

ENO e SAL de FRUTA são marcas registadas

uma gravata do CARNAVAL DE VENEZA da nota do bom gosto de quem a oferece e da elegância de quem a usa

RUA AURÉA 107 TEL 2 10 47

COGNAC

MARTELL

Uma vedeta do «music-hall» no Casino Estoril



MARIA VINCENT

a grande vedeta francesa que hoje estreia em rigoroso exclusivo no Casino Estoril e que pela primeira vez vem a Portugal. Esta artista, famosa em todo o Mundo, é bem conhecida dos Portugueses que lêem o «Match» e as principais revistas ilustradas mundiais

Dois antigos cursos do Colégio Militar celebraram ali hoje

50 e 30 anos de recordações escolares

No Colégio Militar reuniram-se hoje, em ampla confraternização, os cursos de 1908 e 1928—50 e 30 anos, respectivamente, de emotiva e saudosa evocação.

Os antigos «Meininhos da Luz», alguns já velhos rapazes de cabelos brancos, que são figuras marcantes na vida nacional, reuniram-se naquele modelar estabelecimento de ensino, os primeiros às 11 horas e os segundos às 11 e 30.

Houve, primeiro a apresentação de cumprimentos ao director do Colégio, brigadeiro Raul Pereira de Castro, que recebeu ambos os cursos, um de cada vez, no seu gabinete de trabalho.

Em nome dos alunos do curso de 1908, do qual sobreviveram 10, ali se reunindo 9, falou o eng.º Raul Soares da Costa, que teve o numero 17 e foi comandante do batalhão escolar.

Este curso faziam parte, entre outros, os eng.ºs José Luís Supico, Reis Pereira, tenente-coronel Lourenço Pereira, eng.º Jacome de Castro, inspector superior das Obras Publicas, que era o ajudante do batalhão; eng.º Duro Xavier, Valente de Almeida, Guerreiro Chaves e Henrique Brion.

Todos os componentes do curso estiveram na primeira Grande Guerra (1914-1918) e alguns tomaram heroicamente no campo de batalha.

Acompanham o curso há 25 anos, considerados seus adidos, três antigos alunos do Colégio Militar srs. Henrique Faro Lobo Antunes e Diogo Sobral.

*

O curso que saiu do Colégio em 1928 era constituído por 31 alunos, dos quais 17 são militares e 14 civis. Restam 27 e reuniram-se 25. Em nome deles apresentou cumprimentos ao director, do colégio o capitão-de-fragata Arantes e Oliveira, que foi também, o comandante do batalhão escolar.

O brigadeiro Raul Pereira de Castro, agradeceu a ambos os cursos. Depois, foi celebrada missa pelo capelão daquele estabelecimento, rev. Braula Reis, com a assistência dos dois cursos.

Seguiu-se a visita às novas instalações do Colégio, recentemente inauguradas, e às antigas.

Estava formado o batalhão escolar, ao qual os antigos alunos passaram revista, assistindo, depois, ao luzido e garboso desfile.

No antigo refeitório reuniram-se num almoço de confraternização os compo-



O curso de 1908

nentes dos dois cursos, com o brigadeiro Pereira de Castro, o major Alcides de Oliveira, subdirector do Colégio, e os actuais alunos que têm os numeros dos antigos ali reunidos. E foi o evocar, comovido e enternecido dos tempos passados, da vila colegial, das tradições, dos episódios pitorescos, lembrando as grandes figuras que por ali passaram — os directores, professores, alunos, com sentida emotiva saudade.

O curso de 1908 descerrou uma lápida comemorativa no claustro do Colégio — caracteres em ouro, sobre uma placa de mármore, formam a seguinte legenda: «Os alunos do curso de 1908 voltaram ao Colégio, 50 anos depois, em romagem de saudade».

A noite os componentes do curso de 1928 reunem-se num jantar de confraternização.

Curso médico de 1948

O curso médico de 1948 comemorou hoje o 10.º aniversário da formatura. Às 11 horas, os componentes do curso ouviram missa na igreja dos Mártires. Ao meio-dia apresentaram cumprimentos aos sr. prof. Jorge Horta, director da Faculdade de Medicina, no Hospital Escolar, que em seguida visitaram. O director da Faculda-

de recebeu-os com muita simpatia e recordou, ao agradecer os cumprimentos, que os médicos e médicas presentes constituíam o seu segundo curso, que regera ainda na qualidade de professor extraordinário.

O curso compõe-se de 64 médicos, mas destes, dez estão a prestar serviço nas províncias ultramarinas.

A reunião de camaradagem termina logo à noite com um jantar, em Montes Claros.

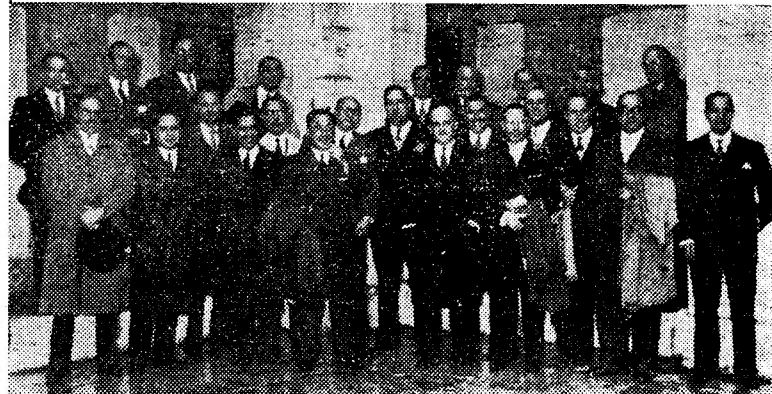
Foi hoje entregue na Faculdade de Medicina o «Prémio Belo Morais»

Ainda integrada no programa da semana de recepção aos novos alunos da Faculdade de Medicina, houve esta tarde, na Aula Máxima da Faculdade, uma sessão para a entrega do «Prémio Belo Morais» ao aluno finalista mais classificado.

Presidiu o director-geral do Ensino Superior e assistiram o director e professores da Faculdade e muitos alunos. Depois de o sr. prof. Jorge Horta ter feito uma resenha da actividade escolar, procedeu-se á entrega do «Prémio Belo Morais». Havia dois candidatos, ambos com a classificação de 20 valores: os srs. drs. Hugo David e Manuel Halpern. O prémio foi atribuído ao segundo.

Depois, no anfiteatro de Anatomia Patológica, o sr. dr. Horácio Menano proferiu uma conferência, sobre o tema «O estudante de uma nova Medicina», seguida de debate.

A noite, haverá um espectáculo no teatro do Liceu Charles Lepierre.



O curso de 1928

SAB-871

2 LIGAÇÕES POR SEMANA

EM SUPER DC-6 E SUPER DC-7C

A LINHA DE MAIOR EXPERIÊNCIA EM VOOS AFRICANOS

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

DE LISBOA PARA LEOPOLDVILLE NA

SABENA

LINHAS AÉREAS BELGAS

Vai casar a Fátima?

Mande fazer o banquete ou «copo de água» no Café-Restaurante Ave Maria. Sala própria. Telefone 41.

Jante no CASINO ESTORIL; o único restaurante «Music-hall» de Portugal. Além de assistir a um esplêndido programa de variedades, terá a certeza de um serviço requintado!

RITZ CLUB

EMPRESA RITZ CLUBE
ADULTOS (maiores de 17 anos)
MUSICA DE SAILE POR
VILAÇA E SUA ORQUESTRA
NO SALÃO TÍPICO:
NOTÁVEL SERVIÇO DE CEIAS
COM FADOS E GUITARRADAS

EXITOS QUE SÃO O ORGULHO DO «DANCING DAS MULTIDÕES»!

A MAIS QUERIDA DAS VEJETAS EM VIBRANTES SAPATEADOS

CHIQUI RODRI

DOLORES Y ANTONIO

UMA PARELHA DE BAILE DE EXCEPCIONAL CLASSE
E AINDA VILAÇA E SUA ORQUESTRA

O PREFERIDO POR TODOS

ESTRELITA ALCAZAR

MARY MERCEDES

ESPERANZA BEGONA

DENTRO DE POUCOS DIAS:

6

ESTREIAS
DE FAMA
MUNDIAL

GRANDE ACONTECIMENTO

LUSO

T. da Queimada,
8-A — Tel. 32889
Ad. M. 17 anos
Hoje (até de ma-
drugada) cantam
Aurora Sobral —
Armando Dias —
Constança Nunes
— Manuel Bogalho.
Acompanhamentos por António
Couto e José Inácio.

AMANHÃ
GRANDIOSA «MATINÉE»

PENSÃO MONUMENTAL

COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807



Carmen Dolores



Rogério Paulo



Adelina Campos



Mário Pereira

TEATRO AVENIDA

HOJE
AS
21,45
horas

EMPRESA LAURA ALVES EM COLA-
BORAÇÃO COM GIUSEPPE BASTOS
NOVO TRIUNFO
DA MODELAR

Companhia do «TEATRO DE SEMPRE»

SUBSIDIADA PELO FUNDO DE TEATRO
E SOB A DIRECÇÃO ARTISTICA DE
GINO SAVIOTTI
NA OBRA-PRIMA DA DRAMATURGIA
NACIONAL.

O GEBO E A SOMBRA

De RAUL BRANDÃO

INTERPRETADA POR:
CARMEN DOLORES - ROGÉRIO
PAULO - ADELINA CAMPOS
ALBERTO GHIRA - BEATRIZ D'AL-
MEIDA e MÁRIO PEREIRA

Amanhã e 2.ª feira, às 16, espectáculos à tarde!

TEATRO T. 55133

MONUMENTAL

Emp. Laura Alves (Adultos M/
17 anos) Direc. de Vasco Morgado

24.ª e ultima semana

LAURA ALVES no seu êxito
A RAINHA DO FERRO-VELHO
COM UM NOTÁVEL ELENCO

Vasco Morgado
agradece ao Em-
presário Rocha
Brito o ter cedi-
do por mais uma
semana, a adiar
a estreia desta
peça no Sá da
Bandeira do
Porto

AMANHÃ
e
2.ª FEIRA
Espectáculos
à tarde às
16 horas

A SEGUIR: de
COLETTE
GIGI
com
MILÚ
na protagonista

HOJE, AMANHÃ e 2.ª FEIRA
A tarde às 18,30 h.

TEATRO INFANTIL

3 ENCANTADORAS PEÇAS

AUTO 3 COSTUREIRAS

DE ANTONIO MANUEL GOUTO VIANA

CIMA DESSE TELHADO

DE A. M. GOUTO VIANA E EDUARDO RIOS

O NOSSO AMIGO SOL

DE LILIA DA FONSECA

PELO ELENCO DO

TEATRO DO GERIFALTO

SUBSIDIADO PELO FUNDO DE TEATRO

PREÇOS: 3.ª BALCÃO frente, 5500; 2.ª BAL-
CÃO, 10500; PLATEIA, 15500 e 20500

BUGIO

Telefone 643198

RESTAURANTE
E SNACK-BAR

Pastelaria — Salão de Chá — Bi-
lhares — Salão para banquetes, ca-
samentos, baptizados, festas, etc.
Largo 5 de Outubro
STO. AMARO DE OEIRAS

No PRAGAL o «Diário de Lis-
boa» é vendido por João António
Tavares.

Maria Vitória

Emp. «E. Salvador e R. Martins, Ld.»
2.ª SESSÕES às 20,30 e 22,45
ADULTOS — M/17 ANOS



Barroso Lopes

EM PLENO EXITO A MELHOR REVISTA DE SALVADOR



Humberto Madeira

com BIBI FERREIRA
ANTÓNIO SILVA

BARROSO LOPES — HUMBERTO
MADEIRA — MIMI GASPAR
e a PERLA CRISTAL



Mimi Gaspar

AMANHÃ
e
2.ª FEIRA
ESPECTACULOS
À TARDE
AS 16 HORAS

POR CAUSA DELAS...

TRINDADE

Telef. 20000 — (17 anos)
HOJE, AS 21,45 HORAS

O TEATRO NACIONAL POPULAR APRESENTA O MAIOR
EXITO MUNDIAL DOS ULTIMOS ANOS

O DIÁRIO DE ANNE FRANK

AMANHÃ E 2.ª FEIRA, «MATINÉE» AS 16 HORAS
O TEATRO ESTÁ AQUECIDO



TEL. 27171

A's 15 - 18.15 (p. r.)
e 21.30 (M/12 anos)
2.ª SEMANA
7 Oscars e 27 prêmios internacionais
Cinemascope Techni.

A PONTE DO RIO KWAI
com William Holden e Alec Guinness
O melhor filme dos últimos anos.



TEL. 20768

Emp. Lopo Lauer
A's 15 - 18 e 21.30
2.ª SEMANA
O filme em
Cinemascope

A PONTE DO RIO KWAI
Uma epopeia de heroísmo e bravura
ATENÇÃO: Previne-se o público de
que o filme começa a ser exibido às
15.10 - 18.10 e 21.40.



TEL. 22533

15.15 e 18.15 (p. r.)
e 21.30 (M/17 anos)
2.ª SEMANA com
VITORIO DE SI-
CA, no êxito de
gargalhada em Totalscope

FÉRIAS EM ISCHIA
com Nadia Gary e Myrtila Bru



Telefone 763080

A PONTE DO RIO KWAI
com William Holden e Alec Guinness
Cinemascope Technicolor



Telefone 47163

A RAPARIGA DAS VIOLETAS
com Sara Montiel e Raf Vallone



TEL. 50595

A's 3 e 6.15 da tar-
de (a p. r.) e 9.30
da noite (M/12 anos)
2.ª SEMANA
do célebre Sr. Hulot
em

O MEU TIO

Uma obra-prima em Eastmancolor
de Jacques Tati.



TEL. 26303

As 15.15, 18.15 e
21.30 (M/17 anos)
A extraordinária
aventura de peri-
go e amor, em Ci-
nemascope

A GARRA DO TIGRE
com Stewart Granger e Barbara Rush
Uma realização notável e apaixonante!



TEL. 55131

15.15 - 18.15 e 21.30
(M/17 anos)
Um drama delicado
e explosivo!
Uma mulher junto
do homem que de-
seja...

SELVAGEM É O VENTO
com Anna Magnani, Anthony Quinn
e Anthony Franciose



Telefone 26283

15.15 - 18.15
e 21.30 (M/17 anos)
Numa grande pro-
dução colorida, com
Marga Lopez e Roberto Cañedo

O DIÁRIO DE MINHA MÃE



Telefone 24194

A's 21 (M/12 anos)
O FIDALGO
E A CIGANA
Bonita e audaciosa



21.30 (M/17 anos)

AS SETE COLI-
NAS DE ROMA
com Mário Lanza



TEL. 55134-5

(M/17 anos)

15.15 - 18.15 (p. r.)
e 21.30 (M/17 anos)
EM 3.ª SEMANA
A maliciosa e re-
quintada comédia de
Billy Wilder

ARIANE
com Audrey Hepburn, Gary Cooper
e Maurice Chevalier



BALCÃO 54154
PLATEIA 54153

As 15.15, 18.15 e
21.30 (M/17 anos)
Jack Hawkins
e Dianne Foster
UM CRIME
POR DIA

Um grande filme policial de JOHN
FORD, galardoado 4 vezes, com o
«OSCAR» da Academia.



Telefone 727778

15.30, 18.30 (p. r.)
e 21.45 (M/12 anos)
Os dois maiores có-
micos internacionais
na hilariante sa-
tira

TOTÓ, FERNANDEZ E A LEI
com Noel Roquevert e Nathalie Nerval



Telefone 618375

21.45 (M/12 anos)
ADÃO TEVE
A CULPA
c/ Dany Robin



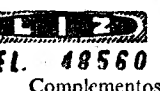
TEL. 845037

21 h. (M/17 anos)
O HOMEM DO
BRACO DE OURO
c/ Frank Sinatra



TEL. 20917

A's 21 (M/12 anos)
O ESTUDANTE
MENDIGO
Um diabo de saias



TEL. 48560

A's 21 (M/17 anos)
OS IRMÃOS
KARAMAZOV
Complementos seleccionados

«PARABENS

...AO TIVOLI

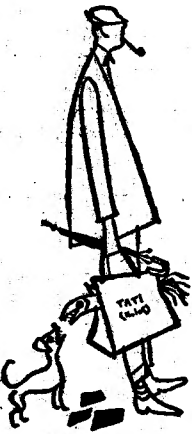
pela bela noite que nos ofereceu.»

«REPÚBLICA»

«Um programa em cheio, que não deve deixar de ser visto.»

«DIÁRIO ILUSTRADO»

MAIORES DE 12 ANOS



O Meu Tio

«...É, na verdade, extraordinário.»

«DIÁRIO DE NOTÍCIAS»

O Meu Tio

«...É um dos filmes mais ricos que esta temporada se exibiu em Lisboa.»

«DIÁRIO DE LISBOA»



«Espantosa de naturalidade a interpretação de...»

JACQUES TATI

«REPÚBLICA»

«...Ele põe em jogo todo o arsenal da sua fantasia.»

«O SÉCULO»

2ª

SEMANA

DE SORRISO, PERMANENTE E DE GARGALHADAS SEM CONTO!

«VIVA O SR. HULOT»

«DIÁRIO DE LISBOA»

«...Quase não fala, mas representa com os braços, as pernas, o chapéu de chuva, a gárbina...»

«DIÁRIO POPULAR»

...E O PÚBLICO, QUE DIARIAMENTE APLAUDE, FAZ COM QUE JÁ NÃO SE FALE DO OUTRA COISA!

VARIEDADES

EXITO

ESPECTÁCULO PARA ADULTOS M. DE 17 ANOS

EMPRESA TEATRAL AVENIDA, LDA.—Telef. 26037

EM 2 SESSÕES, ÀS 20,30

e 22,45 horas



Costinha



Spina



Glória



E. Correia



G. de Marco

TOTAL, DEFINITIVO, ABSOLUTO!

COM: BEATRIZ COSTA

NA REVISTA COM JEITO VAI...

e a Companhia de Revistas Luso-Brasileira

AMANHÃ, DOMINGO e 2.ª FEIRA, FERIADO, às 16 horas, ESPECTÁCULOS À TARDE!

O «BALLET-ESPECTÁCULO» DE MAIOR PRESTÍGIO INTERNACIONAL

NOCHES DE ESPAÑA y MAYTECHU com SUS «CLAVELES ESPAÑOLES» 10 BAILARINAS DE RARA BELEZA PELA 1.ª VEZ EM PORTUGAL

Pasapoga

TELEF. 23584 Empresa MANUEL ZEFERINO (ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

CARMEN SANTANA EM DANÇAS E CANÇÕES DIVINA GENELTI EM BAILADOS E CANÇÕES

TODOS OS SÁBADOS E DOMINGOS: MATINÉES DANÇANTES, DAS 18 AS 20 HORAS, COM TODAS AS ATRACÇÕES

Musica de baile por SÉRGIO E SUA ORQUESTRA



José Viana



Antónia Montes

Emp. Teatral ABC, Ld.

ABC

Adultos Maiores 17 anos

TEL. 366783

JOSÉ MIGUEL

anuncia para a próxima semana a estreia da revista



Clarisse Belo



C. Coelho

VINHO NOVO

que por dificuldades de montagem se não pode apresentar hoje ao público

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

— A actriz Maria Lalande, vai participar no desempenho do original de Costa Ferreira, em ensaios no Teatro da Trindade.

— Com Suzana Prado, na principal figura, está em ensaios, na TV, o «Auto da Mofina Mendes», de Gil Vicente.

— Por enquanto nada está assente sobre a futura exploração do Capitólio, com espectáculos teatrais.

— A estreia, no Teatro D. Maria II, da peça de Diego Fabbri, «O Processo de Jesus», deve realizar-se na sexta-feira da próxima semana.

— A artista Maria Carmen está em negociações para se deslocar a Venezuela, para uma temporada de 20 dias, seguindo depois para Lourenço Marques.

— Na TV, vão começar os ensaios da peça «Os Velhos», original de D. João da Camara.

— A companhia Rafael de Oliveira, estreia, em Santarém, no dia 17 do corrente, a peça «A muralha», de Calvo Sotelo.

— A revista «Lisboa bairrista», original de Alvaro Barradas, é representada nos dias 13 e 14 do corrente na Academia de Santo Amaro.

— Deve ser com a ópera «Tristão e Isolda» que será inaugurada a temporada lírica do Teatro S. Carlos.

— O artista Gabriel Infante, que se encontra em Lourenço Marques, foi contratado para actuar durante três meses na «boite» Pinguim, daquela cidade.

— Em Vila do Condé, foi criado um conjunto cénico de amadores, que na próxima quarta-feira, e para início das suas actividades, levará à cena, na sua sede, a comédia de Julio Dinis «O casamento da condessa da Amieira».

— Para a Ilha da Madeira, onde vai em digressão artística, segue brevemente a companhia do Circo Royal.

— O grupo cénico infantil do Grupo Dramático e Escolar «Os Combatentes», sob a orientação do seu ensaiador, Alexandre Rainha, trabalha amanhã, à tarde, na Academia de Santo Amaro, e nos próximos dias 22 e 24, no Cine-Teatro de Paço de Arcos e na Casa do Pessoal da Imprensa Nacional, respectivamente.

«O Gebo e a Sombra»

Por absoluta falta de espaço, não incluímos na nossa edição de hoje a crítica à peça de Raul Brandão «O Gebo e a Sombra», que ontem, com assinalável êxito, subiu à cena do Teatro Avenida, numa encenação de Gino Saviatti.

No Trindade

continua «O diário de Anne Frank»

Está a completar um mês de representações sucessivas, no Trindade, a peça de Frances Goodrich e Albert Hackett, «O diário de Anne Frank» que, graças a Francisco Ribeiro e ao Teatro Nacional Popular, o público de Lisboa pode ver.

Bela e vibrante mensagem de humanidade, «O diário de Anne

(Continua na 11.ª página)

CAFÉ CHAVE D'OURO Salão de Chá

das 17.30 às 20.

e das 22.30 às 23.30 horas

HOJE

«CONJUNTO PORTUGAL»

intérprete de toda a gama de ritmos modernos, com o cantor

RICARDO LUIZ (Maiores de 15 anos)

RESTAURANTE TÍPICO PAM PAM

Av. Alm. Reis, 151-A (ao Chile) telef. 49246 e 40007

Reabre hoje com um valioso elenco de

FADOS E GUITARRADAS

na CAVE — até de madrugada

Ambiente seleccionado — Cozinha portuguesa

SURPRESAS!...

Adultos (maiores 17 anos)

ADEGA MESQUITA



Eduarda Maria

Apresenta todos os dias o seu elenco privativo Fernando Farinha, Eduarda Maria, Mário Rocha, Isabel d'Oliveira, acompanhados por: Fontes Rocha e Alberto Correia.

Futebol de garfo

Se vai a Setúbal ver o Belenenses, passe por Sesimbra e almoce por 35\$00 no ESPADARTE, onde encontrará saborosos peixes e mariscos e a verdadeira caldeirada. Confortáveis aposentos sobre o mar. Preço especial fim de semana. T. 029189.

Jante no CASINO ESTORIL; o único restaurante «Music-hall» de Portugal. Além de assistir a um esplêndido programa de variedades, terá a certeza de um serviço requintado!

DESPORTOS

«REGIONAL» DE BASQUETEBOL

Queluz e Nacional registaram dois bons triunfos

Principiou ontem, no Pavilhão dos Desportos, a segunda volta do campeonato regional da Divisão de Honra, com dois resultados surpresa — a derrota do «leader», frente ao Nacional, e a vitória do Queluz perante o entusiástico Tabacos. Estes dois factos vieram dar ao torneio uma maior dose de interesse. A classificação ficou assim ordenada:

	J.	V.	E.	D.	P.	score
Sporting ...	8	7	—	1	22	624-384
Belenenses ...	8	7	—	1	22	529-382
Benfica ...	8	6	—	2	20	468-394
Nacional ...	8	3	—	5	14	374-389
Tabacos ...	8	3	—	5	14	416-495
Atlético ...	8	2	—	6	12	383-476
Queluz ...	8	2	—	6	12	336-452
C. A. C. O. ...	8	2	—	6	12	341-499

Os «azuis» não jogaram o suficiente para evitar a sua primeira derrota que começou a desenhar-se no segundo tempo. O Nacional, graças a uma reacção vibrante, impôs-se quando o marcador atingiu a igualdade (48-48). Destaque-se o excelente labor de Claudino que anu-

Belenens., 53-Nacional, 55
Benfica, 51-Atlético, 37
Tabacos, 49-Queluz, 56
Sporting, 69-C. Ourique, 42

lou o perigoso rematador do Belenenses, Franco. Na totalidade, os «azuis» conseguiram 15 cestos contra 24 do Nacional.

O Benfica não experimentou grandes dificuldades para bater o Atlético, que ainda não acertou o passo convenientemente, mas a coesão da turma dos «encarnados» andou arredia, principalmente, na primeira parte. Os Alcantarenses «viveram» da boa mão de Costa e da vontade de Edgar.

A vitória do Queluz, aceita-se sem rebuço, devido, principalmente, ao empenho posto na luta a partir do segundo tempo, e do bom trabalho de Vítor Silva.

O Sporting, actuando sem pressas nem preocupações, dominou o Campo de Ourique, mas os «leões» podem e devem fazer melhor.



— Cem jogos sem castigos, hein?!... Menino Bonito!... Agora não faça mal-dades, não?!... Não me faça engolir outros quatro a zero, não?!...

ATLETISMO

Reunião de treinadores

A Federação grega dirigiu um convite aos treinadores nacionais para tomarem parte na 2.ª Reunião Internacional de Treinadores de Atletismo, que se realiza em Atenas, de 4 a 10 de Janeiro de 1959.

Os interessados podem solicitar esclarecimentos na Federação portuguesa da modalidade.

O «NACIONAL» DA 1.ª DIVISÃO

Benfica e Belenenses

disputam os jogos mais importantes

A 11.ª jornada, a disputar amanhã, engloba dois jogos particularmente importantes, em Évora e Setúbal, onde se deslocam o «guia» e o 2.º classificado. Qualquer deles arrasta falanges de apoio consideráveis o que admite desde já duas lotações completamente esgotadas. Os desafios são os seguintes:

V. Guimarães-Caldas
C. U. F.-Académica
Sporting-Sp. Covilhã
Lusitano-Benfica
V. Setúbal-Belenenses
F. C. Porto-Barreirense
Torriense-Sp. Braga

Verifica-se que a perspectiva de sensíveis alterações na classificação entra no domínio das previsões. Dos seis 1.ºs classificados, somente o Benfica e o Belenenses jogam fora de «casa». Enquanto os «encarnados» defrontam uma equipa do meio da tabela, os «azuis» têm por adversário os Setubalenses, que fazem parte do grupo dos melhores. Afigura-se, portanto, mais difícil a tarefa dos belenenses.

Nos restantes encontros, constata-se que o Vitória de Guimarães — a revelação do campeonato — recebe o C. U. F., pelo que é amplo favorito; que o F. C. Porto, no seu ambiente, não deve dar largas ao Barreirense e que o Torriense, após a «goleada» de domingo, pensará, a todo o transe, na necessária reabilitação, pelo que o Sporting de Braga terá de se acautelar convenientemente, se, na realidade, projecta repetir o excelente empate registado contra os Barreirense.

Há uma tradição nas visitas do Benfica a Évora. Os Alentejanos capricham sempre em oferecer uma réplica, plena de brio e de entusiasmo. Amanhã, sucederá o mesmo. Mas, em contrapartida, os «encarnados» vão devidamente prevenidos e como possuem uma equipa estruturada, que sabe marcar golos nos momentos oportunos, é de crer que a tarefa dos lusitanistas não seja tão fácil como outrora.

A circunstância do Benfica não ter sofrido uma única derrota, mas em três deslocações ter empatado; reforça a previsão de um empate. Em todo o caso, a capacidade rematadora dos lisboetas pode resolver o assunto. Tudo depende da maneira como se desenharem os lances do primeiro quarto de hora.

O Belenenses que conta com um «onze» excelentemente moralizado

Sporting Club de Portugal

Assembleia Geral Extraordinária

AVISO

Em virtude do pedido colectivo de demissão dos Corpos Gerentes, convoco, de harmonia com o Art.º 80.º dos Estatutos, a Assembleia Geral Extraordinária do SPORTING CLUB DE PORTUGAL, para reunir no dia 15 de Dezembro de 1958, sendo objecto da reunião:

1.º — Votar as listas dos órgãos directivos que não-de exercer as suas funções durante o ano de 1959 e ainda Dezembro de 1958, bem como a lista dos delegados do clube à Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio. A Assembleia Geral realiza-se na Sede do Sporting Club de Portugal, Rua do Passadiço, 86, pelas 17 horas, e não podendo funcionar por falta de «quorum» à hora marcada, funcionará em segunda convocação, às 18 horas, com qualquer número de sócios, dando-se imediato seguimento à eleição dos órgãos directivos.

A votação das listas dos Corpos Directivos encerrar-se-á às 23 horas, procedendo-se, seguidamente, ao respectivo apuramento e proclamação dos eleitos.

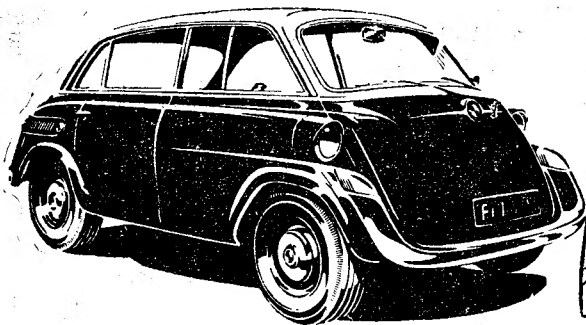
Lisboa, 6 de Dezembro de 1958.
O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL

Dr. Tito Castelo Branco Arantes

Jante no CASINO ESTORIL; o único restaurante «Music-hall» de Portugal. Além de assistir a um esplêndido programa de variedades, terá a certeza de um serviço requintado!

A Família...

...esta mais unida quando possui um:

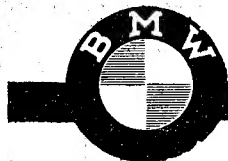


BMW 600

O BMW 600 chega a toda a parte. Transporta quatro pessoas e vária bagagem. Gasto pouco mais de 20 centavos por quilómetro.



Garantido pelo Distributivo «Azul e branco»



AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 3 A LISBOA

REPRESENTANTES EM PORTUGAL:

FRANCISCO BATISTA RUSSO & IRMÃO

ÓSCULA DIARIAMENTE ÀS 13 E ÀS 19.40 AS RUBRICAS «ADVENTURA MUSICAL» E «INTERVALO MUSICAL» PROGRAMADAS PARA FRANCISCO BATISTA RUSSO & IRMÃO

e apto, sob o ponto de vista técnico, terá contra si o factor de ir actuar num campo «pelado», cujas dimensões não são propícias ao desdobrar de uma manobra ampla. Por outro lado, os Sadinos constituem um grupo combativo e que sabe interceder os seus pensamentos. Tem-se a impressão de que a defesa belenense desempenhará uma acção relevante mas os seus avançados — «Mataleu» deu sinais de querer ser outra vez o temível rematador de outros tempos — podem dizer também uma palavra.

No vaticínio, entra um empate. Mas admite-se que o grupo lisboeta seja capaz de ganhar pela tangente.

O Sporting, com mais uma nova formação em consequência de uma infeliz «onda» de lesões, recebe os Covilhanenses. Talvez a inclusão de Vasques e Travaços a acolitem Caraballo e o reaparecimento de Morais consigam imprimir ao ritmo ofensivo a conclusão indispensável. A perspectiva é por isso alucinante, já que o favoritismo deve ser atribuído aos homens de Alvalade.

A Académica desloca-se ao Barreiro para dar luta à C. U. F. O jogo afigura-se interessante, em face da subida de forma dos estudantes, aliás, patenteada frente ao Sporting. A homogeneidade dos cufistas deve, porém, resolver a contenda.

Corrida de galgos

«Provas de juniores»

A secção lebreira do Lusitano Ginásio Clube leva a efeito, no próximo dia 14, a «Prova de Juniores», competição de galgos a que podem concorrer exemplares com a idade máxima de 18 meses.

Como esta prova é reconhecida pela secção de canicultura do Clube dos Caçadores Portugueses e em cumprimento do seu regulamento, só serão admitidos exemplares inscritos no Registo Inicial ou no Livro Português de Origens.

A inscrição encerra-se no dia 10.

PUGILISMO

Don Jordan é o novo campeão mundial dos «meios-médios»

LOS ANGELES, 6.—Don Jordan, desta cidade, arrebatou o título mundial dos «meios-médios» a Virgil Akins, num combate disputado ontem, em 15 assaltos, cuja pontuação foi favorável a Jordan.—(R.).

Belarmino Fragoso joga hoje com o campeão da África do Sul

LOURENÇO MARQUES, 6.—E' grande a expectativa pelo combate desta noite, no Estádio do Malhagalene, em que se defrontam os pugilistas Belarmino Fragoso e Van Rensburg, campeão dos leves, respectivamente, de Portugal e da África do Sul, num combate de 10 assaltos.

Os dois pugilistas têm-se preparado convenientemente, donde se prevê que se assista a um dos mais duros e emotivos combates realizados em Moçambique.—(L.).

BENFICA

EM ÉVORA

DOMINGO, 7 DE DEZEMBRO

PARTIDA A'S 7 HORAS

SAIDA DE EVORA A'S 18 H.

PREÇO 55\$09

EM LUXUOSOS AUTOCARROS DE

Isidoro Duarte

UMA ORGANIZAÇÃO DA

RODARTE

R. PALMA, 159-A — Tel. 861214

DESPORTOS

Várias provas de amanhã

TORNEIOS DE FUTEBOL

Os guias do Nacional (2.ª Div.) têm amanhã deslocações que exigem cautelas

Concluída no último domingo a primeira volta do Campeonato Nacional da 2.ª Divisão (embora esteja atrasado o jogo Arroios-Desp. de Beja, da Zona Sul), já amanhã começa a «reprise», por muitos dos clubes aguardada com o maior empenho, uma vez que se torna possível a rectificação ou confirmação dos resultados feitos há treze semanas.

O programa da Zona Norte reserva-nos os seguintes desafios:

Vianense (10)-Espinho (12)—(2-0)
G. Vicente (10)-V. Real (14)—(1-4)
Boavista (20)-Sanjoan. (13)—(0-1)
Oliveir. (16)-Salgueir. (14)—(3-2)
Chaves (14)-Portalegr. (4)—(5-1)
Peniche (13)-Leixões (20)—(0-4)
Tirsense (10)-Marinh. (1)—(0-5)

Os jogos de maior interesse são os que se realizam em Oliveira de Azeméis e em Peniche, mormente o último, visto que admitida a hipótese do Boavista ganhar no seu campo, o Leixões precisa de triunfar para não perder a sua posição de guia. Boavista e Chaves são as únicas equipas a quem se pode conceder favoritismo mais franco. Todos os outros desafios são de difícil vaticínio quanto ao vencedor.

*

Os encontros previstos na Zona Sul são os seguintes:

Oriental (15)-Montan. (19)—(1-4)
Arroios (7)-Montijo (15)—(0-2)
Sacavenense (11)-Beja (8)—(0-1)
Almada (15)-Atlético (23)—(0-5)
Farense (12)-Estoril (15)—(0-1)
Serpa (12)-Juventude (9)—(0-2)
Coruchen. (7)-Portim. (12)—(3-4)

Os desafios de Marvila e de Almada merecem a primazia nesta jornada de começo da 2.ª volta, sobretudo, o primeiro. Em ambos os grupos da casa vão esforçar-se por alcançar desejadas desforras, mas o Oriental afigura-se mais capaz de o conseguir, do que o Almada. E se assim acontecer, o Atlético ficará numa posição invejável... O Arroios e o Coruchense vão dar tudo por tudo para vencerem e iniciarem uma recuperação indispensável para as suas aspirações, mas as suas vitórias são muito difíceis de obter. Nos restantes encontros são favoritos o Sacavenense, o Farense e o Serpa.

As competições da A. F. L.

A contar para as várias provas que a Associação de Futebol de Lisboa tem presentemente em curso, com excepção do torneio de reservas, está prevista a realização de 40 desafios. Assim:

Camp. Distrital da 1.ª Divisão (13.ª jornada) — Sintrense-Casa Pia, em Sintra; Fut. Benfica-Vitória, em «Francisco Lázaro» — ambos às 13 e 15 horas, respectivamente, em reservas e honra; Operário-Vilafranguense, no campo «Armínio de Carvalho» (Chelas); Alverca-Desp. dos Olivais, em Alverca — ambos às 13 e 30 e 15 e 30 horas, respectivamente, em reservas e honra.

Camp. Distrital da 2.ª Divisão (4.ª jornada) — Santa Iria-Castelo, em Santa Iria; E. Amadora-Palmense, na Amadora; Charneca-U. Povoense, no campo Chão do Loureiro; Amoreiras-Ericeirense, no campo «Pina Manique» (treinos) — todos às 15 horas; S. L. Fânhões-Odivelas, no campo da Matinha (Fânhões), às 15 e 30 horas.

Camp. Distrital da 3.ª Divisão—Série A (1.ª jornada) — Lourel-Queluz, no Lourel; Cascalheira-Belas, no campo «José Ramos» (Palma); 1.ª de Dezembro-Cacém, em S. Pedro de Sintra; Alto da Eira-U. Algés, no campo do Carrascal; L. a-Velha-Carcavelos, no Estádio Nacional (treinos) — todos às 15 e 30 horas. **Série B (2.ª jornada)** — Bucelenses-Zambujalense, em Bucelas; Camarate-Vialonga, em Camarate; Castanheira-Pinheiro de Loures, na Castanheira; Canegães-Ponte de Frielas, em Canegães; Povoense A. C.-Loures, na Póvoa; Malveira-Tojal, na Malveira — todos às 15 e 30 horas.

Camp. de Juniores da 1.ª Divisão (13.ª jornada) Série A — Cas-

calheira-Sporting e Palmense-U. Algés — ambos no campo «José Ramos» (Palma), respectivamente, às 9 e 30 e 11 horas; Estoril-Belenenses, no campo da Amoreira, às 10 horas; Arroios-Atlético, no campo «Alfredo Marques Augusto», às 10 e 30 horas. **Série B** — União Povoense-Oriental, no campo do Telhal (Póvoa); S. L. Olivais-Charneca, no campo «Alvaro Gaspar»; Alhandra-Vialonga, no campo da Hortinha (Alhandra) — todos às 10 e 30 horas.

Camp. de Juniores da 2.ª Divisão (3.ª jornada) Série A — Santa Catarina-Operário e Linda-a-Velha-Vitória — ambos no campo «Pina Manique» (treinos), respectivamente, às 9 e 30 e 11 e 15 horas; U. Algés-Carcavelos, no campo «A. E. Simões Alves» (Algés), às 10 e 30 horas. **Série B** — Sintrense-F. Benfica, em Sintra, às 10 e 30 horas; Sporting-Rio de Janeiro, no Estádio «José Alvalade» (treinos); Casa Pia-E. Amadora, no campo «Pina Manique» — ambos às 11 horas. **Série C** — Oriental-Desp. Olivais, no campo «Eng. Carlos Salema», às 10 horas; Sacavenense-Santa Iria, em Sacavém; Alverca-Camarate, em Alverca — ambos às 10 e 30 horas.

HOJE, À NOITE

ASSEMBLEIA — No Oriental, às 21 horas, assembleia geral extraordinária para apreciação de uma proposta da direcção.

SESSÃO SOLENE — O Pedrouços promove uma sessão solene, às 21 e 30 horas, para distribuição de prémios a que se seguirá um baile.

TÊNIS DE MESA — Início do torneio de senhoras, às 21 e 30 horas, com os encontros Sporting B-Sporting A e Benfica-Belenenses.

XADREZ — No Grupo Alekhine, às 21 horas, princípio do campeonato interno de 1.ª categoria.

Manuel Faria

corre amanhã

em Barcelona

BARCELONA, 6.—O corredor português Manuel Faria, o campeão olímpico Minoun, da França, e o espanhol Barris, vencedor da prova de juniores do ano passado, estarão presentes no «Grande Prémio Internacional da Cidade de Barcelona» e no «Troféu Jean Bouin», que se disputam amanhã, pelas principais ruas de Barcelona.

E, sem dúvida, esta é a mais importante corrida pedestre, sobre circuito urbano, que se disputa em toda a Espanha, encontrando-se toda de grande numero de prémios, entre os quais se conta a Taça «Cidade de Barcelona», oferecida pelo Município da capital catalã.—(A. N. I.).

ACTIVIDADES DA M. P.

Campeonato de Futebol, de iniciados, da ala de Lisboa. — Jogos da 1.ª jornada — Casa Pia (sec. Pina Manique)-Casa Pia (sec. Maria Pia) e Instituto Pupilos do Exército-Liceu Francês — ambos no Estádio Nacional, às 10 e 11,15 horas, respectivamente.

ANIVERSÁRIOS

Continuação das comemorações do 40.º aniversário do Lisboa Ginásio Clube: almoço da Velha Guarda; últimos encontros do torneio de handebol de 7, em Campo de Ourique, às 21,30 horas; serão de arte, seguido de baile, na sede do clube.

—O Clube Internacional de Futebol, promove ao comemorar o seu 56.º aniversário, no seu campo das Telheiras: encontro de basquetebol, «Velha guarda» do C. I. F. — Arbitros de Lisboa, às 10 h.; torneio de futebol, inter-sócios, às 11,30: torneio feminino de ténis, C. I. F.-C. D. U. L.

BASQUETEBOL

Prosseguem os campeonatos da A. F. L., da 3.ª Divisão, de Juniores e de infantis. Eis o programa:

3.ª Divisão — Série A — P. Arcos-S. Catarina, em Paço de Arcos, e Pedrouços-Combatentes, em Pedrouços, às 10 e 11 h. (2.ª e 1.ª); E. Física-Internacional, em Torres Vedras.

Juniores e Infantis — Série A — E. Física-C. Quebradense, em T. Vedras, às 11 e 12; Benfica-Oriental, no C. Grande; Sporting A-Sacavenense, no Passadiço, ambos às 10 e 11 h.

Série B — L. Ginásio-Algés, em S. Gens; C. Ourique-Pedrouços, em C. Ourique; Boa Hora-Sporting B, na Boa Hora, às 10 e 11 h.

Série C — Nacional-Ateneu (só juniores) em S. Bento; Atlético-Queluz,

na Tapadinha; Carnide-Alvalade (só juniores) em Carnide, às 10 e 11 h.

Série D (só juniores) — Benfica B-Arroios, no C. Grande, às 9 h.; Combatentes-Tabacos, na R. Possidónio da Silva, às 10 h.; Maria Pia-C. D. U. L., em S. Gens.

DESPORTO CORPORATIVO

17.º Campeonato Nacional de Futebol. 1.ª Divisão — 6.ª jornada: Companhia Carris-Of. S. Jos., em Belém, às 13 h.; F. C. Regina-C. P. Pesca, na Picheleira (Telef.), às 13 h.; S. C. Cervejas-Ref. Ultramar, no E. Nacional, às 11 h.; F. C. Tejo-C. Telekom, em Alhandra, às 10 h.; F. C. Sacavém-S. C. Guérin, em Sacavém, às 10,15 h.

2.ª Divisão—5.ª jornada: Simca Portuguesa-Cinema Condes, S. N. Panificação-C. Monsanto e Comp. Carris-C. N. Electricidade, em Belém, respectivamente, às 9, 11 e 15 h.; F. Simões-B. Carenque, Prof. de Comércio-F. C. Regina e Ag. Com. Sueca-Ar. Líquido, na Picheleira (Telef.), respectivamente, às 9, 11 e 15 horas; Standart Eléctrica-S. C. Cervejas, no Estádio Nacional (treinos), às 9 h.

Campeonato Nacional de Basquetebol, da 1.ª Divisão — 3.ª jornada. F. C. Regina-Comp. Carris, S. P. Seguros-Ferrovários do Barreiro e S. C. Guérin-Robbialac, no campo do Porto de Lisboa, às 9, 10 e 11 horas, respectivamente.

HANDEBOL DE 11

Campeonato de Lisboa da Divisão de Honra (5.ª jornada): Benfica-Sporting, no Campo Grande, às 9 e 10,30 h., respectivamente, em 2.ª e 1.ª; Liberdade-F. C. Glória, na Cova da Piedade, às 9 h., em 1.ª.

Campeonato de Lisboa da 1.ª Divisão (5.ª jornada): Acad. Amadora-Ginásio do Sul, na Amadora (campo do Estrela) às 9 h.; Cova da Piedade-Hoquei, na Cova da Piedade, às 10,30 h.; R. Janeiro-Alhandra, em «Pina Manique», em hora por designar.

HOQUEI EM CAMPO

Campeonato de Lisboa—2.ª jornada da 2.ª volta: E. Amadora-Belenenses, na Amadora, às 11 h.; Futebol Benfica-Hoquei, no campo «Francisco Lázaro», às 10 h.; S. L. Benfica-Atlético C. P., no Campo Grande às 13,30 e 15 horas, respectivamente.

HOQUEI EM PATINS

Campeonato Nacional de Juniores (4.ª jornada): C. de Ourique-E. L. de Azeméis e Cascais-A. A. Espinho, no Pavilhão dos Desportos, às 11 e 11,45 horas, respectivamente. **Campeonato Nacional da 1.ª Divisão** (Poule de apuramento da Zona Norte). 2.ª mão da 3.ª eliminatória: Académico de Basquetebol-S. C. Vianense, em Braga, às 11 h.

RAGUEBI

Torneio de Abertura (Taça «António Valente») 2.ª jornada — Série A: Internacional-Sporting A, nas Telheiras, às 9,30 h.; Belenenses A-Agronomia, no E. Universitário, às 10 h. **Série B:** Sporting B-Benfica B, no Estádio Alvalade, às 9 h.; Belenenses B-Direito, no Restelo, às 9 h.

TÊNIS DE MESA

Campeonato de Lisboa (equipas), de infantis. 2.ª jornada — Série A: Benfica B-Arroios B, Estoril-Sporting A e Ateneu Comercial-Mirantense B — todos nas mesas dos clubes, indicados em primeiro lugar, às 10 horas. **Série B:** Arroios A-Sporting B, Académico-Mirantense A e C. Católico-Belenenses — todos nas mesas dos clubes indicados em primeiro lugar às 10 horas.

VOLEIBOL

Excelente vitória da A. da Amadora

A Académica da Amadora conseguiu ontem uma excelente vitória sobre o grupo do Benfica B. Tendo perdido os dois primeiros «sets», por 15-3, reagiu de maneira categórica. Fazendo valer a sua defesa-baixa, perturbou os «encarnados» e dominou-os, graças também a uma boa entreadada e muita alegria. A melhor técnica individual dos vencidos não chegou para contrabalançar a superioridade dos vencedores. Nomes a destacar: Nuno Silva e António Vilela, na A. da Amadora, e Fernando Reis e José Alexandre, no Benfica.

O Lisboa Ginásio e o Académico, embora desfalcados, travaram um despique curioso, repleto de boas fases. A vitória sorriu naturalmente aos campeões nacionais da 2.ª Divisão. Distinguiram-se Jaime Duarte e Cunha, entre os ginastas, e Rui Pinhão e Marques da Costa, no Académico.—N. M.

Quem pesca...



NO POÇO DA FORTUNA

NÃO VOLTA DE MÃOS VAZIAS!

Compre nos Estabelecimentos NORA a aparelhagem doméstica que necessita e será SEMPRE beneficiado pelo POÇO DA FORTUNA!

OFERTA DE ARTIGOS ELÉCTRICOS VARIADOS
POSSIBILIDADE DE RECEBER O VALOR DO ARTIGO
QUE COMPRA ... COMPLETAMENTE DE GRÇA!

NORA - NOVA ORGANIZAÇÃO DE RÁDIO

RUA DA VITÓRIA, 59 • LISBOA

Morreu o infeliz garoto

que satisfez o último desejo
de comer um pêssego
graças à solidariedade dos homens

LONDRES, 6. — Morreu no hospital o garoto de 10 anos, que deu origem à magnífica e tocante história de solidariedade humana. Os homens de três continentes andaram à procura de pêssegos, que a criança apeteceu no dia dos seus anos. E antes de morrer pôde satisfazer esse seu último desejo. Uma dúzia de pêssegos da Riviera Francesa chegaram junto do seu leito e ele ainda comeu um, antes de exalar o último suspiro. Morreu, tranquilamente, durante a noite.

Pouco depois, chegaram mais quatro dúzias de pêssegos, remetidos de comboio e de avião, da Grécia, da França, da África do Sul e dos Estados Unidos. Serão distribuídos por outras crianças internadas no hospital.

O «Daily Mirror», acedendo ao comovente apelo dos pais do infeliz garoto, organizou a campanha mundial para se encontrarem os pêssegos. E ontem disse que a criança estava tão doente que não poderia comer mais do que o pêssego que pedira.

O «Dr. Jivago» foi julgado na tribuna da O. N. U.

NOVA YORK, 6. — Uma referência à discutida novela «Dr. Jivago», do escritor russo Pasternak, originou troca acerba de palavras na Comissão de Curadorias da Assembleia Geral.

Manuel Aznar (Espanha) declarou que o livro era «um exemplo de como a política se pode envolver no Prémio Nobel».

O representante soviético V. N. Bendryshev declarou: «Esta Comissão não é um clube literário, onde obras difamatórias podem ser discutidas. Coloque-me sob a sua protecção, senhor presidente!».

O presidente, Frederick Boland (Irlanda) declarou: «O Prémio Nobel não tem lugar nesta discussão».

Aznar continuou, no entanto, a referir-se ao livro e Boland pediu-lhe para «se abster de citar essa novela, o que inevitavelmente conduziria a interrupções».

Interviu o delegado australiano Kevin Kelly: — «Se podemos citar «D. Quixote» porque não podemos aludir a «Dr. Jivago»?»

O presidente retorquiu que «D. Quixote» e «D. Juan» não davam lugar a discussão, mas que o «Dr. Jivago» a provocava.

Bendryshev pediu, de novo, ao presidente para chamar o senhor Aznar à ordem e preveni-lo para que falasse sobre a substância da questão, perguntando: — «Qual é a ligação que existe entre difamação e os assuntos que estamos a discutir nesta Comissão?».

O delegado de Portugal, depois de declarar que não havia motivo para que o delegado espanhol fosse chamado à ordem, observou que «em regra geral, todos os livros importantes são alvo de controvérsias».

Finalmente, depois de o presidente ter insistido no seu pedido aos oradores, o delegado da Espanha declarou: — «Embora se trate de um critério quase escandaloso, aceito o vosso pedido». — (R. e A. N. I.).

O pequeno faleceu devido a um cancro numa perna, que se manifestou depois de ter dado uma queda, há seis meses. — (R. e F. P.).

Nasceu com um coração de rã que os cirurgiões reconstruíram

LONDRES, 6. — Uma equipa de doze cirurgiões reconstruiu o coração de um garoto de 7 anos, que o tinha desde nascença semelhante ao de uma rã. O garoto vive agora normalmente, algures na Europa.

Os cirurgiões do hospital Hammersmith de Londres abriram o peito do garoto procurando uma abertura nas paredes cardíacas, mas verificaram que o coração era do tipo do coração das rãs, apenas com um ventrículo inferior. Obrigaram, então, o coração a parar e depois fizeram passar a circulação sanguínea através de um coração-pulmão artificial.

O verdadeiro coração esteve parado durante meia hora enquanto um cirurgião o abria e cosia no seu lugar uma membrana plástica para dividir em dois o ventrículo.

Passada uma semana o garoto estava de pé e, decorridas mais duas, teve alta do hospital. Agora pode correr como os outros garotos, sem lhe faltar a respiração. — (Reuter).

Morreu mais uma das crianças vítimas do incêndio de Chicago

CHICAGO, 6. — Vitor Jacobellis, um garoto de 9 anos, faleceu, durante a noite, num hospital. É a 91.ª vítima do incêndio que destruiu, na segunda-feira, a Escola de Nossa Senhora dos Anjos.

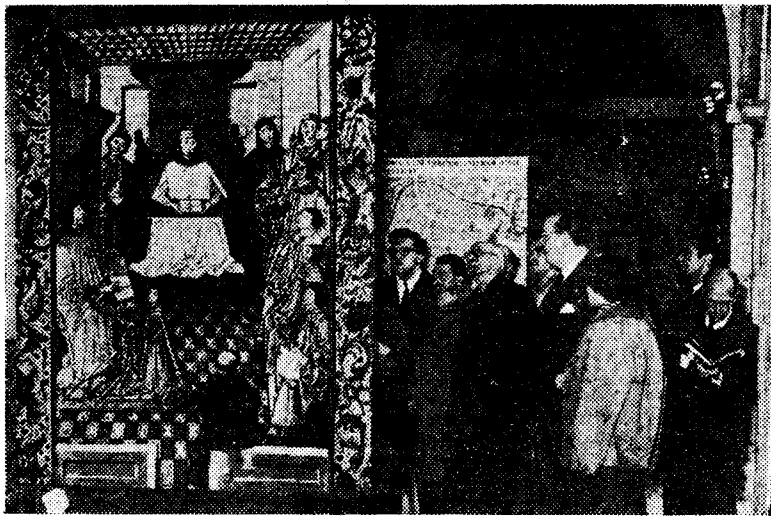
Morreu quando se realizava o funeral dos seus 87 companheiros de escola, que pereceram no sinistro, juntamente com as três freiras que os ensinavam. — (R.).

Partiu para Londres o chefe do Estado- -Maior da Armada

No avião da T. A. P., partiu hoje para Londres o sr. almirante Guerreiro de Brito, chefe do Estado-Maior da Armada, que, a convite do Almirantado inglês, vai participar na discussão de um importante exercício naval da N. A. T. O. e noutras cerimónias, já elaboradas, pelo que se demorará até ao próximo dia 15.

Compareceram no aeroporto a apresentar cumprimentos de despedida os srs. comandantes Freitas Branco e Alvarenga, em representação, respectivamente, dos srs. ministros da Defesa e da Marinha; comandante Andrade e Silva, pelo Secretariado da Defesa Nacional; almirante Nuno de Brion, comandante da Força Naval da Metrópole; almirantes Esparteiro e Castela, respectivamente, director do Instituto Superior Naval de Guerra e superintendente dos Serviços Gerais da Armada, comodoro Noronha Andrade e comandante Pestana Malhado.

Também num avião da T. A. P. seguiram para Londres e Paris, em missão do Secretariado da Defesa Nacional, os srs. general Frederico Vilar, tenente-coronel Freitas Soares e capitão Gomes Cardoso.



O dr. Azeredo Perdigão guia a visita

Uma exposição evocativa da rainha D. Leonor organizada pela Fundação Gulbenkian

Inaugurada pelo Chefe do Estado, abre hoje, na Madre de Deus, a exposição evocativa da rainha D. Leonor, que a Fundação Calouste Gulbenkian organizou e se integra nas comemorações do V centário do nascimento daquela nobre figura da História portuguesa.

De manhã, os representantes da Imprensa visitaram o convento onde, com um equilíbrio, um gosto, um admirável sentido de modernidade e visível critério pedagógico, a Fundação Gulbenkian pôs de pé uma exposição notável.

Recebidos e acompanhados pelo dr. Azeredo Perdigão, presidente da Fundação, que pronunciou algumas palavras introdutórias, pelo prof. Artur Nobre Gusmão, professor de História de Arte da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa e pela dr.ª Maria José de Mendonça, conservadora do Museu Nacional de Arte Antiga e consultora da Fundação, os jornalistas percorreram o antigo convento onde, numa montagem do arquitecto Conceição

Silva, se distribuem as diversas partes da exposição, desde os quadros indicativos da época em que viveu D. Leonor, às secções «A Rainha e os Artistas», com peças do Museu de Arte Antiga, onze telas, um precioso relicário, quadros pertencentes ao convento, e «A Rainha e as Misericórdias», com curiosas bandeiras de feição popular e inúmeros documentos. Entre outras obras, uma tela de Matsys, quadros do mestre Sardoal com a insígnia da Rainha, incunábulos impressos por sua ordem, um exemplar da primeira compilação das obras de Gil Vicente, o «Fons Vitae», que a Misericórdia do Porto nunca cedeu para qualquer certame, o painel da Misericórdia de Sesimbra, um baixo-relevo em pedra do Museu Machado de Castro. Num claustro de maravilhoso equilíbrio, a moldagem do tumulo de D. João I e D. Filipa de Lencastre da Batalha.

A exposição aberta à noite (terças, quintas e sábados) e todas as tardes, com iluminações especiais e concertos de música gravada com composições da segunda metade do século XV e da primeira do século XVI, está patente ao público num dos mais interessantes (e desconhecidos) conventos do País. A Fundação Gulbenkian restaurando completamente o edifício que parecia condenado, gastou com as obras e a organização do certamente, cerca de 3.000 contos, sendo de apontar uma comparticipação de 700 contos do Ministério das Obras Públicas. Eis aqui uma exposição que o público deve ver porque constitui uma lição de Arte e de História.

O Chefe do Governo fala hoje na posse da Comissão Executiva da U. N.

Foi marcada para as 18 horas de hoje a cerimónia da posse da nova Comissão Executiva da União Nacional, a que vai presidir o sr. dr. Castro Fernandes.

Conferirá a posse, na sua qualidade de presidente da Comissão Central, o sr. prof. dr. Oliveira Salazar, que pronunciará um importante discurso que a Emissora Nacional retransmitirá.

Além da o h

uma actividade preve
— disse o dire

(Continuação da 1.ª página)

zação, como na Idade Média, o hospital é predominantemente religioso; se esse centro passa a ser o homem, como nos tempos modernos iniciados na Renascença, temos o hospital humanista; se ao homem se substitui a ciência como no século passado, surge o hospital predominantemente médico e técnico; se a Ciência se substitui o Estado, como agora sucede em algumas latitudes, há que sofrer o hospital socializante.

Ocupou-se do conceito da segurança social, «agora tão falado, tão combatido e tão incompreendido»:

— Chego muitas vezes a ter medo só de lhe pronunciar o nome. Há muita gente boa que o tem por invenção de espíritos maus, inscritos no partido socialista de qualquer país, definitivamente perdido. Nada mais injusto. A segurança social pode ser efectivamente socialista, mas também pode ser liberal, cooperativa ou corporativa, tal como a assistência, a previdência, os seguros e a própria economia geral. Pode ser mal usada? Sem dúvida. Mas também podemos transviar a caridade e a previdência, as finanças e a educação. O que não podemos ignorar é que o desejo de segurança nunca foi tão geral e tão intenso como nos tempos de hoje. E temos de compreender que esse desejo gera, quando não satisfeito, uma angústia integral que atinge a totalidade do homem naquilo que lhe é especificamente individual e no sentido social que o domina.

Concluiu esta parte do seu trabalho, dizendo que «a segurança social é a solidariedade organizada».

Sessão consagrada às M

Como desdobramento da 2.ª sessão efectuada anteontem e que foi suspensa, por falta de tempo para serem apresentados todos os trabalhos, decorreu, esta manhã, sob a presidência dos srs. drs. Fernando Correia e Machado Fontes, uma viva sessão consagrada à historiografia das Misericórdias. O delegado brasileiro ao Congresso, sr. dr. Divaldo de Freitas apresentou uma larga e elucidativa história das misericórdias do Brasil. O sr. dr. Fernando Correia, como homenagem a esse admirável movimento criador brasileiro de misericórdias pediu que o orador pronunciasse o nome das 338 localidades do Brasil em que há Misericórdias (a maior parte das quais já nascidas depois da sua independência, o que lhes dá particular sentido e significado), sendo depois aprovado um voto de saudação a cada uma dessas instituições.

Comovidamente, o dr. Divaldo de Freitas leu uma notícia inserta num jornal brasileiro em que se lançavam as bases da 339.ª misericórdia do grande país irmão. Uma enfermeira (D. Beatriz Cruz) na mais jovem cidadezinha brasileira (Petrovina) que principia agora a desbastar as florestas de S. Francisco, pedira a todos telhas, pedras ou cal para construir a sede da sua Misericórdia. Sem conforto está instalada no

Dinheiro

LISBOA
Rossio, 3
Tel. 21391
30257

EMPRESTAMOS
s/ automóveis e prédios
2 E 24 HORAS. JURO DE LEI
MÁXIMO SEGREDO
AVALIACOES
GRÁTIS

PORTO
R.P. Manuel
14 Tel.
27011 28721

A CONFIDENTE

a maior organização do país

BARRETE VERDE

BENAVENTE — Telefone 74

«O mais luxuoso e típico restaurante do Ribatejo»

DOMINGO, 7 E SEGUNDA-FEIRA, 8 (FERIADO)

RANCHOS FOLCLÓRICOS, ACORDEONS, CANTARES REGIONAIS, VOCALISTA, FANDANGUISTAS, ETC.

EMENTA: sopa á camponesa, sopa á Portuguesa, Caldeirada á Rio Sorraia, Garoupa á Pescador, Filetes á Campino, Ensopado de cruquias, bacalhau na canoa, chisalhada com todos, carne de vaca á canja, guisado especial á moda da casa, lombo de porco á regional, cabrito á BARRETE VERDE, febras de porco na brasa, etc., etc. (6 anos)

Informações e marcações na

AGÊNCIA DE VIAGENS RODARTE

RUA DA PALMA, 159-A — Telefone 861214

Nogueira

NOGUEIRA -

RUA NOVA DO ALI

TELEFONES 2

UM DOS MAIS ELEGANTES I

EUROPA REABRIU COMPL

— DECORAÇÃO DE ED

função curativa

hospital do futuro deve ter

função curativa, educativa e recuperadora

por da Faculdade de Direito de Coimbra

em escalão nacional, assim como a previdência é a solidariedade nas profissões e a assistência, a solidariedade entre os indivíduos.

Tratou de «O hospital na segurança social», dizendo que a doença é, ao mesmo tempo, um facto individual, um facto familiar, um facto profissional e um facto social, e afirmando que o hospital foi «promovido, por mérito próprio, a grande senhor dos modernos sistemas de segurança social».

Encarou o hospital como centro de serviço social, centro de saúde, centro de ensino e centro de investigação.

Salientou que no hospital «se reúnem todos os meios de combate à doença, porque a ele têm de recorrer todas as classes da nação, qualquer que seja a capacidade económica».

—Só os hospitais, como resultantes de poupanças colectivas, são capazes de reunir e manter tão extraordinário arsenal da defesa da saúde. E poucos indivíduos têm já capacidade económica para, no momento da doença, retirar de uma só vez das suas economias o necessário para pagarem o tratamento. Há doentes que, num só dia de hospitalização, gastam mais do que o seu rendimento de um ou vários anos.

Acentuou que o hospital exerce, como centro de saúde, «três tipos de funções a que já se chamaram três fases da medicina: a preventiva, a curativa e a recuperadora».

—Dizem os médicos que não tem hoje sentido — ou tem-o cada vez menos — a clássica distinção entre medicina curativa e preventiva. A

Misericórdias brasileiras

mato, numa cabana, tem duas camas apenas, e é frequentada, especialmente, pelos habitantes do interior das florestas.

—Assim nasce mais uma Misericórdia no Brasil! — disse, vibrante e emocionado o dr. Fernando Correia, que nos seus aplausos foi acompanhado por toda a assistência.

ra (D. Beatriz Cruz) na mais jovem lino de Vasconcelos, perguntou-lhe se tinha alguma coisa a opor às palavras do orador. Nada havia, porém, a opor ou a propor, disse o dr. Isolino de Vasconcelos. E teve, então, palavras do maior elogio para quem acabara de apresentar com brilho e ciência a história das misericórdias brasileiras.

(Continua na 14.ª página)

Um morto e nove feridos

num desastre de viação

junto do Viaduto das Aguas Livres

Cerca das 11 e 30, na Estrada da Buraca, junto do viaduto das Aguas Livres, deu-se um espectacular desastre de viação, em que ficaram

feridas dez pessoas, uma das quais, o jornalista Carlos Vitória, acabou por falecer a caminho do Hospital de S. José.

O desastre deve-se ao facto de terem faltado os travões à camioneta sinistrada, a qual seguia carregada com toros de eucalipto. Por isso, o condutor do veículo, David Pereira da Rosa, não conseguiu evitar o embate contra as fachadas de dois prédios, onde estão instaladas uma peixaria e lugar de hortaliça, que ficaram parcialmente destruídas. A camioneta ficou com a cabina toda amachucada.

Os feridos, além do motorista, são os srs. António e Manuel Laureira da Silva, Constantino da Silva Pereira e Ernesto Pereira da Rosa Junior, todos residentes em Santarém, os quais seguiam na camioneta; e Jerónimo do Carmo Figueiredo, de 7 anos, Travessa Marques Lesbro, 13, rés-do-chão, em Benfica, Maria do Carmo Costa Oliveira, de 65 anos, Estrada da Buraca, 23, Maria de Jesus Vitorino, de 63 anos, Estrada do Calhariz de Benfica, 92-A, e Rosa Borrego Amadora, de 63 anos, Largo do Semeado, 10, que se encontravam no local do desastre e foram colhidos pela camioneta desarvorada.



Ao tirar da máscara

Não é só a duquesa de Windsor que tem a fama de ser uma das mais elegantes mulheres da Europa. Ela e aquele que devia ter sido Eduardo VIII de Inglaterra são também um dos mais famosos «couples» em qualquer parte onde se apresentem. Aqui os vemos, em Paris, num baile «masqué», a favor de uma obra de caridade. Compareceram «de tout Paris» e as figuras mundiais mais célebres, sendo emocionante o momento anunciando que era chegada a hora de tirar a máscara...

A informação

à O. N. U.

sobre territórios ultramarinos

NOVA YORK, 6. — A Comissão de Tutelas da Assembleia Geral da O. N. U., aprovou, por 41 votos contra 29 e 4 abstenções, uma moção no sentido de levar a Comissão das Informações relativas aos territórios não autónomos, para apreciação, o resumo dos pareceres manifestados pelos Estados membros, em resposta às notas do secretário-geral sobre as comunicações de dados elucidativos, em virtude do artigo 73.º da «Carta da O. N. U.» (France Presse).

Os presidentes

das Corporações

reuniram-se hoje

com o respectivo ministro

O sr. dr. Veiga de Macedo, ministro das Corporações e Previdência Social, presidiu hoje, no seu gabinete, a uma reunião com os presidentes das Corporações da Lavoureira, Pesca e Conservas, Transportes e Turismo e do Crédito e Seguros, na qual participaram também os vice-presidentes das Corporações dos Transportes e Turismo e da Pesca e Conservas e funcionários superiores do Ministério.

Foram tratados diversos assuntos de interesse para o funcionamento das Corporações e tomadas várias medidas, algumas das quais para imediata execução.

POR FAVOR!
NÃO ESQUEÇA!
NÃO CONFUNDA!
A GRANDE OURIVESARIA
DA MODA é na RUA DA PRAÇA, 257, com mais de meio século de existência.

PASTA MEDICINAL
Coito
EVITA estomatites
TRATA doenças da boca

As lamentáveis contradições (5)

Na revisão em curso da estratégia americana devem considerar-se dois aspectos que oferecem evidente interesse e importância decisiva. O primeiro diz respeito aos objectivos situados em território inimigo para a aviação de bombardeamento atingir; o segundo às missões das tripulações dos seus aparelhos às quais será confiada a tarefa de atacar esse território. Esses aspectos exigem uma transformação radical da situação actual e da sua própria natureza e características.

Nos planos elaborados pelos chefes militares americanos, que em caso de guerra seriam postos em prática, a aviação estratégica americana visaria exclusivamente os centros onde se concentra a capacidade de represália da U. R. S. S. — campos de aviação, rampas de lançamento, centros industriais, depósitos de material e carburantes. Dado o numero elevado de locais a atacar e destruir, e tendo em conta a redução do numero de bombardeiros capazes de os visar com êxito, serão esses planos de aconselhar?

Três quartas partes daquela aviação (estratégica americana) são ainda constituídas por aparelhos do tipo B-47, aos quais seriam confiadas as missões de bombardeamento dos centros vitais do inimigo, com retorno. Neste momento os planos baseados nestas premissas estão a ser revistos por duas razões: em caso de emergência é impossível dizer quais as bases a utilizar e a hipótese do retorno é cada vez mais improvável na opinião dos chefes da arma aérea americana.

Estes procedem, simultaneamente, á revisão apressada da doutrina estratégica até agora preconizada pelos aviadores a qual dá preferência aos centros nevrálgicos de resistência do inimigo sobre os centros demográficos. Esta doutrina, aprovada desde 1954, começou há tempo a ser contestada. Será aconselhável lançar os aparelhos do S. A. C. sobre os primeiros, com a certeza antecipada de que alguns ficarão idemnes e portanto em condições de replicar ao ataque? Um dos paradoxos da era nuclear resulta de ser mais fácil destruir uma nação inteira com os seus habitantes — mesmo quando tem a vastidão de um continente — do que as bases onde está instalado o aparelho de represália. Os Americanos chegaram a essa conclusão e os seus chefes militares pensam que é melhor lançar o peso do S. A. C. sobre os segundos do que sobre os primeiros.

Nos meios da aviação americana — aqueles onde se elabora a doutrina estratégica dos Estados Unidos e se estudam os métodos e preparam os instrumentos da sua aplicação — começou a ouvir-se o coro dos que clamam: «Ponham de parte os objectivos militares. Os principais alvos do nosso ataque são a terra e o povo dos Soviéticos. Os dirigentes deste ficarão sabendo que, mesmo que o seu ataque preventivo elimine grande parte dos nossos aviões e das nossas bases, o que fica chegará para os destruir e às suas ambições». Os que preconizam a transformação estão convencidos de que não há melhor maneira de prevenir a guerra preventiva, atribuindo aos Russos a intenção de a desencadear.

A medida que o intervalo (gap) decorre, acentuam-se os seus inconvenientes para os Estados Unidos e para o Ocidente e vê-se como a diplomacia comunista (russa e chinesa) o explora para, num prazo de tempo curto, alcançar os seus objectivos mais importantes. No Médio Oriente, onde a comunização do Iraque prossegue a um ritmo acelerado e as revoluções de palácio alteram quotidianamente o cenário de alguns países árabes sem lhes modificarem a estrutura, no estreito da Formosa, em Berlim, a sincronização da política sino-russa é um fenómeno patente.

Os planos concertados durante a visita de Kruchchev a Pequim, em 1957, e este ano, quando das suas conversações com Mao Tse Tung, com a assistência dos ministros da Defesa dos dois países, estão a ser executados com regularidade e precisão. O bloco comunista, que tem a iniciativa diplomática e as suas vantagens desde o episódio do Suez e da repressão da revolta húngara, em Novembro de 1956, coloca as nações ocidentais perante a sucessão dos factos consumados e relacionados, tornando difícil a réplica no plano político e desorganizando-a previamente no plano militar. Pela quarta vez, em seis anos, a revisão da estratégia americana está na origem da indecisão e incerteza que são as notas dominantes da política externa das nações ocidentais, numa hora decisiva para o seu destino e sobrevivência. Os que julgam que a réplica á estratégia global do bloco comunista está na política de alianças e na estratégia de bases, fariam bem se lessem a entrevista que o chefe do Governo soviético deu a Walter Lippmann.

ALBERTO — Cabeleireiro

SOLANGE — Tintureira

Ex-empregados da Casa Alfred, têm o prazer de informar as suas Ex.ªs Clientes que se encontram ao seu dispor no

Cabeleireiro Alfredo & Andrade, Lda.
Rua Garret, 36-1.º — Telefones 27611 - 29667

LUIGI - LDA.

MADA, 36, 1.º, D.º
9064 - 28465

INSTITUTOS DE BELEZA DA
TAMENTE REMODELADO
JARDÃO ANAHORY

DEFENDA-SE DO INVERNO...

Com o sistema de aquecimento "SMITHS" o conforto do seu carro aumentará, evitando as baixas temperaturas.

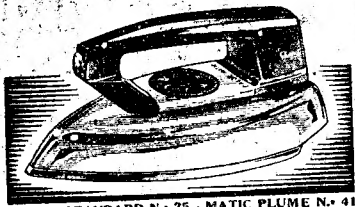


Instalação rápida, seja qual for a marca e o modelo do seu carro. Peça os esclarecimentos que desejar aos agentes

SOCIEDADE DE LUBRIFICANTES INGLESES, LDA.
Av. da República, 4, 1.º D. - Lisboa - Tel. 58141

Av. Praia da Vitória, 73-A (Stand)

Calor
LYON



Os ferros que vos permitem passar...

MAIS RAPIDAMENTE MELHOR E SEM FADIGA

Representante

«IBEREX»
Av. D. Carlos I — 132
LISBOA

COMARCA DE LISBOA 2.ª Vara Cível ANÚNCIO

Pelo presente se anuncia que pela 2.ª Vara Cível da Comarca de Lisboa, e a 3.ª secção de processos da Secretaria Judicial, nos autos de Acção Ordinária, que o Banco Borges & Irmão, move contra os réus António Barreira Jacinto Ferreira, comerciante, que teve o seu último domicílio conhecido na Alameda D. Afonso Henriques, n.º 74, rés-do-chão, desta cidade, e actualmente ausente em parte incerta, e outro, correm éditos de 30 dias, que se contarão da 2.ª e última publicação do presente anúncio, para no prazo de 20 dias, depois de decorrido o dos éditos, contestar, querendo, o pedido formulado nos autos acima referidos, pelos fundamentos constantes do duplicado da petição inicial, que se encontra patente nesta secção, sob pena de, não o fazendo, se haverem por confessados os factos articulados pelo dito autor, e bem assim é o mesmo Réu citado para, na hipótese de contestar, declarar se confessa a sua firma, entendendo-se que a confessa se não fizer declaração alguma.

Lisboa, 29 de Novembro de 1958.

O Chefe da 3.ª Secção
Julio Mendes da Rocha Diniz

Verifiquei:

O Corregedor da 2.ª Vara,
José do Nascimento Mouga Rodrigues

S. R.

PORTO DE LISBOA AVISO

Mercadorias atingidas pelas chuvas

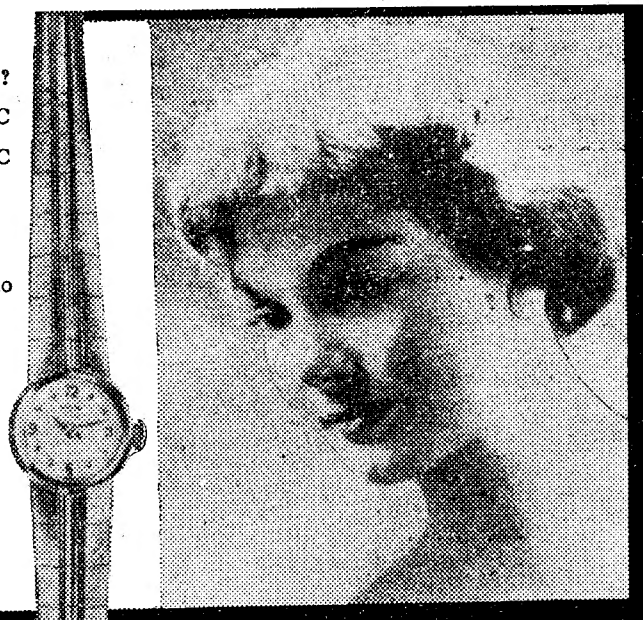
Para os devidos efeitos, avisam-se os consignatários das mercadorias depositadas nos armazéns dos Entrepósitos abaixo designados, de que deverão comparecer naqueles Entrepósitos a fim de se inteirarem do estado das mercadorias que lhes vêm consignadas e nelas efectuarem as beneficiações que considerarem convenientes:

Entrepósito de Santos—Armazém E c/ marca n.º 3890/58
Entrepósito de Alc. Norte—Armazém n.º 3 c/ marca 4373/58
Lisboa, 4 de Dezembro de 1958.

V. Ex.ª deseja comprar um relógio?
Peça um ENICAR ULTRASONIC
O ENICAR ULTRASONIC
oferece-lhe:

absoluta garantia
modelos elegantes
acabamento ultramoderno
Preços modestos

ENICAR
ULTRASONIC



O relógio Enicar Ultrasonic é o único relógio que não precisa de lubrificação durante três anos.

Cada relógio Enicar Ultrasonic tem um boletim de garantia. Há centenas de fabricantes de relógios na Suíça. Mas a Fábrica

O relógio Enicar está á venda nos cinco continentes

Enicar fabrica 8 % da produção total da Suíça, ou seja perto de um milhão de relógios por ano. Também fabrica toda a relojoaria moderna em:
Automáticos com os últimos aperfeiçoamentos.
Calendários, com a lente de aumento.
Impermeáveis: 10 % — caixa SEA-PEARL.
Extra-planos: sensacionalmente planos.



A CANETA
MAIS IMITADA E
NUNCA IGUALADA

UMA
CANETA
INVULGAR
A PREÇO
POPULAR
ESC. 39\$00

Garantida pela fábrica contra todos os defeitos de fabrico

SOC. POLLUX, LDA.
R. dos Fanqueiros, 276

Descontos para revenda

ANTES DE ESCOLHER BRINDE!

VEJA OS MODELOS 1959

DAS MÁQUINAS DE COSTURA E TRICOTAR

HUSQVARNA-ORION



DOIS PRODUTOS
QUE TÊM A
GARANTIA E
ASSISTÊNCIA DA

ORGANIZAÇÃO **HUSQVARNA** EM PORTUGAL

PERTENCENTE A

SOC. LUSO-SUECA, L.ª

COM SEDE EM LISBOA, NA R. ALEX. HERCULANO, 9-A
E FILIAIS EM TODO O PAIS

TREZENTOS
CAMISARIA

RUA DO CARMO, 100

REABRIU

CONTINUANDO OS BONS PREÇOS

GAS HULHA e CIDLA
PREÇOS POPULARES
AMPLAS FACILIDADES
de pagamento e troca

ESQUENTADORES

Av. 5 de Outubro, 84
Telefone 764081

PIANOS

Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE

Est. Valentim de Carvalho, Lda.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

CONTRA A TOSSE

Rebuçados Peitorais de S. auto
A PRIMOROSA LDA.
Rua de S. Paulo n.º 130
Telefone 26511

DINHEIRO

COLOGA SOBRE AUTOMÓVEIS
OU PRÉDIOS EM 1.ª HIPOTECAS
RAPIDEZ E SIGILO
A FINANCIADORA
EM LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 3
NO PORTO - P. DA LIBERDADE, 12

PONTO AZUL

3.ª e 4.ª classes **ADULTOS**
ESCOLA DE
Exames ráp. c/ dipl. garantidos
Telef. 862244, das 9 às 23 horas
Largo Chão do Loureiro, 1-2.

VIDA ARTÍSTICA

Homenagem a Pavia no Salão de Arte Moderna da Casa da Imprensa



Entre as obras dos nossos artistas contemporâneos mais representativos que estão expostas no I Salão de Arte Moderna da Casa da Imprensa, (Rua da Horta Seca, n.º 20), a inaugurar no dia 10, às 16 horas, encontra-se uma gravura de Manuel Ribeiro de Pavia, o pintor do Alentejo. Pretende assim o I Salão de Arte Moderna da Casa da Imprensa homenagear também o grande artista, uma das personalidades mais vigorosas do nosso meio, desaparecido quando ainda se aguardava dele uma obra vasta.

Exposição de pintura

Inaugura-se no próximo dia 9, às 16 horas, na galeria de exposições do «Diário de Notícias», uma exposição da pintora Santi Giselle. Este certame estará patente ao público até ao dia 15 do corrente.

Exposição Ruiz Ferrandis

Encerra-se na próxima segunda-feira, 8, a exposição de quadros do pintor espanhol Ruiz Ferrandis na Sociedade Nacional de Belas Artes.

DE LUTO

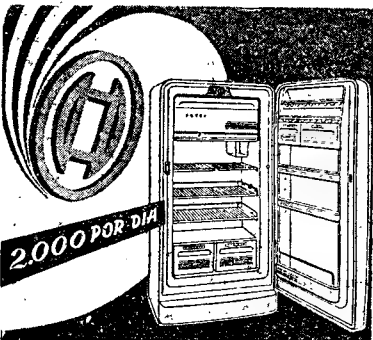
Sebastião Pinto Leite de Magalhães

Faleceu hoje, em Cascais, o sr. Sebastião Pinto Leite de Magalhães, de 50 anos, empregado de escritório, natural de Sintra. O extinto era casado com a sr.ª D. Maria Natércia Gonçalves da Mota de Magalhães e pai da sr.ª D. Maria Leonor da Mota de Magalhães.

O funeral, a cargo da Agência Magno, realiza-se amanhã, às 11 horas, na igreja da Misericórdia de Cascais, para o cemitério da Guia.

Joaquim Nunes da Silva

Faleceu o sr. Joaquim Nunes da Silva, de 82 anos, natural da Sertão, viajante. O funeral, a cargo da Agência Machado da Costa, realiza-se amanhã, às 16 horas, na sua residência, na Rua dos Sapateiros, 159, 5.º, E., para o cemitério do Lumiar.



BOSCH

O 1.º FRIGORÍFICO ALEMÃO em qualidade, economia, técnica e preço

Os frigoríficos BOSCH de fama mundial são agora produzidos no ritmo de 2.000 por dia

6 modelos diferentes. Todos os tamanhos. Preços acessíveis. Facilidades de pagamento. Assistência técnica eficiente.



LUVAS

PARA HOMEM E SENHORA AOS MELHORES PREÇOS

CASA NOVA

Rua da Palma, 69
Praça da Figueira, 8-A

CASA PARTICULAR CASAMENTOS

Lanches desde 50\$00 por pessoa, vinhos, cup. Casa própria. Travessa das Mercês, 9, 2.º-Esq. Telefone 368931.

LEITURA DE SABADO

LEITURA DE SABADO

LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO

LEITURA DE SABADO

LEITURA DE SABADO

LE tentava convencer-se, mas inutilmente, de que não tinha medo de morrer, mas as corréias que o prendiam á cadeira eléctrica, mordia-m-lhe a carne como a advertir-lhe a morte quando puxassem a alavanca. Na cela da morte, os outros presos bem tentaram encorajá-lo, dizendo-lhe que não sentiria nada e que, de qualquer maneira, tudo estaria acabado em breves segundos. O próprio médico do presidio entrara na conspiração, perorando, cientificamente, sobre a electricidade, muito mais rápida que os impulsos nervosos postos em movimento pelo choque — e assim uma pessoa morria sem dar por nada.

Era muito fácil de falar! Mas quem ia estorricar era ele, Luigi Savonna; e, mesmo que não fizesse sofrer, era bem pouco o consolo para um camarada prestes a ir para o outro mundo nos melhores dias da sua vida. E tudo por se ter vingado segundo o preceito bíblico: olho por olho, dente por dente — uma vida por outra vida! Contudo, apesar do seu medo de morrer, não hesitaria em tornar a matar Vancetti, se fosse preciso, pois, se qualquer patife alguma vez mereceu ser morto, fora ele...

Entretanto, que demora era aquela! Por que diabo não carregavam na alavanca para acabarem com aquilo de uma vez? Os nervos de uma pessoa não são de aço! Quanto tempo julgariam eles que poderia conter-se sem gritar? Precisavam de torturá-lo antes de o assassinar? E por que motivo havia de estar em exposição diante dos jornalistas, dos funcionários e de outros tipos sádicos? Pois parecia que um indivíduo amarrado á cadeira eléctrica já não tinha quaisquer direitos, nem mesmo o de morrer sossegado e sem assistência!

Estava mesmo resolvido, se não acabassem depressa com aquilo, a dizer-lhes duas coisas, quanto mais não fosse para desabafar. De resto, era certo que nada tinha a perder! De repente, sentiu-se envolvido por uma vaga de calor que coincidiu com o afrouxamento da luz na camera da morte: como se o Mundo explodisse em chamas, vermelhas e ofuscantes. Perdera a consciência de tudo, e era como se fosse subindo, subindo sempre... como se todo o seu ser estivesse a expandir-se, rápida e fantásticamente, ocupando a amplitude universal e, mais além, a escuridão abissal... expandindo-se... expandindo-se... até que já não podia expandir-se mais. Mas alguma coisa estalou... Abriu os olhos e viu-se na antecâmara da morte, estando o médico junto dele, a dizer, pasmado e incrédulo, que «era impossível, absolutamente impossível!»

Surgiram outras caras e Savonna reconheceu o director, alguns jornalistas, em cujos rostos se estampava, também, atterradora surpresa. — Apanhou uma carga de electricidade que chegava para matar uma dúzia de pessoas!... — ouviu alguém dizer, como se falasse no meio de um nevoeiro — E' um milagre!... Como se pode resistir a isso?... Parece incrível!... E sem lhe deixar sinais!...

O murmúrio de vozes confundiu-se num amplo burburinho de sons, que, como um rio turbilhão, o tornou a levar para o abismo do esquecimento. Quando abriu os olhos, outra vez, estava no hospital do presidio, mas agora apenas com o médico.

— Pois, meu rapaz — disse-lhe o doutor —, parece que fizeste história, não só aqui, em Sing-Sing, mas, também, para a Ciência, e especialmente a Medicina! Quer dizer que escapaste á cadeira eléctrica. Como e por que é que falta descobrir. E a propósito: como te sentes?

— Vamos indo — respondeu Savonna, com as ideias ainda muito embaralhadas —. Dói-me um tanto a cabeça e a modos que me falta o ar...

— Não me admira nada depois daquilo por que passaste — voltou o médico, sorridente —. Ia dizer-te que só por uma singular casualidade ainda estás vivo, mas isso, com

— Não se enganou o doutor, e, na altura própria, veio a suspensão da pena de morte. A opinião publica pôs-se a seu favor e muitas instituições religiosas proclamaram que o facto de ter escapado era sinal de estar inocente do crime de que o acusavam. E era tudo tão convincente que o próprio Savonna começou a duvidar se, na verdade, teria morto Vancetti. Modificada a sentença para prisão perpétua, dois caminhos se lhe deparavam: tornar-se um preso exemplar, e talvez o restituissem á liberdade, após uns anos de cadeia, ou procurar evadir-se. Optou pelo segunda alternativa, juntando-se a um grupo que já andava a planear a fuga e insistira com ele para se lhe juntar, com a ideia de que um tal felizardo não deixaria de dar sorte á perigosa aventura. E tinham razão, pois a evasão foi espantosamente fácil.

certeza, já te ocorreu. Seja como for, o teu caso está a ser muito falado. Não te quero dar muitas esperanças: contudo, como escapaste por milagre, é possível que te seja comutada a pena.

Não se enganou o doutor, e, na altura própria, veio a suspensão da pena de morte. A opinião publica pôs-se a seu favor e muitas instituições religiosas proclamaram que o facto de ter escapado era sinal de estar inocente do crime de que o acusavam. E era tudo tão convincente que o próprio Savonna começou a duvidar se, na verdade, teria morto Vancetti. Modificada a sentença para prisão perpétua, dois caminhos se lhe deparavam: tornar-se um preso exemplar, e talvez o restituissem á liberdade, após uns anos de cadeia, ou procurar evadir-se. Optou pelo segunda alternativa, juntando-se a um grupo que já andava a planear a fuga e insistira com ele para se lhe juntar, com a ideia de que um tal felizardo não deixaria de dar sorte á perigosa aventura. E tinham razão, pois a evasão foi espantosamente fácil.

O grupo impediu que Savonna depois se afastasse dele, considerando-o como a sua mascote. Tinha de ficar com eles, ou então...

Assim, foi obrigado a participar numa série de roubos em bancos e assaltos; e, embora partilhasse dos resultados, andava desgostoso pela violência de que usavam os componentes do bando. Matar o inimigo, num impulso, era uma coisa; agora tirar a vida a um estranho, a sangue-frio, era outra!

Tendo caído doente quando a quadrilha se aprestava para um grande assalto, e embora a maioria se manifestasse pelo adiamento da empresa, até que Savonna estivesse em condições de os acompanhar, o chefe, confiado nos sucessivos êxitos, resolveu ir por diante. Resultou ter sido todo o grupo abatido pela Polícia que o esperava.

A Savonna parecia-lhe um milagre estar livre, de novo, e com uma conta no banco, aí de uns duzentos mil dólares. Era o bastante para viver em qualquer parte. Foi para um dos Estados onde o bando não punha o pé e tão longe quanto possível de Sing-Sing. Negociando por sua conta, com um nome diferente,

prosperou e, decorrido tempo, á semelhança de outros homens bem sucedidos, entrou a sonhar com domínio e influência noutro campo — o da política. O seu adversário, político venal, de larga experiência, era batido em manobras pouco lícitas. Matreiro, sem escrúpulos, estava resolvido a manter a sua posição no Tesouro, e para tanto, se fosse necessário, não hesitaria em recorrer ao assassinio.

Foi assim que Savonna se viu enredado numa acusação de homicídio. Tudo fora hábilmente preparado e, entre outros, o acusador publico estava subornado pelo seu rival. Além disso, averiguaram o passado e via-se, de antemão, condenado. Como era de esperar, o julgamento foi uma farsa, com todas as testemunhas falsas, embora de nada valessem os seus depoimentos, pois o jurí estava, também, comprado ou intimidado. Foi condenado á força.

Durante o julgamento, Savonna confortou-se com a ideia de que, se o condenassem a sua imunidade á cadeira eléctrica impediria que a execução se consumasse. Infelizmente para ele, ignorava que, no

Estado de Daymoning, os condenados eram enforcados e não electrocutados. Saber que ia morrer, pendurado numa corda de esparto, precisamente quando a vida lhe sorria, com mulher, filhos e uma carreira aberta, era triste, insuportável. Alguma coisa estalou dentro dele, e pela segundo vez na sua curta existência, setiu-se engolado numa chama rubra, mas agora não pôde regressar do abismo.

— Parece-me que chega! — observou o carrasco de Sing-Sing para o novo ajudante, puxando pela alavanca duas vezes, segundo o costume.

E, notando a palidez do outro, juntou, para animá-lo: — E' a sua primeira execução, pois não é? Não se aflija: este Savonna não sentiu sequer o primeiro choque, quanto mais o segundo! Morreu sem dar por isso. O povo costuma dizer que o cérebro continua a pensar por uma fracção de segundo, depois de se puxar a primeira vez pela alavanca... A's vezes imagino no que pensarão durante essa fracção de segundo...

— Parece-me que chega! — observou o carrasco de Sing-Sing para o novo ajudante, puxando pela alavanca duas vezes, segundo o costume.

O 1.º CENTENÁRIO do coronel Afonso Chaves

Esta noite, ás 21 e 45, na sede da Casa dos Açores, encerram-se as comemorações do 1.º centenário do nascimento do sábio açoriano coronel Francisco Afonso Chaves. Falará sobre a figura do grande cientista o sr. prof. dr. Amorim Ferreira.

O 32.º ANIVERSÁRIO da Companhia Marconi

Para festejar a passagem do 32.º aniversário da inauguração dos seus serviços, a Companhia Portuguesa Rádio Marconi oferece, no próximo dia 15, ás 20 horas, no restaurante Castanheira, um jantar ao pessoal da empresa.

PARA A ESCOLA da Quinta dos Peixinhos

Um leitor, cuja assinatura é positivamente ilegível, enviou-nos 20 escudos para a Escola da Quinta dos Peixinhos. Agradecemos, em nome dos beneficiados.

SINGEVERGA O LICOR DOS BENEDITINOS PORTUGUESES

Jante no CASINO ESTORIL; o único restaurante «Music-hall» de Portugal. Além de assistir a um esplêndido programa de variedades, terá a certeza de um serviço requintado!

Teatros e Cinemas

(Continuação da 4.ª página)

Frank» constitui espectáculo inesquecível.

Amanhã, sábado, os estudantes beneficiam do desconto de 50 % nos preços dos bilhetes.

Teatro infantil

no Monumental

No palco do Monumental apresenta-se novamente, hoje, amanhã e depois, o Teatro Infantil dirigido por António Manuel Couto Viana, com três encantadoras peças para crianças: «O auto das 3 costureiras», «De cima desse telhado» e «O nosso amigo Sol», na interpretação de Maria Albergaria, Rosina Rego, Fernanda Alves, Teresa Cotinelli Telmo, Elvira Pais, António Anjos, Morais e Castro, Eduardo Silveira, Rui Mendes.

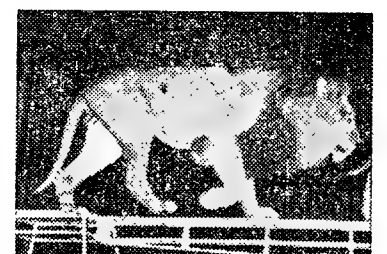
Para estes espectáculos, que podem ser vistos por maiores de 4 anos, tem entrada gratuita todas as crianças até aos 7 anos, quando devidamente acompanhadas.

Robles Monteiro

Hoje ás 22 horas, em Rádio Renascença, as produções «Carlos Gomes» apresentam um programa especial de homenagem ao falecido actor Robles Monteiro.

CRIANÇAS AO CIRCO!

Esta noite todas as crianças podem admirar a nova companhia internacional do grande circo do Coliseu. Leões, chimpanzés, voadores, palhaços. Amanhã, espectáculo à tarde



Esta noite todas as crianças podem ver a gigantesca, a nova companhia internacional de circo, do Coliseu. Chimpanzés, Leões, Palhaços, Voadores. Cães. Acrobatas, Trapezistas, e muitas outras dezenas de atracções emocionantes ou vibrantes de alegria. Quatro horas do maior espectáculo do século. Amanhã, ás 16 horas, espectáculo à tarde, com entrada ás crianças.

Imagem do dia

Começa esta noite no TIVOLI a 2.ª SEMANA do famosíssimo filme de Jacques TATI, «O MEU TIO», que apaixonou o publico de Lisboa que desde «As Férias do sr. Hulot» nunca mais esqueceu o recorte da figura pitoresca do grande cómico. «O MEU TIO», que passou, durante semanas e semanas em todas as cidades mundiais foi classificado como «a obra-prima do nosso tempo».

Cinema IMPERIO

Terça-feira (As 18 e 30) Festa de homenagem a Rolanda Rodrigues com uma parada de artistas do Teatro, Rádio e TV, com colaboração gentil de HERMINIA SILVA

Leônia Mendes—Anita Guerreiro—Deolinda Rodrigues—Maria de Fátima Bravo—Maria Adeline—Maria José Valério—Maria José da Guia—Carlos Ramos—Artur Ribeiro—Domingos Marques—Humberto Madeira—Manuel Fernandes—Tristão da Silva—Raul Sôlnado—Moniz Trindade—Joaquim Cordeiro—Trio Odemira—Rapezes do Ritmo e os artistas brasileiros

BIBI FERREIRA

Mara Abrantes—Almeidinha, Spina e Badaró, Orquestra Almeida Cruz, Locutores Armando M. Ferreira e Leite Pereira
Para maiores de 12 anos Bilhetes á venda nas bilheteiras deste cinema

ELNA

Máquinas de costura, pequeninas simples, bonitas e maravilhosas. Aproveite agora o preço ocasional! VENDAS E REPARAÇÕES Em Lisboa — Largo da Trindade, 17 no Porto — R. Sá da Bandeira, 69-2.

ISTO É COLORAMA !

A sua maquilhagem favorita numa nova e sedutora embalagem.



Creme Puff

NOVO! O fabuloso CREME PUFF de Max Factor numa colecção de 6 caixas em cores maravilhosas! Cada qual mais bela que a outra. Escolha uma, escolha-as todas, a fim de completar o seu conjunto, a sua toilette ou os seus acessórios.

de **MAX FACTOR**

agora numa nova colecção de caixas de uma beleza insuperável!



*CREME PUFF (marca registada) significa maquilhagem pó-creme de Max Factor Hollywood.

O DIA DA LEGIÃO

Integrado nas comemorações do dia da Legião Portuguesa, 8 de Dezembro, dia de Nossa Senhora da Conceição, haverá, amanhã, no Pavilhão dos Desportos do Parque Eduardo VII, com início às 21 e 30, um espectáculo, organizado pela Emissora Nacional, para os soldados de Portugal e dedicado ao batalhão legionário n.º 3 e ao seu núcleo de Defesa Civil do Território.

Tomarão parte a orquestra ligeira da Emissora, dirigida por Tavares Belo, os seus melhores artistas, em variedades, músicas e fados, e o Orfeão da Fábrica Militar de Braço de Prata, composto de 80 figuras.

Os bilhetes encontram-se na secretaria-geral daquele batalhão, na Rua da Emenda, n.º 110, 1.º (telefone 22969).

A moderna maravilha



O «STICK» desodorizante ODO-RO-NO INSTANTÂNEO



- Só um movimento — e aplica-se
- Acaba com o cheiro da transpiração instantaneamente e por muito tempo

Só o ODO-RO-NO STICK garante uma defesa completa contra a transpiração. Aplica-se em segundos sem desperdício, sem sujidade, sem consequências irritantes... O ODO-RO-NO STICK é tão seguro... tão suave... que na realidade refresca e amacia os sovacos mais sensíveis. Experimente! O STICK ODO-RO-NO é perfeito... para si... para ele... para toda a família.



FAÇA DO ODO-RO-NO O SEU MELHOR HÁBITO DIÁRIO

Charutos PRINCEPS Cigarilhas

DIZ O MEDICO...

(Continuação da 1.ª página)

A descoberta de MacLean Evans, da Califórnia, que (na companhia de Bishop, 1922) demonstrou a existência do composto.

MacLean Evans e Burr, mais tarde (1927), publicaram a primeira monografia sobre a vitamina E, trabalho que ainda hoje — passados tantos anos e apesar de novas e constantes aquisições — constitui a trave mestra do conhecimento sobre aquele importante factor.

Os citados autores demonstraram que a supracitada vitamina existia, em grande abundância, nas ramagens de certas plantas verdes e no óleo de algumas sementes.

O germe de trigo e o óleo de germe de trigo são particularmente ricos, constituindo ainda a grande fonte do produto, quando este não é obtido em síntese.

Experiências realizadas, no início das investigações, confirmaram que ratos, submetidos a prolongadas dietas, isentas de tal factor, tornavam-se estéréis, e as fêmeas abortavam com relativa facilidade.

A existência daquela vitamina, contudo, fora já prevista por Matill e Conklin e confirmada pelo primeiro destes cientistas em 1922. Evans e Burr, em sua clássica monografia, confirmaram os trabalhos de Matill e, num capítulo especial, resumiram com clareza as primeiras investigações realizadas.

Tal vitamina foi considerada, até 1928, como possuindo uma única indicação: a de estimular a reprodução. Só em 1931 se esclareceu que a ausência deste factor na ração diária provocava paralisias e distrofias musculares do tipo progressivo. Mais tarde, registou-se também que ela possui uma acção notável sobre o próprio sistema nervoso central. As degenerescências neurológicas, devidas à ausência do factor, assemelham-se à esclerose lateral-amiotrófica e ao tabes dorsal.

Vogt-Moller, na Dinamarca, foi o primeiro investigador a proporcionar maior projecção aos trabalhos realizados na Califórnia, utilizando a vitamina em referência no tratamento da esterilidade das vacas, num ensaio em grande escala. No mesmo ano evitou dois abortos, tratando de urgência duas mulheres no seu serviço clínico.

Passados seis anos, Young (Inglaterra) e Shute (Canadá) comunicaram, por sua vez, terem alcançado os melhores resultados no tratamento do aborto e das toxemias da gravidez.

No decorrer do ano de 1936, Evans, Emerson e Emerson isolaram o alfa e o beta-tocoferol no óleo de germe de trigo e o gama-tocoferol no óleo das sementes de algodão.

Hoje em dia a vitamina E possui múltiplas aplicações. Diremos, entre parêntese, que tem sido utilizada, com êxito: no tratamento da tromboflebite da femoral; úlceras de perna (S. T. Anning, «Leg Ulcers. Their Causes and Treatment», Londres, 1955); gangrena de Raynaud; trombose cerebral; doenças vasculares; grandes devordens vasculares e circulatórias; atrofia muscular; síndrome de Morgagni-Morels; contratura de Dupuytren; retinites pigmentares; degenerescência juvenil, senil e miópica da mácula; tratamento das manchas de Fuchs; hipogalactia; amenorreias secundárias; alterações de origem diencefalo-hipofisária; parodontopatias; doenças devidas à fa-

diga; nas artroses e epicondilites; mastopatia fibroquística; menopausa; dores articulares, musculares e dorsais; cefaleias, insónias, palpitações; afoguemientos, palpitações, vertigens; isto é, no decurso do período crítico da mulher, no render-da-guarda (síntomas da menopausa); prurido vulvar (Kraurosis vulvae), e, finalmente, nas alterações do metabolismo do crescimento (G. Marañón, «El crecimiento y sus Trastornos», Madrid, 1957).

Vem a propósito referir que a síntese da vitamina E foi realizada por Karrer em 1938.

Do ponto de vista biológico, o alfatocoferol encontra-se na cevadinha, pão integral, milho, cevada, centeio, arroz, farinha de trigo (68,5 % de alfatocoferol); na manteiga, queijo e ovos; leite e no leite em pó; óleos de amendoim, de fígado-de-bacalhau e de palma; no germe de trigo, óleo de soja, em alguns vegetais, salsa, cenoura e aipo, nos espinafres e no cacau em pó.

O pão branco, de luxo ou de primeira, totalmente isento de germe de trigo, escurrido de todas as riquezas, tem sido apontado como causa próxima da baixa natalidade entre as classes abastadas ou comodamente instaladas na vida.

Hogbin é até de opinião que o consumo de alimentos, preparados em série nos Estados Unidos pela grande indústria — alimentos que substituíram as rações nativas —, é uma das causas da baixa natalidade em algumas ilhas do Pacífico.

Na Inglaterra e na América do Norte, uma em cada cinco grávidas aborta. Em França, segundo as últimas estatísticas, o número de abortos é superior ao dos nascimentos.

A taxa de vitamina E, no sangue das grávidas, é (tabela de Varangot) a seguinte: primeiro mês, 1,25 mg. por 100cc.; nos três meses seguintes, 1,65 mg.; nos últimos dois meses, 1,82 mg. Depois do parto, estes valores regressam ao normal.

A esterilidade essencial ou primitiva não é afectada ou modificada, no macho e na fêmea, pelas baixas ou altas dosagens de vitamina E.

O alfatocoferol emprega-se, nas doses de cinquenta a cem miligramas por via oral ou parenteral, podendo ser aumentadas no aborto habitual e parto prematuro, no lúpus eritematoso, na psoríase, no líquen plano escleroso ou atrófico, na esclerodermia e na granuloma anular.

A vitamina F serviu, durante algum tempo, para designar os ácidos gordos essenciais (não saturados). Ora, esses ácidos possuem propriedades calóricas que os colocam entre os alimentos energéticos. A carência destes factores, alinhados hoje fora do grupo das vitaminas, provoca fundas alterações do metabolismo da pele.

Em 1924, Boas verificou alterações cutâneas e perda de pelo nos ratos alimentados com prótidos da clara-de-ovo. Estes sintomas desapareceram quando os mesmos animais passaram a ser alimentados com leite, vegetais e gema-de-ovo. Boas inclinou-se, pois, a acreditar que estes últimos alimentos possuíam um factor protector: «o factor protector contra a doença da clara-de-ovo».

Isolado, em 1940, por Gyorgyi e Du Vigneaud, foi designado «vitamina H»; parente próximo da biotina, factor de crescimento preparado a partir da gema. A biotina favorece a transformação dos lípidos no fígado. Encontra-se na levedura, na couve, no feijão seco e, em altas percenta-

gens, nas cenouras. A descoberta da vitamina H é ainda muito recente e a sua acção pouco conhecida. Pensa-se, porém, que possui actividade de co-fermento nos diferentes metabolismos. Os trabalhos últimos de Du Vigneaud aproximam-na do grande complexo vitamínico B.

No ano de 1929, dois investigadores dinamarqueses observaram que síndromes hemorrágicas, em alguns doentes com escorbuto, resistiam ao sumo de limão em altas doses; e em 1936-37, Dam e Schoneyder estabeleceram que as hemorragias difusas provinham da ausência, na alimentação, de um factor anti-hemorrágico, abundante no fígado de porco, nos espinafres e no tomate. Dois anos volvidos, Karrer, Almquist e Doisy isolaram esse factor e deram-lhe o nome de «vitamina K» (Koagulation). Existe uma entrelaçada ligação entre a vitamina K e a percentagem de protrombina, que é essencial para a coagulação normal do sangue.

Esta vitamina tem muita importância no tratamento da descalcificação dos dentes, na profilaxia da carie dentária e no tratamento combinado do cancro inoperável.

A vitamina K diminui a tendência à hemorragia, normaliza o tempo de protrombina e tem papel de relevo na profilaxia da diátese hemorrágica dos recém-nascidos.

Como é fácil de verificar, o homem do século XX encontra-se exposto a milhentos perigos e a acidentes de toda a espécie (intra e extra-planetários), carregados numa falsa alimentação e também no vazio de um sonho que tantas vezes o mortifica subconscientemente... Lutar além-sonho nem sempre é muito fácil...

A. d'E.

AS LIGAÇÕES

com a Trafaria

Quando o Inverno aperta, os moradores da Outra Banda, que diariamente têm de deslocar-se a Lisboa, vêem aumentadas as dificuldades da travessia do Tejo. As águas agitadas, os nevoeiros cerrados e os frios cortantes bastavam para isso. Mas acontece, ainda, que os barcos, que andam sempre superlotados, apenas possuem, por vezes, o mínimo de requisitos indispensáveis à comodidade de quem neles viaja.

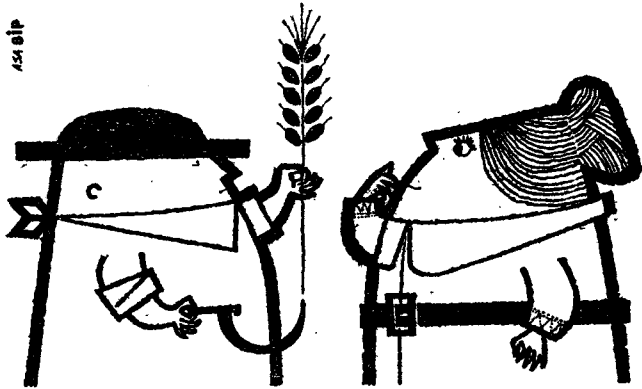
Assim acontece, presentemente, com alguns dos barcos utilizados nas ligações com a Trafaria, os quais, de madrugada, se iluminam simplesmente com dois antiquíssimos candeeiros a petróleo. A falha é fácil de suprir e a empresa proprietária dos barcos, que em piores circunstâncias provou já a sua vontade de bem servir, certamente vai remediá-la com prontidão.

PRÉMIO LITERÁRIO

Júlio Cesar Machado

Continua aberto concurso, na Câmara Municipal de Lisboa, para atribuição do prémio literário Júlio Cesar Machado, na importância de três mil escudos, o qual se destina a galardão o autor do melhor artigo inserto em publicação periódica nacional, durante o período de 1 de Janeiro a 31 de Dezembro do ano corrente, e que, sobre qualquer aspecto, apresente, acerca da capital, ideias ou forma dignas de especial apreço.

Quantos desejem concorrer devem entregar, até 31 de Dezembro próximo, inclusive, na repartição de Acção Cultural e Turismo, no Palácio Galveias, ao Campo Pequeno, os seus pedidos de admissão, acompanhados de seis exemplares do jornal ou revista em que foi publicado o artigo. Para os concorrentes que residem fora de Lisboa o prazo de entrega é até 15 de Janeiro.



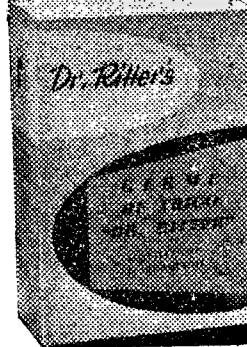
agora é simples...

mas durante muitos anos constituiu um problema, pois o germe de trigo, sendo uma substância extremamente sensível altera-se com facilidade. Por esse motivo, muitas pessoas se privavam de tomar com regularidade os germes de trigo que se obtinham vulgarmente.



Hoje, porém essa dificuldade foi ultrapassada. Graças à qualidade da matéria prima utilizada e ao alto nível do seu fabrico.

O «GERME DE TRIGO DR. BITTER» Liofilizado e Irradiado



mantém intacta toda a extraordinária vitalidade do germe, constituindo, assim uma preciosa fonte das vitaminas essenciais e das substâncias minerais necessárias à saúde, ao crescimento, à resistência à doença à reprodução, ao prolongamento da juventude.

Liofilização:

processo pelo qual se estabilizam e conservam activos os produtos muito sensíveis.

Irradiação:

processo pelo qual se eleva o teor vitamínico do germe.

UM PRODUTO DE SELECÇÃO DIESE

Duque de Loulé, 1 - Tel. 732121 - Lisboa

O Natal visto pelas crianças portuguesas

Concurso organizado pelo Diário de Lisboa

CUPÃO DE CONCORRENTE

Nome Idade
Morada
Escola

(Preencher em letra bem legível)

Seguiu para Roma o cardeal de Montevideu

Parte hoje para Roma, após breve estadia no nosso País, o dr. António Maria Barbieri, cardeal-arcebispo de Montevideu. Em Portugal, aquele purpurado visitou Fátima e passou por Lisboa, onde lhe foi oferecido um jantar pelo ministro do Uruguai, prof. Nelson Garcia Serrati.

ENGANO FATAL

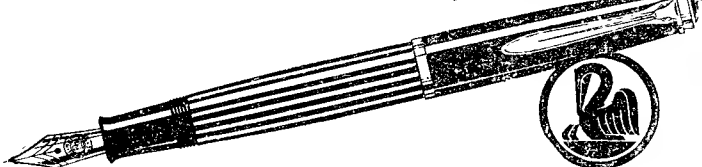
BEJA, 6 (Pelo telefone).—No hospital desta cidade, onde ontem, á noite, deu entrada em estado muito grave, faleceu hoje Idalina Maria Parrinha, de 23 anos, solteira, filha de João Parrinha e de Mariana do Sacramento, residentes na herdade da Almocreira, Penedo Gordo. A vítima ingeriu, por engano, uma grande porção de insecticida utilizado nos trabalhos do campo.

Coroe a mesa de consoada...

dê



Pelikan



DACTILOGRAFIA

CURSO COMPLETO: 300\$00
LARGO CHÃO LOUREIRO. 1-2.



**Joaquim Nunes da Silva
FALECEU**

Helena Pimentel Nunes da Silva; Ivo Rosa da Silva e sua mulher; Irene Rosa da Silva e seu marido; Acácio Rosa da Silva e sua mulher; João Rosa da Silva; Natércia Pimentel Baptista Pego e seu marido; Lucília Pimentel Baptista Maldonado e seu marido, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus Servido Chamar á sua Divina Presença o seu muito adorado marido, pai, sogro e parente, cujo funeral se realiza amanhã ás 11 horas, da sua residência, Rua dos Sapateiros, 159-5.-Esg., para o cemitério do Lumiar.

AGENCIA MACHADO DA COSTA

FESTA NACIONAL da Finlândia

Comemorou-se hoje o dia da Festa Nacional da Finlândia, celebrando mais um aniversário da proclamação da independência daquele país amigo.

Para assinalar a data, o Grupo dos Amigos da Finlândia promove um jantar na próxima quarta-feira, ás 20 horas, no Restaurante Império.

Venda de caridade

A favor dos pobres da Conferência de São Domingos, abriu hoje, na Rua Barros Queirós, 7, uma completa e interessante venda de artigos, próprios para brindes do Natal. As senhoras interessadas na visita poderão também utilizar a entrada pela igreja de São Domingos, ou seja, a porta do altar-mor do Cristo-Rei.

O 4.º Congresso das Misericórdias

(Continuação da página central)

foi por acaso que as nossas Misericórdias atravessaram cinco séculos com ventos a favor e tempestades contrárias», concluindo assim:

—Elas não pedem a ninguém lições de adaptabilidade nos processos e de permanência no espírito. E' por isso que, ao olhar as três centenas de hospitais de Misericórdias, representando mais de dois terços das camas hospitalares de Portugal, me fica a alegria que vem da certeza de como será completo e humano, eficiente e cristão o hospital português de amanhã. E' com amor que vejo de longe esse hospital que há-de ser criado por todos nós, com a serena constância que a maior das grandes Rainhas Portuguesas nos ensinou. Sem gritos de inconformismo, e sem usar daquele espírito crítico e demolidor que Mestre Gil, seu contemporâneo, cultivou com êxito, a Rainha magnífica criou, por suas próprias mãos, uma obra que atravessa a história da nossa Pátria. Facamos como ela. Não exijamos dos outros o que nós mesmos podemos fabricar. Que a nossa compreensão dos homens e dos tempos se equipare á da Rainha que, depois de perder o marido, o filho e o trono, conduziu a maior reforma que jamais se fez na assistência portuguesa. Para realizar essa obra que nos ultrapassa a todos, não usou mais do que a certeza da fé, o fulgor da inteligência, a caridade do coração e o espírito de bem servir que tem de ser exemplo de todos nós.

O presidente destacou a «pureza formal» do trabalho do dr. Coriolano Ferreira, com princípio, meio e fim, como todos os que têm apresentado, dizendo que, com toda a sinceridade, lhe daria, na Faculdade que dirige, vinte valores.

Acentuou que o hospital do futuro, como preconizou o orador, tem de ser posto ao serviço do doente e do homem, e não pode fechar-se, limitando-se a uma acção curativa, pois a sua actividade deve ser também preventiva, educativa e recuperadora.

Os trabalhos das secções

Às 11 horas, na Sala Magna, e no Anfiteatro de Anatomia Patológica, reuniram-se, respectivamente, a 7.ª e a 8.ª secções do Congresso.

A primeira, presidiu o sr. Manuel Barahona, provedor da Misericórdia de Évora, apresentando

trabalhos a mesa daquela Santa Casa a dr.ª Maria Rosa Ornelas, e os srs. drs. Amadeu da Cunha Mora, António Seabra, Augusto Morna Teixeira de Carvalho, Coriolano Ferreira, Fernando de Melo Caeiro, Manuel Justino da Cruz, João Jaurés Ramos Dias e Renato Cantista, capitão Manuel Lopes Camilo e José de Paiva Morão.

A segunda, presidiu o dr. Arnaldo Sampaio, apresentando teses e comunicações: as sr.ªs dr.ªs Maria Luísa Vanzeller, Maria Helena Coimbra de Freitas e Maria Manuela Antunes, D. Maria Leonor Correia Botelho e D. Maria de Jesus Ribeiro Lamego, o arcebispo dr. Joaquim Maria Lourenço e os srs. drs. Aníbal Alberto Teixeira, António Costa Quinta, António da Silva Paul, António de Sousa Madeira Pinto, Artur Gago da Silva, Artur Pistachini Galvão, Eduardo Vilarinho, Fernando das Neves Almeida, Francisco Norton Brandão, Francisco de Oliveira Dias, João Bagão Leal, Joaquim da Gama Imaginário, José António Vieira dos Santos Junior, José Joaquim Moreira Braga, José dos Santos Bessa, Leopoldo de Figueiredo, Lino Ferreira, Hugo Gomes, Nuno Afonso Ribeiro, Tibério Antunes e J. de Albuquerque e Castro.

A sessão de encerramento

Às 21 e 45 de hoje, começará, na Sala Magna da Faculdade de Medicina, a sessão de encerramento do Congresso, a que presidirá o dr. Henrique Martins de Carvalho, ministro da Saúde e Assistência, que pronunciará um importante discurso.

Recepção na Misericórdia

A comissão organizadora do IV Congresso das Misericórdias ofereceu, esta manhã, na Misericórdia de Lisboa um aperitivo em honra das direcções do orfeão e do grupo cénico da Universidade de Coimbra.

«Te Deum» em Évora

Amanhã, em Évora, para comemorar o aniversário da fundação da Misericórdia daquela cidade em 1499, haverá, ás 18 horas, na igreja daquela instituição, um «Te Deum», em que o mesário cônego dr. José Filipe Medeiros fará uma alocução alusiva. Presidirá o sr. D. Manuel Trindade Salgueiro, prelado da arquidiocese.

Na noite do dia 13, o sr. dr. João Ameal fará naquela cidade uma conferência sobre as Misericórdias.

O discurso de de Gaulle na Argélia

(Continuação da 1.ª página)

de gás de Hassi R'mel, ao Sul de Laghuat. Chegará, esta tarde, a Argel, onde conta demorar-se 24 horas, aguardando-se ali que anuncie esta noite, ou amanhã, o seu plano para separar os poderes civis e militares, que têm estado até agora nas mãos do general Raoul Salan, comandante-chefe do Exército francês na Argélia. E' voz corrente que Paul Delouvrier, que desempenha, actualmente, as funções de chefe da secção financeira da Comunidade Europeia do Carvão e Aço, vai ser nomeado alto comissário civil, e que o general Maurice Challes será empossado no cargo de comandante-chefe do Exército, em substituição do general Salan, o qual, por sua vez, será promovido a inspector-geral das forças armadas francesas. — (F. P. — R. — A. N. I.).

Os sangrentos acontecimentos em Marrocos

RABAT, 6. — O Governo de Marrocos protestou, em Paris, contra os incidentes de Buerquent, que causaram sete mortos e alguns feridos entre refugiados argelinos, e deu instruções ao ministro do Interior para não permitir qualquer manifestação de ruas que não tenha sido previamente autorizada. — (F. P.).

PARIS, 6. — O ministro dos Negócios Estrangeiros, Couve de Murville, convocou hoje o encarregado de Negócios marroquino, para o informar da profunda indignação provocada pelo assassinio de ontem, em Casablanca, de um oficial francês — anunciou-se oficialmente. — (R.).

Eleições gerais na Grã-Bretanha?

LONDRES, 6. — Muitos políticos creem que o Governo se está a preparar para eleições gerais, entre Março e Junho próximos. Julgam que, se a economia nacional continuar a manter a sua força actual ou melhorar ainda mais, o Governo escolherá essa época para lançar a sua tentativa de terceiro mandato consecutivo. — (R.).

SAMARRAS

PAR A PASSEIO E CIDADE

COMPLETE A SUA COMODIDADE E A DE SEU FILHO
COM AS MAIS BONITAS SAMARRAS DE LISBOA

ADÃO CAMISEIROS — RUA AUGUSTA, 238

A melhor reportagem sobre a Figueira da Foz

Está já em circulação o regulamento do «Concurso dos melhores trabalhos jornalísticos sobre a Figueira da Foz» promovido pela Comissão Municipal de Turismo. O primeiro prémio é de 2.000\$00, e haverá mais dois de 500\$00 cada.

CARPETES AXMINSTER

Os mais belos desenhos nas melhores qualidades inglesas
Representantes e depositários de «Carpet Trades, Ltd.»
RUA DA PRATA, 214, 1.º

GUILHERME SILVA, FERREIRA, LDA.

CASCAIS



**Sebastião Pinto
Leite de Magalhães**

Confortado com os Sacramentos
da Santa Madre Igreja

FALECEU

Maria Natércia Gonçalves da Mota de Magalhães, Maria Leonor da Mota de Magalhães, José Pinto Leite de Magalhães e mais família cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido de chamar á sua Divina Presença o seu muito querido, marido, pai, filho e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, ás 11 horas, da igreja da Misericórdia de Cascais para o Cemitério da Guia.

AGENCIA MAGNO

DIÁRIO DE LISBOA

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE: Em Portugal continental o vento era fraco e o céu estava muito nublado por acção de uma depressão centrada entre Lisboa e Madrid.

Temperaturas às 9 horas: Porto, 8°; Coimbra, 9°; Lisboa, 11°; Faro, 14° e Funchal, 16°.

PREVISÃO ATÉ AS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ: Céu geralmente muito nublado, por vezes pouco nublado, vento Noroeste moderado.

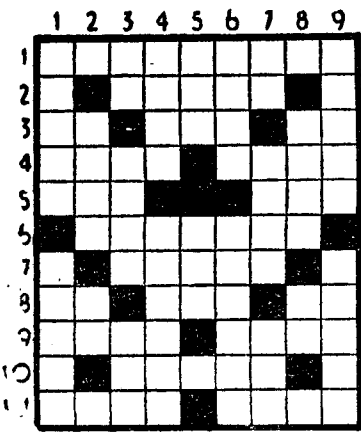
HA TRINTA ANOS

«Deve ferver-se a água e não só aquela que se bebe como a que se utiliza nas lavagens» — dizia o «Diário de Lisboa» de 6 de Dezembro de 1928, explicando que a febre tifoide e as infecções intestinais apareciam em maior numero que no ano anterior. Motivo: o mesmo. As águas e a deficiência da limpeza, das canalizações, além de outros que chamaremos naturais. «A Direcção-Geral de Saúde fizera publicar uma nota em que também aconselhava que se fervesse o leite e se passassem os alimentos por água fervida, e que se chamasse o médico ao menor incómodo agudo.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 1441



HORIZONTAIS: 1 — Regularem. 2 — A que lugar. 3 — Parecência. Norma. Nome de uma letra. 4 — Ponta. Anual. 5 — Ilha no Rio Negro, afluente do Amazonas. Altar. 6 — Ajuizado. 7 — Defende com arames. 8 — Campeão. Dá mios. Símbolo químico do érbio. 9 — Cidade da Índia na margem do Palgu. Carta de jogar. 10 — Todas as pessoas. 11 — Ruins. Derrota.

VERTICAIS: 1 — Agradecida. Retribuem. 2 — Cidade de Itália. Apelido. 3 — Em partes iguais. Pé de animal. Pau ferro. 4 — Fraude. Manos. 5 — Liga. Pequeno poema medieval narrativo ou lírico. 6 — Protela. Apreciador. 7 — Nota de musica. Zero. Guarneço de asas. 8 — Tempo do verbo ser. De alto preço. Preposição. 9 — Terceiro. estomago das aves. Unidade de peso.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o Provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 1440

HORIZONTAIS: 1 — Desacordo. 2 — Ali. Sor. 3 — Má. Lei. AC. 4 — MISSA. E. 5 — Ais. Tia. 6 — Erma. MARÉ. 7 — SE. São. ML. 8 — Pai. Rum. 9 — Esmo. Pira. 10 — Arpão. 11 — Ao. Aer. Do.

VERTICAIS: 1 — Dama. ESPE. RA. 2 — Elo. Areas. 3 — Si. Mim. Ima. 4 — A. Lisas. Ora. 5 — Crês. Ai. PE. 6 — Istmo. Par. 7 — Rs. Aia. Rio. 8 — Doa. Armur. 9 — Orce. Elmano. Provérbio: MISSA E MARÉ SE ESPERA DE PE.

SEMANA DO CONTRIBUINTE

AGENDA

Imposto de incêndios

Termina no próximo dia 31 do corrente mês, o prazo para a entrega na Câmara Municipal de Lisboa, da declaração de seguro dos prédios urbanos situados na área da cidade, feitos ou alterados no decorrer do ano de 1958.

A falta de entrega desta declaração responde a Câmara com o lançamento do respectivo imposto, tal como se não houvesse seguro. E' de notar que se o seguro não tiver início no princípio de Janeiro do corrente ano, a Câmara vai cobrar imposto de incêndios relativo ao período decorrido desde 1 de Janeiro até à data em que o risco ficou coberto, facto que muita gente desconhece e que provoca reclamações junto das companhias seguradoras e dos próprios serviços camarários.

A declaração é feita em impresso apropriado e dela constarão os seguintes elementos: — Nome e morada do proprietário; localização do prédio; valor matricial do prédio e numero do respectivo artigo; valor do seguro quando o haja, com indicação da companhia seguradora, numero da apólice e das actas adicionais; data do recibo comprovativo do ultimo prémio pago.

Deverá ser apresentada a respectiva caderneta predial, actualizada, a apólice do seguro com as suas actas adicionais e o recibo do pagamento do prémio. As apólices e os recibos podem ser substituídos por uma declaração assinada pela companhia de seguros, donde constem: — O valor do seguro; numero e data da apólice e das actas adicionais; data do recibo comprovativo do pagamento do ultimo prémio e a identificação do prédio seguro.

O mais simples será o interessado encarregar os serviços competentes da sua seguradora de tratar do assunto junto da Câmara, os quais, de uma maneira geral, estão habilitados a resolvê-los rápida e eficientemente.

Licença de estabelecimento comercial ou industrial

Termina no fim deste mês o prazo para pagamento da segunda prestação desta licença, respeitante ao corrente ano.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO 1 — União — Estrada de Benfica, 592-594, Tel. 780092; Vitex — Estrada de Benfica, 373-B, Tel. 780548; Curie — Avenida Madame Curie, 15-A, Tel. 778439; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Carnide, Tel. 780181; Laranjeiras (Das) — R. Filipe da Mata, 160-162, Tel. 761035; Central do Lumiar — Rua do Lumiar, 77, Tel. 779480; Brasil — Avenida Rio de Janeiro, 66-66/A, Tel. 722363; Sanex — Avenida da Igreja, 31-C, Tel. 776905; Belmar — Avenida de Roma, 53-A, Tel. 776314; Algarve — Avenida de Roma, 7-B, Tel. 777478; Garantia — Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 5-A/B, à Praça do Areeiro, Tel. 727300; Onilda — Avenida João XXI, 13-A, Tel. 726848; Campo Pequeno (Do) — Av. da República, 53-D-E, Tel. 771661; Vale — Avenida Marquês de Tomar, 45-49, Tel. 773043; Palma — Avenida Duque de Avila, 25-31, Tel. 47088; Império, Ld. — Rua Filipe Folgue, 40-A/B, Tel. 48002; Salus — Rua Luciano Cordeiro, 73, Tel. 42239; Ascenso — Rua 27, 41, Bairro da Encarnação, Tel. 389216; Olivaes (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 389237; Conceição — Calçada

Inurodentil

É UMA PASTA DENTÍFICA DIFERENTE NA COMPOSIÇÃO E DIFERENTE NOS EFEITOS. SE V. EX.ª DESEJAR COMPROVAR ESTA VERDADE TEREMOS O MAIOR PRAZER EM

OFERECER-LHE UMA AMOSTRA

APARTADO 520 — LISBOA

PELES HELEN

ULTIMOS MODELOS VISIONS E ASTRAXANS AOS MAIS BAIXOS PREÇOS Av. António Augusto Aguiar, 3, 2.ª, Dt. Telef. 53735

CACHE - COLS

LENÇOS DE LÃ TORRE EIFFEL

104 — R. do Carmo -- 106

PROGRAMAS DE RÁDIO

EMISSORA — A's 18, noticiário e danças; 18 e 40, trechos de operetas; 21, noticiário; 23 e 45, noticiário; 0, fecho.

Programa «A» — A's 19, emissão infantil; 19 e 30, trechos em piano; 19 e 45, aguarela brasileira; 20, jornal sonoro; 20 e 15, musica ligeira sinfónica; 20 e 30, Que quer ouvir?; 21 e 30, Comentário político; 21 e 45, serão. No intervalo, vozes do Mundo; 23 e 30, danças.

Programa «B» — A's 18, musica de tecla: «Sonata n.º 5, em dó maior, op. 38», de Prokofieff; 18 e 15, transmissão do Teatro Nacional de S. Carlos do 8.º concerto da série organizada pela E. N., em que tomam parte a Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida pelo maestro Pierre Pontoux e o violinista Berc Senofsky; 20 e 13, musica de Ravel e Bela Bartok; 21 e 15, terceiro acto da ópera «Parsifal», de Wagner; 22 e 45, Que quer ouvir?; «Concerto grosso, em ré maior, op. 6 n.º 5», de Handel; «Divertimento em si maior, op. 137», de Mozart; «Sonata a quatro, n.º 1», de Rossini; «Seis melodias», de Chabrier.

RADIO CLUBE — A's 18, ritmos de baile; 18 e 30, fados e guitarradas; 19, quer um conselho?; 19 e 15, orquestra de Thom Kelling; 20 e 15, apontamento do dia; 20 e 20, solistas; 20 e 30, onda desportiva; 21, imagens por musica; 21 e 30, Língua portuguesa; 21 e 45, Brasil; 22, trechos recreativos; 22 e 30, cultura espanhola; 22 e 45, canções; 23, concerto; 23 e 30, Juliette Grecco; 23 e 45, agenda; 23 e 50, conjuntos; 0 e 30, noticiário; 0 e 40, ritmos de baile; 0 e 55, sumário; 1, fecho.

Emissor de Miramar — A's 18, paisagem infantil; 18 e 30, canções; 18 e 45, recital de Cruz e Sousa; 19, palestra de lingua por-

tuguesa; 19 e 15, motivos portugueses; 19 e 30, Isto é Portugal; 20, boletim informativo; 20 e 10, conjuntos vocais e instrumentais; 20 e 30, vida desportiva; 21, noticiário; 21 e 15, Aurélio Fierro; 21 e 30, orquestras ligeiras; 22, programa para a mulher; 22 e 5, Brasil; 22 e 30, conjuntos instrumentais; 22 e 45, melodias; 23, trechos de operetas; 23 e 30, programa Retiro do Patricio; 23 e 45, artistas portugueses; 0, ritmos de baile; 0 e 28, sumário; 0 e 30, fecho.

RENASCENÇA — A's 18 e 30, terço e benção; 19 e 25, Boletim do S. C. R.; 19 e 30, França, horizonte do Mundo; 19 e 45, musica regional portuguesa; 20, musica para o seu jantar; 20 e 30, noticiário; 20 e 55, meditando; 21 e 5, as ultimas novidades; 21 e 30, canções sul-americanas; 21 e 50, melodias; 22, no reino das musas; 22 e 25, revista da Imprensa francesa; 22 e 45, noticiário; 22 e 57, boletim religioso; 23, serão familiar; 0, fecho.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 14 e 30 às 19 e 30, Rádio Peninsular; das 19 e 30 às 22, Voz de Lisboa; das 22 às 2, Clube Radiofónico de Portugal.

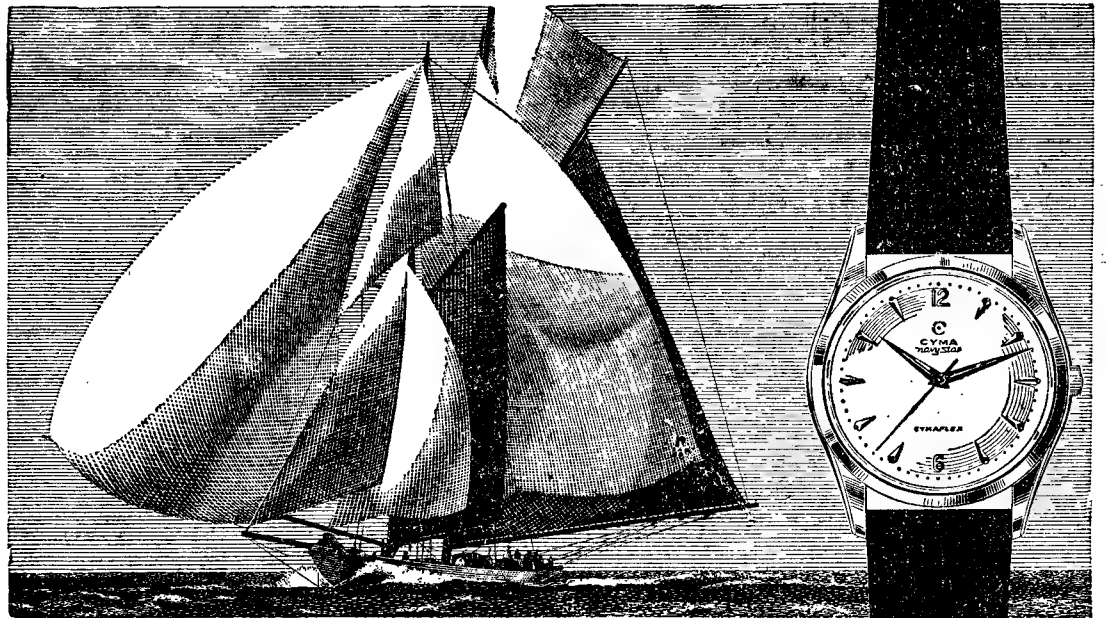
TELEVISÃO

Hoje, às 21 horas: Abertura: 21 e 2: Noticiário do País e do estrangeiro; 21 e 10: Jornal de actualidades internacionais; 21 e 20: Juventude no Mundo (actualidades para crianças); 21 e 35: «Music-hall»; 22 e 15: Galeria de arte; 22 e 30: Tele-Desporto; 22 e 55: «Na rua e na estrada»; 23 e 15: Actualidades nacionais e ultimas noticias; 23 e 30: Fecho.

EFEMÉRIDES

No dia 6 de Dezembro de 1880 foi escolhida a cidade de Buenos Aires para capital da Argentina.

A elegância das mais belas construções navais!



“O mais elegante dos relógios impermeáveis” Eis o título que o Cyma Navystar soube merecer em todos os pontos do globo. Os técnicos de Cyma conseguiram, utilizando juntas consideravelmente mais eficazes e de rara engenhosidade, construir uma caixa extra-plana que dá ao Navystar aquela linha típica que impressiona à primeira vista. Não deixe de exigir lhe mostrem este extraordinário sucesso: é o relógio dos seus sonhos.

O mais elegante dos relógios impermeáveis é também dotado do anti-choque Cymaflex, de renome mundial.

Somente os relógios Cyma são providos de anti-choque Cymaflex... — mas cada relógio Cyma o possui! Ref. 2.5678.60

CYMA NAVYSTAR

Cyma Watch Co. S.A.
La Chaux-de-Fonds (Suíça)

Apontam-se «falhas de construção» numa das secções do foguetão lunar como as causas do malogro da tentativa

(Continuação da 1.ª página)

quilos, constituindo a «carga útil» e que contém um emissor de rádio e contadores para as radiações espaciais.

Este satélite, cujo principal objectivo é a Lua, a qual, normalmente, deveria alcançar, passadas pouco mais de 33 horas, não se destina a ser colocado numa órbita lunar, mas passará, provavelmente, ao largo desse objectivo, em direcção ao Sol, tornando-se assim, eventualmente, o primeiro planeta artificial da História.

Um comunicado oficial publicado depois do lançamento dizia, nomeadamente:

«Trata-se da quarta tentativa de lançamento de pequenos veículos espaciais, destinados a colher informações científicas no âmbito do Ano Geofísico Internacional. Este veículo, denominado «Juno II», compõe-se de um foguetão «Jupiter» como primeiro lançamento e de três outros andares que permitem alcançar grandes velocidades. Por cima do veículo encontra-se um cone com a «carga útil» contendo instrumentos científicos, que foi baptizado de «Pioneiro III».

Mais tarde, sabia-se em Washington que, embora não tivesse desenvolvido a velocidade necessária para escapar à força da atracção da Terra, a «sonda lunar» continuava a cortar o espaço. — (F. P., R. e A. N. I.).

Não foram atingidos os objectivos previstos

WASHINGTON, 6.—Segundo informes não oficiais e não confirmados, conhecidos depois, o «Pioneiro III» ter-se-ia desviado ligeiramente da trajectória prevista. A's 8 e 40 (T. M. G.), foi anunciada:

2.ª TIRAGEM

RESERVAS DA A. F. L.

O Sporting e o Benfica venceram os jogos desta tarde

Prosseguiu esta tarde com dois encontros, respeitantes à 8.ª jornada, o torneio da taça «Dr. Oliveira Duarte», entre reservas dos principais clubes da A. F. L.

Do que se passou damos a seguir breves notas.

Sporting, 5-Torriense, 0

Jogo no Estádio «José Alvalade» (treinos). Arbitro: António Bernardo. As equipas alinharam:

SPORTING — Carvalho; Hilário e Lino; Ferreira Pinto, Mourato e Mesquita; Quim (Carlitos), Oscar, Tomé, Bispo e Cafum (Quim).

TORRIENSE — Idalécio (Monteiro); Silvestre e Barbudo; Manuel Carlos, Belchior e Margaça; Jerónimo, Luís, Aníbal, Brás e Narciso. Antes do começo do desafio foi guardado um minuto de silêncio, a memória do árbitro Aureliano Fernandes.

Após breve período de equilíbrio, os «leões» passaram a dominar e, aos 18 minutos, Carlitos fez o 1.º golo do Sporting. Continuando a dominar, os donos do campo fizeram mais um golo até ao intervalo — mais concretamente aos 33 minutos, por Tomé, em remate de cabeça.

Na segunda parte os «leões» continuaram a dominar e concretiza-

do, oficialmente, que o foguetão lunar norte-americano não atingiu a velocidade necessária para se libertar da atracção da Terra e chegar às proximidades da Lua, pois a velocidade do «Pioneiro III», uma vez acesos os pisos do foguetão «Juno II», foi de menos 400 metros por segundo do que se previa. A altitude atingida foi 3,5 inferior à determinada. Acrescentava-se que era, no entanto, cedo ainda para se apurar o grau de êxito da tentativa, pois o «Pioneiro III» levará alguns dias a atingir o seu apogeu, o qual ainda não era possível dizer se se situará ou não na vizinhança do espaço lunar.

O dr. Pickering afirmou que, segundo as verificações, cerca de duas horas e meia após o lançamento, o foguetão atingira uma altitude de cerca de 35.200 quilómetros e viajava à velocidade de 12.500 quilómetros por hora.

Pondo de parte, definitivamente, qualquer possibilidade de o cone com os instrumentos entrar numa órbita à volta do Sol ou, mesmo, de atingir as proximidades da Lua, disse que os sinais do emissor eram captados regularmente, nessa altura, pela estação de rastreio de Porto Rico. Actualmente — acrescentou —, é impossível prever-se a altitude máxima que o engenho atingirá neste seu voo espacial, provavelmente de aqui a alguns dias. A corrida total do «Pioneiro III» durará, portanto, sensivelmente mais tempo do que as 34 horas inicialmente previstas para chegar à vizinhança imediata da Lua (320.000 kms.). Também não é possível prever-se, por enquanto, se o engenho poderá, talvez, aproximar-se ou não da Lua, em determinada altura do seu percurso.

As causas do malogro

Segundo o dr. Pickering, a velocidade mínima de libertação para um engenho espacial é de 10.970 metros por segundo; a velocidade mínima para alcançar a Lua é de 10.840 metros por segundo; a velocidade prevista do «Juno II», uma

vez acesos os quatro pisos, era de 11.130 metros por segundo. De acordo com os relatos preliminares chegados ao Centro de Análise, a velocidade aproximada desenvolvida pelo engenho espacial foi apenas de 10.730 metros por segundo.

O cientista explicou que, quando o «Pioneiro III» chegar ao seu apogeu, voltará a cair na Terra e desintegrar-se-á ao tomar contacto com a atmosfera terrestre. Acrescentou que a duração de combustão do foguetão «Jupiter», modificado, que constituía o primeiro piso do «Juno II» foi da ordem de 3 minutos. Os três outros pisos levaram cerca de 1/2 minuto a cumprir a sua missão de propulsão, separando-se então finalmente da «carga útil», baptizada «Pioneiro III».

O malogro da tentativa — segundo o dr. Pickering — foi causado por «falhas de construção» que se verificaram no primeiro andar.

«Ainda é muito cedo para se dizer porque foi que a sua velocidade era reduzida» — declarou Pickering. Se tudo corresse como estava previsto, o foguetão teria alcançado a altitude de 160.000 quilómetros em cerca de 16 horas e 320.000 quilómetros em 33 horas. «Já nos contentaríamos se o foguetão chegasse a 40.000 quilómetros da Lua» — confessou Pickering.

Embora o «Pioneiro III» não devesse atingir, provavelmente, o objectivo que a N. A. S. e o Exército lhe determinaram, os instrumentos científicos que leva a bordo permitirão transmitir para a Terra informes inéditos e preciosos sobre a cintura de radiações de grande profundidade em volta da Terra. O «Pioneiro III» transporta esta cintura em toda a sua espessura e medirá as intensidades máximas e mínimas das radiações.

Neste plano, o lançamento do «Pioneiro III» terá constituído um êxito científico considerável. Esta opinião foi confirmada pelo dr. Silverstein que afirmou que a experiência de hoje terá constituído um dos feitos técnicos mais notáveis até hoje conseguidos.

Por sua vez, o dr. Kellogg disse que o lançamento do «Juno II» e do seu satélite «Pioneiro III» deu uma contribuição extremamente positiva ao programa científico do Ano Geofísico Internacional, contribuição de que podem sentir-se legitimamente orgulhosos quantos nela colaboraram.

A opinião de Von Braun

No final da conferência de imprensa, o dr. Werner von Braun declarou que o «Pioneiro II» não chegara à Lua mas recusou-se a prever se o satélite do Exército excederá a altitude alcançada pelo «Pioneiro I» (cerca de 126.500 kms.).

«Ficámos desapontados, mas podemos afirmar que a experiência foi noventa por cento um êxito» — acrescentou o dr. von Braun.

Von Braun atribuiu o malogro à orientação deficiente do «Juno II». Na sua opinião, o foguetão terá de ser «modificado» a fim de se corrigirem as suas deficiências.

Os cientistas do Exército e da N. A. S. são unânimes em declarar que o malogro foi provocado pelo primeiro andar propulsor do veículo. O major-general John Medaris julga-se responsável, parcialmente, pela frustração da tentativa. Declarou, em Cape Canaveral, que o foguetão «foi lançado cerca de três segundos mais cedo, não se sabe porque ainda». «Isso constitui um factor importante na redução da velocidade inicial» — acrescentou. — (F. P., R. e A. N. I.).

Ultimas notícias

O «Sputnik III»

volta a passar sobre Lisboa

LONDRES, 6 — O «Sputnik III» passa sobre Lisboa às 18 e 52 (T. M. G.), na segunda-feira — segundo anunciou a Rádio Moscovo. — (A. N. I.).

Não há sobreviventes do desastre

com o avião espanhol

MADRID, 6 — Foram encontrados, perto de La Loda, na província de Segóvia, destroços do avião comercial espanhol, desaparecido desde quinta-feira, em voo de Vigo para Madrid, com 21 pessoas a bordo — informam a companhia Aviacion y Comercio, proprietária do aparelho.

Não há sobreviventes. — (R.).

A trajectória

do foguetão lunar

WASHINGTON, 6 — O foguetão lunar «Juno II» — informa a N. A. S. A. — atingiu, às 15 e 40 (T. M. G.), oito horas depois de haver sido lançado, a altitude de 67.336 quilómetros, movendo-se à velocidade de 5.948 quilómetros por hora. — (A. N. I.).

Violentos motins no México

SAN LUIS DE POTOSI (México). 6.—Perderam a vida dois policiais e um rapaz de seis anos e dez pessoas ficaram gravemente feridas, quando cerca de 300 manifestantes lutaram com os soldados que guardam a Cadeia Municipal, onde estão presos outros 122 manifestantes que foram detidos horas antes.

As desordens foram provocadas durante o terceiro dia de greves de protesto, destinadas a forçar a demissão do governador Manuel Alvarez, do Estado de San Luis de Potosi. O comércio e os locais de diversão estão encerrados. — (A. N. I.).

Ofensiva geral

contra os rebeldes cubanos?

HAVANA, 6 — Os observadores creem saber que o Governo acaba de desencadear uma operação de grande envergadura, com armas, aviões e tanques comprados à Grã-Bretanha, contra os rebeldes de Fidel Castro.

É, no entanto, difícil apreciar a importância das operações militares em curso nas províncias orientais da ilha. Tanto de um lado como do outro, são anunciadas fortes perdas do lado contrário. — (F. P.).

A coexistência pacífica é a única alternativa para a manutenção da paz — disse na O. N. U. o delegado russo

NOVA YORK, 6. — A Comissão Política Especial da O. N. U. aprovou um projecto de moção das nove potências, instando com a Assembleia Geral para pedir aos Estados membros que respeitem os princípios da «Carta» e recorram às Nações Unidas para a solução pacífica de disputas ou problemas que possam perturbar relações amistosas ou ameaçar a paz mundial.

A moção pede, também, aos Estados membros que promovam a cooperação e o entendimento nos campos da economia, cultura, ciência, tecnologia e comunicações. Foi aprovada por 68 votos, com uma abstenção.

Durante o debate sobre a moção, o delegado soviético, Arkady Sobolev, afirmou que «não há outra alternativa a não ser coexistência pacífica com a União Soviética e os outros países».

«Nós não vamos vender a nossa ideologia e não estamos a pedir seja a quem for que venda a sua. Mas esta é uma luta ideológica. Esta luta ideológica continuará por muito tempo». O que não queria dizer que os dois sistemas (socialismo e capitalismo) não pudessem beneficiar ou coexistir ou encontrarem-se um com o outro — acrescentou Sobolev.

Respondendo, o delegado dos Estados Unidos, George McGregor Harris, disse que Sobolev tentara apresentar a sua interpretação de coexistência pacífica.

Afirmou que o delegado soviético dissera que isso queria significar abandono da força armada e abandono das tentativas de subversão dos outros Estados, acrescentando que os Estados Unidos apenas podiam julgar a conduta dos outros povos através dos factos verificáveis.

«Nós não queremos guerra — disse —. Nós odiamos a guerra. Se a União Soviética nos der alguma prova concreta de que as suas promessas serão cumpridas, tudo acabará em bem. Julgá-los-emos pelos seus actos».

Depois da votação, foram adiados os trabalhos da Comissão Política. — (R.).

SCIAL

TRAV. DO CORPO

SANTO, 15

TELEF. 20464

Compre azulejos
de figura aleluia
Para decorar o seu Lar

RESTAURANTE TÍPICO

RIBATEJANO

SALVATERRA DE MAGOS
TEL. 14

O MAIOR REVEILLON DO ANO — No ambiente mais castiço do RIBATEJO

2 CONJUNTOS RIBATEJANOS DE ACORDEONS 2

com os vocalistas MANUEL CARLOS e JOÃO ANTÓNIO

DIA DE NATAL

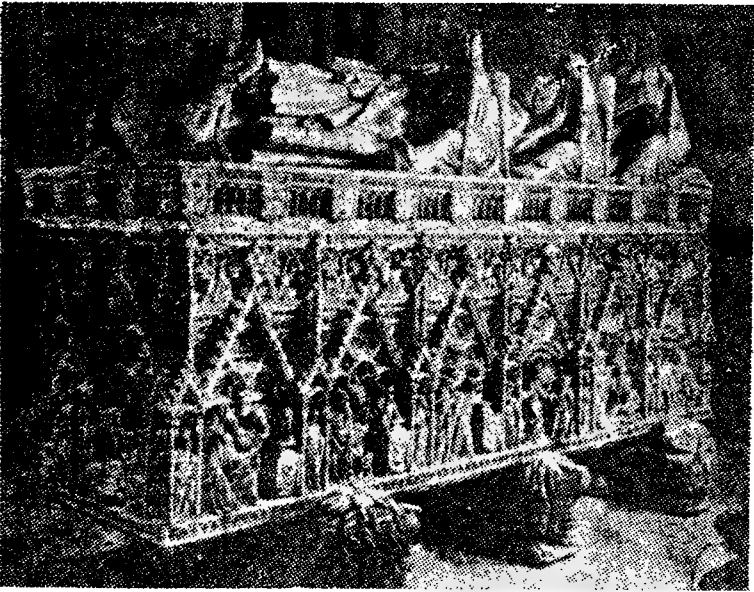
Almoço com EMENTA ESPECIAL

* DIA DE ANO NOVO — ALMOÇO REGIONAL COM FESTA FOLCLÓRICA

* Ranchos Pescadores OS AVIEIROS infantil e adultos * Rancho Folclórico FOROS DE SALVATERRA

* Ranchos Típico SETE-SAIAS infantil e adultos * Rancho Campinos de SALVATERRA

INFORMAÇÕES e RESERVA DE MESAS — LISBOA — TEL. 770320 — NÃO TEM TRANSPORTE? TELEFONE PARA 28829



HISTÓRIAS DO REI DOIDO

«... hora se a virtude da justiça he necessária ao poboo: muito mais o he ao Rei...»

El-Rei Dom Pedro I, o Cruel, o Cru, o Justiceiro, era gago. Para quem, muito calmamente, hoje lê a Crónica do seu reinado, o defeito nem se nota. Se vemos o bom do Cronista pôr na boca de Dom Pedro a frase digna de Salomão — «o dia em que o Rei não dá não deve ser avudo por Rei» — logo o imaginamos numa grande tribuna perorando ao povo, com gesto magnífico. Esquecemos que o Justiceiro deve ter falado com o tíque desentusiasmante dos gagos; qualquer coisa neste género: o d-d-dia em q-que o R-Rei não dá, etc. Os seus contemporâneos, porém, não o esqueciam; não porque moçassem do monarca; mas porque lhe tinham um medo mortal: a gaguez vinha ao de cima, dramática e inexorável, quando a escuma da cólera transbordava: desgraçados, então, os que a encapelassem: o que a boca não podia exprimir, exprimiam-no os braços, as mãos, e, prolongando estas, os azoragues. Os mais íntimos ao seu serviço sentiam-se arrepiar porque viam á frente dos olhos, com a nitidez da realidade, aquela cca tremenda do Paço de Belas...

Fora mandado erigir por ele, o Paço de Belas, e nele pousava em remansos intervalos de caça ou

nas horas em que a demência lhe pedia, lhe pedia, lhe pedia numa obsessão insaciável três palmos de terra com árvores muito verdes e silêncio. Ficava então estendido, de olhos ausentes, flutuando ao sabor de nem se sabe que agradáveis ou doridas reminiscências. Os sorrisos, os carinhos de Inês? Ao que quer que fosse o vieram arrancar naquele dia. Traziam-lhe dois ladrões, dois assassinos acusados de matarem um

judeu que vendia especiarias de terra em terra. Antes de os ver D. Pedro quis que lhe esmiuçassem como tudo ocorrera, como o judeu fora atraído a uma emboscada, roubado e porventura morto porque ousara gritar. Conhecido tudo nos mínimos pormenores, El-Rei quis ver os dois criminosos. Todos receavam o desgosto que sofreria ao reconhecê-los: eram escudeiros seus e há muito que o acompanhavam para todo o lado, arrecadando e gozando as suas mercês. El-Rei, porém, não fez estranheza. El-Rei riu.

Ria sempre quando o gládio do

(Continua na página central)

Por

AUGUSTO DA COSTA DIAS

CRÓNICA DE LONDRES



Por

LUIS DE SOUSA REBELO

LEITOR DA UNIVERSIDADE DE LONDRES

CAFE' CONCERTO

Há cerca de três anos, Londres, apesar do seu ar de grande metrópole, não oferecia qualquer abrigo ou agasalho ao boémio vagabundo, ao forasteiro tresmalhado e a todo o noctívago, preso do seu encanto, que retardasse o regresso ao quarto estreito e silencioso, ou á quentura dos lençois.

Sofrendo ainda das consequências e do hábito do «black-out» o Inglês recolhia cedo, logo após a saída do cinema do bairro ou uma visita rápida ao «bar» da esquina. Quem não pertencesse a algum clube sonolento e venerável, onde poderia ler os jornais ao borralho da lareira, voltava ao mudo isolamento doméstico, mais mudo e mais triste sob o nevoeiro baço e humido.

Não havia aqui aquela atmosfera resplandecente aconchegada do café continental, vaga saudade de uma vida comunal perdida, nem o brilho excitante do cavaco da tertulha madrilena. Os cafés eram frios, despidos de qualquer ornato, com o

(Continua na página seguinte)

magazine

beleza feminina

Sosseguem os nossos leitores que não vamos agora filosofar a respeito desta palavra «Beleza». Não remontaremos a Platão, que é, em geral, por onde se começa quando se trata do Bem e do Belo...

Não vamos. Até porque a Beleza de que tratamos, tendo um palmo de altura, ocupa na realidade um campo infinito: um rosto de mulher.

O que é uma mulher bela?

Para esta pergunta haverá no Mundo tantas respostas quantos os homens. Cada um de nós dirá ser esta ou aquela o ideal de beleza. Lábios finos ou lábios grossos; feições largas ou miúdas. Ou será tudo supérfluo comparado com a luz dos olhos, sendo esta que determina, em última análise, a autentica impressão de Beleza. Não faltará quem diga que olhos belos todas as mulheres têm (quando amam...) e que uma boca bem desenhada, uma testa ampla, uns dentes brancos e saudáveis, um queixo mimoso, umas orelhas discretas — isso, sim, concorrerá para o equilíbrio perfeito a que, por simplificação, chamamos Beleza.

Estamos jogando com dados físicos, unicamente. Poder-se-á objectar que todos nós conhecemos mulheres de feições correctas — e que não são belas. E essa constatação leva-nos ao ponto de partida: tantos homens, tantas respostas — tantas definições.

Embora reconhecendo esta verdade — não podemos também admitir que existe um padrão de Beleza feminina para cada época? Um padrão de Beleza onde se espelhe o padrão de vida? Evidentemente. Os rostos empoados, as cabeleiras, os ademanos de nossas avós mais chegadas (para não ir mais longe) provocariam hoje sorrisos de troça se varinha de condão as fizesse reaparecer por essas ruas de vertigens, esburacadas em louvor do metropolitano.

Apresentamos hoje alguns tipos de beleza dos tempos já volvidos. Salto após salto chegaremos aos dias de hoje — com a Bardot, a Lolo, a Monroe, etc., na berlinda.



Esta é a bela Nefertiti, do Egipto, século XIV A. C.

O 1.º SALÃO DE ARTE MODERNA

Terminamos hoje a recolha de opiniões sobre o 1.º Salão de Arte Moderna da S. N. B. A. Esperamos que esta iniciativa de «Magazine» — pôr o publico em contacto com alguns dos maiores críticos e artistas portugueses, bem como com alguns jovens pintores, — tenha tido verdadeira utilidade.

Aos nossos entrevistados apresentamos os nossos agradecimentos. Eis o

triste situação muito pouco se poderá esperar para o futuro da cultura e da arte em Portugal.

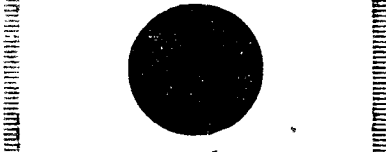
FRANCISCO RELÓGIO

Depoimento de Francisco Relógio

A atitude da S. N. B. A. foi bastante simpática, embora viesse com aquele atraso, característico de tudo quanto entre nós se desenvolve. Infelizmente, porém, o seu interesse teórico e documental excede o valor plástico patenteado. As tendências academizantes dominam a exposição, e raramente se nos depara um quadro provido de originalidade. Em síntese: estamos perante «uma planície sem vento», como me afirmou um dos mais destacados valores das artes plásticas portuguesas. E assim sucederá sempre enquanto não pudermos respirar outros ares, mais libertos do reclame fácil e da aceitação apriorística.

Os académicos modernos pretendem defender a sua posição, a todo o custo, servindo-se da ignorância do publico e de largos sectores da critica. Num ambiente destes, onde o artista se encontra desprovido de todos os estímulos, desde a sua lamentável situação económica que o força, quer á deformadora experiência da publicidade quer á soturnidade lamentável dos empregos de escritório, até ás multiplas dificuldades que se lhe deparam no aprofundamento da sua cultura, como nas possibilidades restritas para se melhorar pelo conhecimento da sua arte. O pintor em Portugal tem de ser um autodidacta da maior coragem, sujeito ás apreciações de ignorantes, pois alguns dos melhores valores da critica plástica em Portugal preferem o isolamento das suas «torres de marfim» ao cumprimento do que deveria ser o seu dever. Enquanto se mantiver esta

Diário de Lisboa



SUMÁRIO

- «O Finezas»
- ALEXANDRE CABRAL
- A caminho do Céu
- MANUEL SALGUEIRO
- Os críticos e o 1.º Salão de Arte Moderna
- FERNANDO PERNES
- Diálogos impertinentes
- ALFREDO BRAS
- Crónica de Londres
- LUIS DE SOUSA REBELO
- Bilhetes Paulistas
- MIGUEL URBANO RODRIGUES
- Fim-de-semana feliz
- CICERONE
- Apontamentos para os tempos futuros
- DIÓGENES
- Os irmãos Karamazov
- FEODOR DOSTOIEVSKY
- Postal Ilustrado
- MANUEL GRA
- Impressões de Itália
- DULCE REBELO
- Ganhe 100500 com um sorriso nos lábios
- Histórias do rei doido
- AUGUSTO DA COSTA DIAS
- Ouvir bater o coração do Mundo
- WILLIAM SIMPSON
- Saiba comer
- A saúde e o tempo
- M. CAROLINA FREITAS
- Eduquemos o nosso filho
- M. LÚCIA DA SILVA ROSA
- Comentário humorístico Ilustrado
- GOMES FERREIRA
- Página da Mulher

OUVIR BATER O CORAÇÃO DO MUNDO

(Continuação da página anterior)

seu quê de refeitório de colégio, lugares onde se entrava para sair o mais depressa possível numa obediência absurda a um destino errante.

Mas a medida que a Inglaterra ia retomando a sua vida normal de nação laboriosa, a medida que este anseio ávido de prazer, que se apodera de todos os povos após o sinistro pesadelo da guerra, ia envolvendo, nas suas malhas finais, os subditos de Sua Majestade, impunha-se cada vez mais a necessidade de um ponto de reunião acessível a bolsos modestos, um local onde se pudesse conversar, encontrar os amigos, fumar um cigarro, ler um jornal, e perseguir com o olhar descaído e vago um sonho fugidivo, ou uma ideia rebelde.

Depois havia agora que contar com uma geração nova, uma geração que não conhecera o encanto e a alegria de viver. Os seus olhos vinham cheios de imagens espavoridas, de cidades escuras e sem beleza, de escombros e ruínas, de pó e fumaceira negra, do clarão rubro de chamas devastadoras, do grito enervante das sirenes e da corrida alarmada das ambulâncias por manhãs frias e chuvosas.

Outros guardavam desses dias estranhos um quadro de idílio campestre, numas férias muito prolongadas à beira de um riacho murmurante e de verdes prados aveludados. Só as noites tinham sido longas e vazias, monótonas e tristes. E entre as visitas a essas colónias de evacuados havia gente que nunca mais voltava, e aqueles que vi-

nham mostravam ainda lágrimas mal escondidas, deixando atrás de si um silêncio penoso e incompreensível.

Este passado, que nunca se tornou muito claro, esfumou-se aos poucos numa névoa de cinza, de mistura com as primeiras e indefinidas aspirações da adolescência, e de tudo isto ficou um travor amargo e frustado, uma sensação de abandono e desencanto, como a que nos dá uma velha casa fechada no meio de uma floresta.

Ora um dia, por acaso, não se sabe bem como nem onde, abriu um «café» de tipo novo, no fundo de uma cave, com pequenas mesas individuais, uma doce penumbra repousante e umas lindas raparigas que serviam com um sorriso e acolhiam com agrado o cliente moroso, cativado por aquela atmosfera de fantástica irrealdade.

Nesse dia nasceu o «café-expresso», explorado na sua maioria por imigrantes italianos, apadrinhados logo em seguida por estrangeiros e ingleses. Uma máquina de engrenagem relativamente simples, uns manípulos cromados, um movimento rodado e suave a um deles, a sustar a pressão do vapor, e jorra na xícara um café quente e gostoso. Invento de origem italiana espalhou-se por todos os condados do reino, entrando em concorrência com a tradicional chávena de chá das avózinhas britânicas, banida ao ostracismo das cafetarias vulgares e desconfortáveis. Aqui, se se bebe chá, é por copo, em estilo continental, com uma rodela de limão a boiar ao de cima.

Porém, o que atrai e fascina o frequentador do «café-expresso» é

o ambiente feérico em que ele mergulha, o calor humano e o contacto fácil que aí encontra. A sua variedade é infinita, criada pelos recursos delirantes da imaginação artística, que procura adaptá-lo em desenho e carácter ao bairro em que está situado.

Deste modo os «café» de Soho são premeditadamente perversos, estreitos e apertados, para favorecer uma familiaridade imediata entre gente que se desconhece. A luz é quase sempre melodramática; vermelho sanguíneo, roxo de sexta-feira santa, e um amarelo de oca, que põe um livor estranho e lunar em todas as coisas, dando aos consumidores um ar vagamente comprometido de doentes dos intestinos.

Os recantos esbatem-se numa doce penumbra por onde se somem os tímidos, deixando no centro uma grande mancha de claridade em que erra o fumo dos cigarros e uma poeira irrisada e tênue. A entrada há um «juke-box», onde está sempre algum jovem a meter moedas, e o ar vibra com o ritmo frenético do «rock-n-roll», ou amacia-se com uma canção italiana, que fala de amor, do céu azul e de um mar de esmeralda.

Os frequentadores do «café-expresso» são, quase na totalidade gente nova. Ali eles encontram como que um ninho, um conforto e uma protecção contra um mundo tumultuoso e confuso, uma réstia de poesia e sonho, um afago para a imaginação ávida de qualquer coisa de novo e fresco que a vida quotidiana parece já não poder dar. Ali eles encontram o carinho, o amor, ou uma ilusão do amor, e uma fraternidade humana, pronta e espontânea, que os seus corações não conheciam.

As empregadas — melhor seria dizer as «hospedeiras» — são geralmente estudantes, jovens actrizes em busca de colocação, artistas a tentar fortuna em início de carreira, raparigas desejosas de uma aventura e estudantes estrangeiros sem mesada. Algumas trazem o cabelo negro e apaixonado solto em cascata sobre os ombros. O rosto pálido e as olheiras fundas dão-lhes um ar excitante. Um pulóver ou um suéter negro, muito justo, acentua a linha do seio enristado, onde repousa um longo e pendente colar de contas. Meias de lã grossas, verdes, negras ou vermelhas, moldam suavemente a perna delgada e fina. Muitas lêem Proust ou Sartre e todas elas conversam num ávorio delicioso com os clientes, aceitando um ou outro convite, pois, na verdade, pertencem todos a uma grande família, podendo muito bem o cliente de hoje ser o empregado de amanhã.

Cá fora as insígnias luminosas sugerem a quem passa um ambiente aliciente e tentador: «O Céu e o Inferno», «Les Enfants Terribles», «The Grotto», «Cul de Sac», «Rouge et Noir», e «Le Macabre» — longa e interminável fileira de «café» que rivalizam entre si na cor, na iluminação, na cenografia, indo do pequenino lago com repuxo, sob vitrais de um desenho fresco, ao longo corredor esguio, onde se divisa, à luz de velas espetadas em candelabros em forma de caveira, pálidos rostos de magras súfides loiras.

A popularidade do «café-expresso» é enorme e a certas horas da noite tem que se fazer fila no passeio, aguardando a vez. Por isso alguns proprietários só dão acesso a quem queira serviço de restaurante. Isto acontece sobretudo em Kensington, onde a essência do «café-expresso» foi adulterada pelo snobismo dos grão-finos. Domina aqui o ambiente espectacular e operático, com nítido isolamento individualista, ou espírito de grupinho de «gente-bem».

Mas a grande sensação, a grande surpresa desta semana em Londres foi a abertura de um «café-expresso» de carácter socialista-laborista com um nome sonoro de reminiscências heróicas: «The Partisan». Em reacção aberta contra o que se considera a atmosfera «decadentista e melodramática», feia em toda a sala uma luz branca, racional, vinda do alto.

Mesas de pau e o banco corrido favorecem o convívio de grupo, ao passo que o sistema do «self-service», mais democrático, dispensou a presença agradável das encantadoras hospedeiras. Patrocinado por uma revista universitária de jovens intelectuais radicais, é frequentado por uma mocidade barbuda, de cabelo longo à nazarena, e de guedelha hirsuta.

De sorte que agora toda esta brilhante mocidade londrina põe em risco a sorte do Governo nas próximas eleições, discutindo pacatamente a revolução em torno de uma chávena de café...
Novembro, 58.

Levantou-se abruptamente da mesa. «Tenho de ir a casa sem falta...» Como soube Cazenave que sua mulher estava em perigo! Eis o mistério que só talvez esta palavra «Amor», consiga explicar.

Disse-o Antero. «Que o amor até em sonhos adivinha». E quantos antes dele o disseram... E quantos o dirão depois...

Acaba de dar-se em França um caso que apaixonou a opinião pública — sempre pronta a deixar-se prender pela corda do sentimento. Sinceramente! Qual de nós deixará alguma vez de gostar de ouvir histórias de fadas, das mesmas com que nossa avó nos encantava? Simplesmente, como diria Kipling, as fadas são outras — mais ao nível do adulto, mas nem por isso menos fadas...

A personagem principal desta história chama-se Jean Cazenave. Empregado de escritório nos dias de semana, jogador de raguebi aos domingos. Faz parte da equipa de Mantauban, onde ocupa o lugar de «três quartos».

No dia 2 de Novembro, Cazenave saiu de casa para se juntar aos companheiros de equipa, pela manhã. A mulher veio, e o sempre, despedir-se dele ao patamar da escada, dar-lhe um sorriso e o beijo de despedida. E umas palavras de incitamento: — Adeus, querido, joga bem... E toma cuidado...

Sorriso aceso nos lábios, a mão a sacudir um leve adeus... Cazenave deixou de se voltar, ao dobrar a primeira esquina. Ia atrasado para a concentração...

Às 11 horas estavam todos os companheiros reunidos no pequeno restaurante onde, na companhia dos técnicos e directores, costumavam tomar a refeição que precede o jogo. A proibição de talar no «match» compre-se rigorosamente. A conversa toma assim os rumos mais dispa-

ratados, fazendo brotar aqui um sorriso, além uma gargalhada, uma exclamação, um gracejo, uma anedota, uma recordação dos mais velhos.

E bem precisa era aquela boa disposição, pois iam disputar um dos jogos mais difíceis do campeonato. Afastar a preocupação, o enervamento, era o fim do convívio clu-bista no pequeno restaurante cidadão. Fim, aliás, que estava sendo amplamente conseguido...

Eis senão quando se notou um desajuste. O sorriso de perene boa disposição desapareceu dos lábios de Cazenave. Este pôs-se levemente pálido, tornou-se inquieto. Levantou-se:

— Desculpem... Tenho de me ir embora.

É fácil de imaginar a confusão que este acontecimento provocou. O medo de enfrentar o público, o enjoo do palco foi o diagnóstico feito imediatamente pelos técnicos. Estavam habituados a aquelas situações — próprias, aliás, dos grandes artistas, como é o caso de Cazenave, uma das «estrelas» do «team».

Rodeiam-no, procuram obrigá-lo a sentar-se. Se o conseguem, terão ganho a partida Cazenave mostra-se intransigente: — Larguem-me! Tenho de sair, tenho de ir a casa. Larguem-me!

Dava mostras de tão grande excitação que ninguém teve coragem de lhe embargar o passo. Não havia nenhuma explicação plausível para aquele regresso súbito a casa, não era hábito mesmo. Em regra saíam do restaurante para a sede e daí directamente para o campo.

Mas Cazenave tinha razão, isto é, o amor tinha razão, o amor

até em sonhos adivinha...

Ao chegar a casa, mal abriu a porta, chamou pela mulher. Ninguém lhe respondeu. Volta a chamar, angustiadamente. Silêncio. Corre em todos os sentidos; teve, finalmente, de arrambar a porta da casa de banho. A mulher encontrava-se caída no chão, vítima de asfixia provocada pela rutura de um cano de gás.

Agarrar nela, dirigir-se a uma velocidade louca à clínica mais perto, foi tudo obra de um momento. Os médicos necessitaram de hora e meia para que a mulher de Cazenave voltasse à vida...

É fácil adivinhar a alegria que se estampou no rosto do «ragbyman» quando viu que se animavam as feições beas, amadas; que as pálpebras batiam, desajeitadamente, como o pássaro que levanta voo pela primeira vez.

— Está salva — perguntou com um nó na garganta.

— Sim, meu amigo, está salva... — foi a resposta do médico.

Cazenave olhou o relógio. Faltava exactamente um quarto de hora para começar o encontro. Beijou a mão pousada na coberta:

— Até logo, querida!

— Adeus. Joga bem... Apesar da violência das emoções que ainda lhe oprimiam o coração, Cazenave fez o melhor jogo da sua carreira. Ao ser elogiado pela sua atitude, Cazenave disse a um jornalista: «Cumprido o meu dever para com a minha companheira, faltava cumprir ainda outro: o dever para com os meus amigos da equipa...»

Por isso, ali estava. Modestamente, como todos os verdadeiros desportistas.

FIM DE SEMANA FELIZ

Parece que não fui feliz no conselho que dei a semana passada. Pelo menos, é o que me afirma a Senhora Dona I. M. que me escreve a dizer ter ido realmente à praia, indómitamente, para imitar o Inglês encantado com o Sol meridional.

E o resultado?

O resultado foi aquele resfriamento de que se encontra ainda mal curada. Podia atirar aqui com a culpa toda para cima do Boletim Meteorológico, que tem as costas largas. Não o faço por desejar querer a responsabilidade inteira.

Os conselhos dos amigos agradecem-se independentemente das consequências dele. Bem o dizem azulejos azuis em casas de novos-ricos: *Benvindo seja quem vier por bem!* O meu foi dado de boa-fé e por estar à la Page da moda e da ciência.

Não sei, meu caro leitor, se conhece aquela célebre frase de Bernard Shaw (de cujas frases não houve nenhuma que deixasse de ficar célebre!) a respeito das conversas futeis: «Se falássemos apenas quando temos necessidade disso, há muito que o homem teria perdido o uso da fala!»

Acontece exactamente o mesmo com as pernas, por exemplo. Acabo de ler numa revista italiana que, a continuarmos assim, nesta vida sedentária, ainda acabaremos por ficar paralisados.

Por dever de ganha-pão, os homens nada mais andam do que o caminho de casa para o escritório, do escritório para casa. «E mesmo

esse, de autocarro!» — acrescenta a revista, horrorizada.

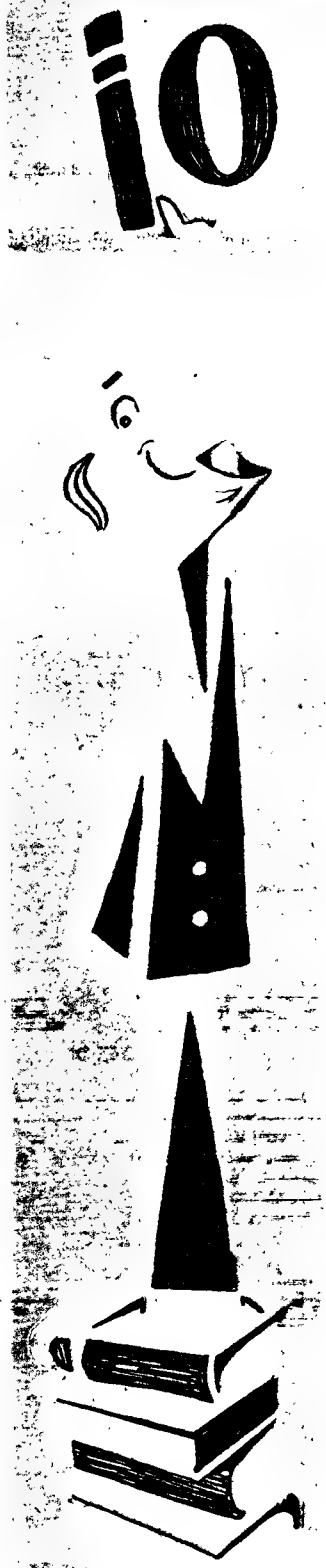
Sensatamente, com um suspiro, acabava por dizer que não há, por enquanto, outra alternativa. Fala-se muito já na possibilidade não muito remota dos dias de cinco horas de trabalho — por exemplo, das 8 às 13. Até lá, porém teremos de sofrer as sete e as oito de trabalho e mais duas suplementares a sonhar com o horário que há-de vir. E as pernas lá vão ficando condenadas à imobilidade, à fatalidade de uma paralisia que, nem pelo facto de vir a dar-se dentro de alguns milhões de anos, nos impressiona menos.

E de repente o articulista exclama: «Alto! Ainda existe uma solução, uma porta de saída! Ainda temos o domingo! Leitor! Há que dar às nossas pernas, no domingo, o movimento que lhe recusamos nos dias de semana!»

O conselho é da revista italiana, que apresenta vários esquemas de «tratamentos de domingo» seguidos por algumas das mais célebres pernas — perdão! — de actrizes do cinema. Assim, ficamos a saber que Fulana e Sicrana não desistem dos seus passeios longos nas manhãs de domingo, «qualquer que seja o tempo».

De onde concluímos sem nenhuma dificuldade que superior ao medo de um resfriamento actual, é a possibilidade de ficar paralisado — no prazo de alguns milhões de anos...

(Continua na 7.ª página)



A conquista do céu

Queremos hoje referir-nos a um factor de enorme importancia no problema das viagens interplanetárias, tão valioso que nos demoraremos um pouco nele. Trata-se da atmosfera.

Não dou nenhuma notícia secreta afirmando que sem ela a vida não seria possível, á superfície da Terra. Quando respiramos, é a atmosfera que nos fornece o oxigénio indispensável á actividade vital do organismo. Felizmente, existe dele com fartura no ar que nos cerca. Se fosse liquefeito todo o oxigénio existente na atmosfera, obteríamos uma camada que cobriria toda a Terra com uma altura de 2,2 metros.

Além disso, a camada poderosa de ar protege a vida que formiga á superfície do planeta, contra a acção imediata e brutal do espaço cósmico infinito no qual a Terra se move como um insignificante grão de areia.

Um frio terrível reina no espaço cósmico, muito próximo do zero absoluto, isto é, 273 graus negativos. Se não houvesse atmosfera, a temperatura da superfície terrestre privada momentaneamente de sol atingiria 160° negativos, e mais de 100° positivos a que recebe a luz solar. Isto é: precisamente o que acontece na Lua.

A atmosfera que envolve a Terra funciona como um poderoso tapete termo-isolador com esta característica: deixa passar os raios solares projectados sobre a Terra, mas não permite que esta se separe do calor recebido. Eis aí a razão por que as variações de temperatura no espaço de 24 horas não são muito sensíveis. Vivemos na Terra como dentro de uma gigantesca garrafa-termo... muito engenhosa, pois deixa passar o calor num sentido sem o deixar passar no outro.

Mas há mais. Todos hoje sabem que o Sol envia á Terra grande quantidade de raios ultravioletas devido á acção dos quais a nossa pele ganha este belo tom bronzeado. Ora uma grande parte dos raios ultravioletas poderia ser bastante prejudicial, em vez de benéfica. Mas lá está a atmosfera montando guarda — absorvendo a parte nociva das radiações solares. Se o fluxo desses raios atingisse a Terra sem sem amordaçada no caminho — a vida neste planeta seria provavelmente impossível.

A camada de ar não nos protege apenas da acção dos raios mortais e do bombardeamento de partículas invisíveis. O espaço cósmico bombardeia igualmente a Terra com projecteis mais pesados: as pedras celestes ou meteoritos. Milhões destes projecteis são arremessados contra nós em cada minuto á velocidades que atingem dezenas e centenas de milhares de quilómetros á hora. A esta velocidade — até simples grãos de areia se tornariam perigosos. Se não houvesse atmosfera onde os meteoritos se queimam, esta chuva de pedras tornaria a nossa vida muito difícil... é fácil de calcular porque.

Pensemos ainda que sem atmosfera não poderíamos emitir sons, o som seria impossível. Sem ele, os homens seriam mais pobres que o mais miserável dos pedintes, pois estaria privado de muitas maravilhas e belezas que vão na sacola de todos os poetas: o azul do céu, as cores, as caravanas de nuvens de contornos fantásticos, a cintilação das estrelas, a suavidade do crepúsculo, os fogos de artifício incomparáveis das auroras boreais. — tudo isso devemos á atmosfera.

Sim, tudo isso é verdade. Como vimos, há muitos e muitos motivos para estarmos gratos á atmosfera. Quando se trata, porém, de abandonarmos o planeta para efectuar o voo interplanetário, a camada de ar, longe de nos prestar auxílio, transforma-se num difícil obstáculo. Para onde quer que orientemos o voo da astronave, esta deverá forçosamente atravessar a «courageira» da atmosfera, vencer as dificuldades que apresenta um voo muito rápido no seio do ar. Dificuldades ainda maiores aguardam a astronave no seu regresso á Terra.

Para vencer um inimigo — a primeira coisa a fazer é conhecê-lo bem. Que vem a ser a atmosfera? Até que altura existe? Que perigos aguardam a astronave no seu caminho para o céu e como evitá-los?

Eis algumas perguntas a que iremos responder.
(Adaptado por Manuel Salgueiro)

Abafava-se. Tecto muito baixo... A tarde arrastava, por silenciosas avenidas, farrapos de ouro. Restos de antiga grandeza.

Uma exposição? Sim. Uma clareira. E por ela o mar, a lonjura... Enfim, a certeza de que a dimensão indispensável no homem não ficou esmagada na dentuça do comboio.

Os jornais silenciaram. Este anel de «no man's land» estrangulado no pescoço do gato maltês, erradio por telhados abertos ao luar e ao relento... Longe dos ambientes mimosos (o sofá, a xícara, o «couver-pieds»...), do chapéu na mão, do comércio...

Lá fui. Muita gente na sala. Gente interessada. Um espectáculo, para mim, o maior de todos: as pessoas no reino da arte, lá onde todos podem dar as mãos. Nenhum angulo agudo, banho lustral. Milagre. No mar em chamas — uma ilha.

E as campanhas e os celfeiros, e o sol mordente, a sede humanizada em gestos... Os olhos extensos, como se fitassem o futuro, místicos de tanta raiz na Terra! A comprometer-nos, a responsabilizar-nos, a enganar-nos...

Conheço, fibra a fibra, cada uma destas linhas que andam por aí reproduzidas em revistas, em separatas, em capas de livros. Sou capaz de localizar um gesto, uma cor. Fui direito á Nossa Senhora de Apresentação, de olhos fechados.

Nossa Senhora de Apresentação Conheceu-a bem, o artista. Debaixo do manto dela nasceu muito daquele sol em brasa, como um coração, muita daquela lonjura sem medida, muitas daquelas mãos cheias de terra, muitos daqueles olhos cheios de céu...

Falamos agora dos grandes vitrais e murais que ele não fez; porquê?

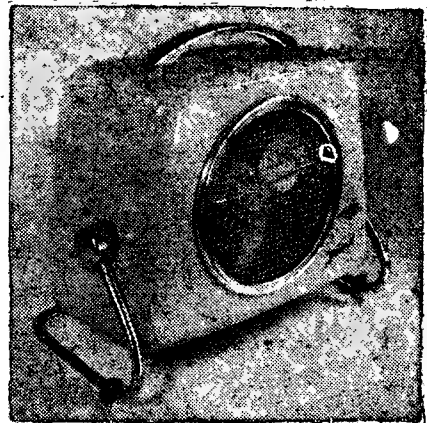
Pergunto eu; quem me responde? Domingo, evidentemente, estive lá.

Só por estar. Para ouvir, e... Tolice! Ia dizer: para que Fernando Pessoa não estivesse só. «Não estão aqui todos os que amam Fernando Pessoa...», dizia Urbano Tavares Rodrigues. Claro. Bem, eu próprio, não poderei dizer...

Manuel Salgueiro



Os radiadores GEP, com ventoinha para circulação forçada de ar, são muito compactos, muito económicos e bastante eficientes, pois realizam o aquecimento total do ambiente á custa de uma circulação de ar de cerca de 7m³ por minuto. Não queimam as poeiras do ar e são absolutamente seguros, quer para crianças, quer para adultos, em virtude da sua blindagem não poder provocar queimaduras. São silenciosos, têm filtragens contra interferências na TV e no Rádio.



bilhetes Paulistanos

BRASÍLIA

por MIGUEL URBANO RODRIGUES

S. PAULO, Novembro — Brasília é neste grande país um nome mágico que soa como um repto. Uns são a favor, outros contra. Não há indifferentes. Para a oposição, surge como símbolo dos erros e da falta de visão do Governo. Para o presidente Kubitschek de Oliveira, é a mais bela expressão do pioneirismo brasileiro, da arrancada para o futuro de um grande povo. Para os que a combatem é uma cidade sumptuária e absurda, um ultraje á miséria das massas famélicas, um sorvedoiro de dinheiro que vai tomando forma nas solidões do Goiás, a milhares de quilómetros das regiões conquistadas pela civilização, onde a ocupação da terra pelo homem é efectiva. Para o presidente e para a legião dos que pensam como ele, a urbe cogumelo que nasce no centro do país é uma bandeira de luta, o primeiro grande passo dado no sentido da construção de um Brasil concebido á medida da sua imensidão geográfica. Aos olhos da oposição tudo está errado na ideia e na realização de uma capital nabelesca desde os palácios de mármore ás tapeçarias de Gobelins importadas de França. Os biliões que Brasília devora seriam mais uteis á nação investidos no desenvolvimento das zonas densamente povoadas da orla marítima onde se concentra a riqueza palpável do país.

O problema tornou-se agora, se possível, mais actual. O Governo acaba de lançar um plano de estabilização monetária que é um verdadeiro plano de austeridade financeira. A oposição logo bradou por coerência, exigiu cortes drásticos nas verbas destinadas á futura capital. Alguém propôs mesmo o adiamento para 1970 da projectada transferência da sede do Governo. A querela eterniza-se e Brasília vai crescendo...

Creio que assiste razão á ambas as partes. Que a criação de Brasília é inoportuna num momento em que o país luta com tremendas dificuldades financeiras decorrentes da sua prodigiosa expansão — apenas a China regista um índice de

crescimento económico superior ao Brasil — não resta duvida. Mas há erros históricos que se revelam benéficos com o decorrer do tempo. Não será Brasília um deles? E admitindo que seja um erro, é tão belo, tão humano, tão audacioso.

A epopéia de Brasília é das que dificilmente se podem compreender sem se ter uma noção mesmo vaga do vazio, do desolador e angustiante vazio do centro do Brasil. Construir uma cidade inteiramente nova, concebê-la, planificá-la, vê-la surgir da terra, é algo de maravilhoso. Os Australianos inventaram Camberra, Ataturk fez brotar Ankara das estepes da Anatólia, os Polacos criaram uma urbe modelo nos pântanos da Silésia, os Russos têm erguido dezenas de cidades nos Urais e nas terras virgens da Sibéria e do Turquestão. Mas Brasília, a que muita gente aqui chama o mito de Brasília, é diferente. É a cidade impossível, irreai, a capital do futuro que nasce num mundo onde tudo lembra ainda eternidades mortas. Os palácios e os arranha-céus funcionais, os hotéis de luxo, o ar condicionado, o perfil das ruas, os bares, os primeiros cinemas são aberrações no planalto isolado do resto do Globo por solidões inóspitas habitadas por índios e feras. Só de avião é possível demandar-se a capital fabulosa, filha do génio de Oscar Niemeyer. Mas já lá quem, saturado dos prazeres frívolos do Guarujá ou de Copacabana, vá passar o fim-de-semana confortavelmente instalado no primeiro dos palácios brasilienses. É uma estrada de asfalto ciclópica que terminará em Belém do Pará, a mais de dois mil e quinhentos quilómetros de distancia, principia a serpentejar através da mais densa e misteriosa floresta do Globo, uma selva virgem onde reina um silêncio algido e a luz solar não consegue sequer filtrar-se pelas copas das árvores.

A querela continua e Brasília, capital fantástica do século XX, surgida no planalto desértico, a dois passos da mata onde homens e animais vivem num mundo de terrores e sombras, mergulhados em pleno neolítico, vai crescendo. A utopia torna-se realidade...

As mãos falam!

Se deseja saber o que as suas mãos, ou as mãos dos seus amigos podem revelar; se deseja conhecer o significado científico das linhas, dos sinais especiais da palma da mão, do feitio e aspecto das unhas; se quiser informar-se dos elementos que as suas mãos patenteiam ao médico e ao psicólogo; se tem interesse por conhecer o que indicavam as mãos de Sarah Bernhardt, Adolf Hitler, Pablo Picasso, Bernard Shaw, Gandhi, Caruso, General De Gaulle...

Leia

Pelo DR. JOSEPH RANALD
Volume n.º 39 da COLEÇÃO SABER
Um volume de 180 págs. 15\$00
PUBLICAÇÕES EUROPA - AMÉRICA
RUA DAS FLORES, 45 — LISBOA 2

OS IRMÃOS KARAMAZOV

FIODOR Karamazov teve, da primeira mulher, um filho—Dmitri; por morte dela, a criança ficou ao abandono e nem se sabe o que teria sido dela, se um

Próximo da maioridade, todos três resolveram procurar a casa paterna, onde encontraram a vida mais libertina que se poderia imaginar: os homens mais depravados, as mulheres

jando-lhe até a morte. Só Ivan permanecia puro e casto, passando em silêncio por entre aquela depravação; sofria com mágoa, mas não queria ser juiz de ninguém. Quando não podia suportar mais as coisas, retirava-se, fechado no seu silêncio sereno, sem censuras nem desprezo.

Os quatro formavam uma família desarmônica, em constante desacordo, em questões violentas; esta discórdia era aumentada pelo irmão bastardo dos três, Smerdiakov, espécie de bastardo, epilético, nutrido por Ivan uma admiração sem limites; Ivan irritava-se com isso, tanto mais que via nele, a sua caricatura.

Entre estes homens desavindos, encontrava-se Gruchineka, mulher usurária, velha, impiedosa, mas de um encanto irresistível. Dmitri encontra-a um dia, por acaso; mas ficou preso a ela, a ponto de pretender casar com ela, se bem que soubesse das relações dela com os irmãos e o próprio pai. Um ciúme louco o cega. Por ela sente-se capaz de abandonar a noiva, matar o pai, ser seu laçao. Por ela rouba a noiva; despreza-se, por isso, mas sente bem que voltará a fazê-lo, tal essa mulher lhe deu volta à cabeça.

Dmitri pede ao irmão, Aliocha, que procure Iekaterina para lhe anunciar o final do seu noivado oficial. Julga-se desprezível; sabe que Ivan também a ama, embora tenha sido ele o preferido. Se a deixar, quem sabe! talvez Ivan venha a casar com ela e ambos serão felizes. Ele só pensa em Gruchineka, se bem que conheça a lama em que esta vive; não lhe interessa, desde que a subtraia ao pai e a tenha sua.



velho servidor a não tomasse a seu cuidado. Mais tarde passou para a posse de um primo, comovido com a triste sorte do inocente; por morte desta, para uma filha tia e desta, ainda, para uma prima. Por aqui se vê quanto a sua infância não teria sido movimentada e a influência que teria tido na sua formação. Cresceu na ideia de que possuía haveres que receberia na sua maioridade e que, por isso seria independente. Na espera desta filia, crivou-se de dividas. Na altura de as pagar, soube, com espanto, que nada possuía; o pai enganara-o durante aqueles anos todos, mantendo-o em respeito na esperança de herdar um dia, a parte da mãe.

Da segunda mulher, jovem e bonita como a primeira — este facto admirava toda a gente, pois Fiodor era bêbado e libertino — teve dois filhos: Alexei e Ivan. Esta segunda mulher aguentou, por poucos anos, a vida terrível que Fiodor lhe proporcionava.

A sua morte deixou os dois rapazes ao abandono; e valeu-lhes a madrinha da mãe, uma velha generala, que os levou para sua casa, não sem ter, primeiro, pregado umas boas bofetadas em Fiodor. No testamento, a velha senhora deixou-lhes os bens suficientes para prosseguirem os estudos e um generoso protector na pessoa do seu principal herdeiro.

Os anos rolaram, sobre a Rússia; o protector dos dois órfãos morreu, deixando-os em apuros. Ivan procurou trabalho e encontrou-o em vários jornais. Alexei, sentindo-se atraído por uma vida liberta das trevas e do ódio da guerra, seguiu a vida monástica.

mais ordinárias da cidade, ali viviam, ali se embebedavam e entregavam à vida mais sórdida e vicio-



sa. Foi nesse ambiente que os jovens passaram a viver, desprezando o velho pai, amaldiçoando-o, dese-

E' o que confessa ao irmão, em furia, os olhos raídos de sangue. Ameaça matar o pai, seu rival.

Tem com ele uma alteração terrível; loucas partidas, corridas, gritos de socorro; enraivecido, Dmitri agride o pai, brutalmente, enlameado pela ideia de que Gruchineka, entrara em casa do pai para uma entrevista.

Aliocha reconhece bem que deve interceder junto de Iekaterina, para romper uns esponsais impossíveis. Ele já conhecia Katia; fora-lhe apresentada pelo irmão e sentira-se impressionado com a sua beleza.

Não se pode dizer que a entrevista tenha sido fácil; Aliocha desempenhava-se mal da incumbência; Katia não queria perder Dmitri. Disse estar certa de que ele não casaria com Gruchineka; esta mesma lho havia afirmado. E para convencer Alexei, chamou alguém do quarto contíguo. A visão que dali surgiu, deixou-o espantado: era Gruchineka em pessoa, essa mulher terrível, esse «monstro» como o irmão lhe chamava... criatura encantadora de quem não conseguia desprender os olhos. Tinha diante de si, um misto de mulher e de criança; afectada e ingênua, temível e encantadora.

A cena a que assistiu deixou-o atrevido. Muitos beijos de Iekaterina em Gruchineka, muitos sorrisos ingênuos desta, muita confiança da parte de Katia em afirmar que a rapariga não tencionava casar com

(Continuação da 1.ª página)

castigo colhia um peccador. Havia no seu peito um rancor de vingança que não se fartaria nem com uma eternidade. Ah! se todos os dias pudesse quebrar por suas próprias mãos alguém que lhe lembrasse os miseráveis assassinos de Inês ou o que a seus olhos eles representavam — o espírito do mal! Por isso corria como um cigano de vila em vila, de aldeia em aldeia, navegador, descobridor das terras da Justiça; e chegava a não pousar um mês em cada sítio. Se lhe davam notícia de algum criminoso, em distantes províncias, logo El-Rei corria a escolher homem merecedor de sua confiança, prometia-lhe mercês para que lho buscasse e que jamais aparecesse ante ele sem o trazer. Assim convergiam até ele, como todos os rios para o mar, mesmo que se alapardassem no cabo do Mundo. Muitas vezes surgiam, imundos de terror, á hora em que El-Rei comia; sabendo-o, logo El-Rei se levantava, deixando o repasto em meio: e empunhando o açoute crescia para os desgraçados, chicotendo-os até lhes espremer da memória todas as confissões. Ficava então mais satisfeito, mais calmo e da sua boca gotejava a sentença, sempre contorcida pelos tremores da gaguez.

Assim o povo, o clero e a nobreza se acostumaram a ver D. Pedro I, o Cru, de agoute na mão, em qualquer apeadeiro onde pousasse. Quando os grandes lhe insinuavam que tal officio não era de rei, ele sorria. Sorria e açoutava. Açoutava e condenava.

Ali tinha agora na frente os seus dois escudeiros, a quem dera criação e mercês e honras. Que lhes fariam? — pensavam os mudos assistentes. Perdoaria alguma vez, por graça do amor? Mas já D. Pedro perguntava mansamente, para acalmar a gaguez:

— Que coisa fizestes? Como a fizestes? Alguma coisa vos faltava para que vos fosse mister matar e roubar?

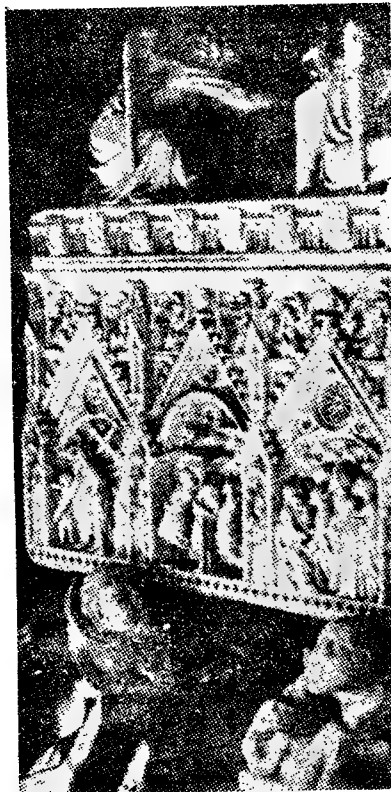
Os dois moços iludindo-se com a amizade constante que sempre El-Rei lhes dedicara, disseram que estavam inocentes, que nada sabiam do caso.

— Não sabeis? — amçou D. Pedro, já com a voz a decompor-se — Não sabeis? Quereis então que eu saiba? Olhai que não o perguntarei a ninguém. Só a vossa boca é fiel

HISTÓRIA

para me contar tão grandes coisas. E contai-mas já. Já neste momento. Antes que três açoutes cruéis vos desembarquem a língua.

O braço, erguendo-se, ia direito ao fim da ameaça quando os dois



escudeiros, tremendo, tudo confessaram. A boca de D. Pedro reagiu com um sorriso. Começou a caminhar na sala dum canto para o outro; por momentos, os olhos aljavam-se-lhe de lágrimas; estava

IMPRESSÕES

Por

O antigo e o novo andam associados nesta cidade, berço de Cristóvão Colombo, em que a medieval é uma recordação constante nos seus monumentos, nos velhos recantos sombrios, nas escadarias íngremes. As flores dispõem-se artisticamente por estas escadarias, alongando cada degrau; á tardinha o seu perfume atrai os pares jovens e há sempre uma rosa, um cravo ou outra flor mais modesta presa no decote das raparigas.

Igrejas, monumentais, como a de S. Giovanni di Pré, erguem-se humildes e tristes, numa beleza decida. Ruas estreitas espreitam ás esquinas, e todo o passado revive numa janela rendilhada, num braço gasto pelo tempo, encimando um portal pesado, numa imagem votiva adornada no seu nicho de flores e lampadas eléctricas. Este cenário de antigas evocações dá acesso a avenidas modernas onde o tráfico é intenso e febril. Alí brilham as lojas dos mais variados artigos, num arranjo cuidado e tentador. As Genovesas, porém, preferem vestir-se mais de acordo com o seu próprio gosto do que seguir os ditames da moda. Assim, se há uma ou outra mais ousada que encurtou a saia, a maioria usa-a um pouco abaixo da barriga da perna e não há vestígios de linha «saco» ou «trapézio», o que abunda grandemente noutras cidades de Itália. De aspecto reservado e tímido, são encantadoras no convívio, gratas ás homenagens dos admiradores que lhes seguem o passo mudo.

A via Gramsci, ampla, cortada por «filobus», automóveis, pesados veículos, conduz ao porto de intensa actividade. Um representante da autoridade exige a documentação pessoal para ingresso no cais marítimo. O mar, cruzado por barcos de recreio, embandeirados, cheios de turistas, e velhas barcas, próprias do trabalho rude, re-

brilha ao sol da manhã. Sopra uma leve aragem que suaviza o calor que se faz sentir em Génova. Uma grande área é ocupada por quiosques, lojas onde se vendem «souvenirs», restaurantes, cafetarias, célebres pelos famosos «cappuccini» que só os Italianos sabem fazer. Mais longe descarregam-se mercadorias, e é aí que ás vezes se pratica algum contrabando apesar da vigilância. Num bazar uma Americana idosa procura uma recordação típica: um boneco vestido de marinheiro, cestos com bordados, caixas com o distico «Ricordo di Genova». Mexe e remexe, indecisa. A empregada amável espera, um cliente não atendido tamborila nervosamente com os dedos sobre o balcão. Por fim, farto da cena, dirige á Americana o melhor sorriso e desfecho-lhe o insulto «che vecchia più baccucca!» (que velha revelha!). Ela agradece, sem perceber, ele sai satisfeito. De olhos postos no mar, tal como o nosso infante D. Henrique no promontório de Sagres, Cristóvão Colombo sentiu nascer em si a grande vocação que o tornaria conhecido do Mundo. A casa onde nasceu e passou a adolescência encontra-se ao cimo de uma moderna avenida, coberta de verdura, com janelas de vidros rectangulares. As ruínas do antigo jardim revelam ainda a fonte de estátuas pagãs, os pilares do caramanchão, o banco de pedra trabalhada.

Porto, uma das entradas da cidade no tempo medieval, a porta soprana, com duas colunas coroadas de no tempo medieval, a porta Soge um bairro velhíssimo, de vielas estreitas donde se desprende um cheiro fétido. Lojas de adelos, bares sujos, hotéis de reputação duvidosa. Nota-se a miséria nas casas, na roupa encardida, pendendo ás janelas, nos «disponíveis», estava

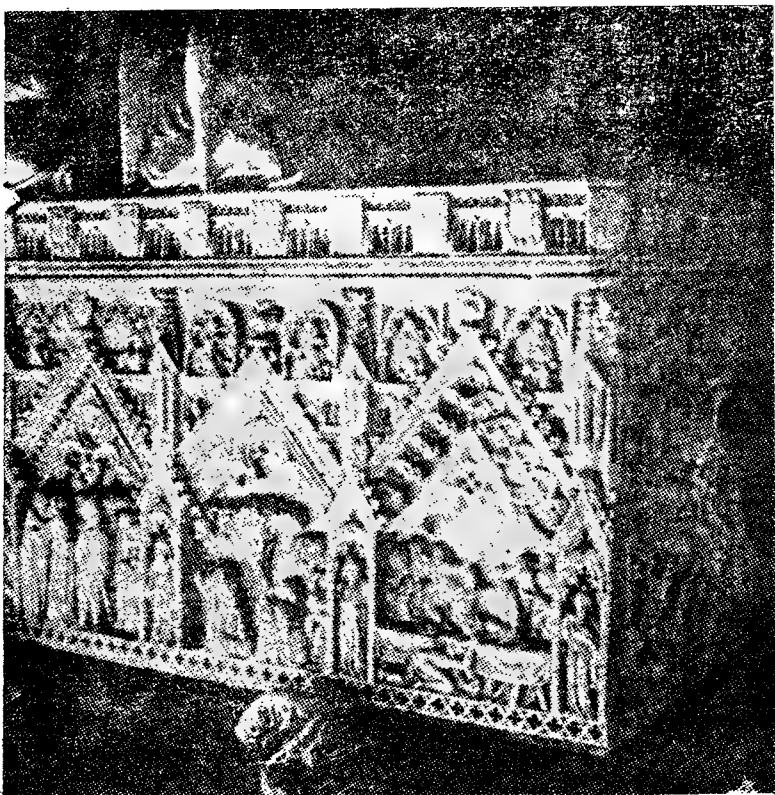
(Continua na 7.ª página)



S DO REI DOIDO

recordando tudo quanto por eles fizera; mas parava de subito, e enfrentava os dois ladrões-assassinos e gaguejando horrivelmente dizia estas palavras, que eram um desa-
bafo:

...os nervosos; voltava a chorar; voltava a dizer as mesmas palavras. Os circunstantes perceberam nessa altura o destino que esperava os dois jovens; imploraram que por um porco judeu não tirasse El-Rei a



Tumulo de Inês de Castro — Alcobaca

— Fizestes bem! Querieis tomar o mestre de ladrões e matar homens pelos caminhos... Primeiro viriam os judeus, depois chegariam os cristãos...

Voltava a comer a sala com pas-

vida a homens tais. E El-Rei sempre teimosamente repetia:

— Primeiro foram judeus, depois serão cristãos.

E mandou-os degolar.

APONTAMENTOS PARA OS TEMPOS FUTUROS

COEXISTÊNCIA
PACÍFICA

A Dona Brites aconteceu na vida o que tantas vezes sucede a outras Brites do mesmo sexo: tornou-se viúva e inconsolável. Enquanto durou o estado químico de inconsolável, ela perseverou no estado físico de viúva. Estas coisas são mesmo assim. Mas no círculo da família voejava o coração generoso do dr. Jerônimo: ia por lá aos sábados, noite certa em que os Mendonças recebiam e amesendavam os amigos, pousava os olhos celibatários sobre os tecidos inconsoláveis de Dona Brites (sempre famosos pelos primores de pele) e sábado atrás de sábado acabou por ficar cismático.

Dona Brites às vezes sentia queimaduras na epiderme, estremeçia, levava o refrigerio da mãozinha muito branca, de veias muito azuis, á zona dorida. Procurando o motivo de tão estranho fenómeno, acabava sempre por se ensarilhar no braseiro dos olhares do dr. Jerônimo. Esta conjunção tornou-se amidiada: uma vez, mais outra e mais outra e a santa senhora foi diminuindo a concentração química do seu estado de inconsolável.

Dona Brites punha-se então a tricotar projectos, a olhar para a frente — situação muito contrária ao estado de viúva, em que a bussola já só tem um ponto matrimonial: o passado. Ora Dona Brites reencontrava o futuro: e quando nele se instalava em imaginação, com móveis e tudo, como convém a toda a mulher, certo era que ficava horas amodorrada, fitando qualquer coisa invisível apenas pela necessidade de ter a vista apoiada em algum sítio. Se destes sonhos acordava, porém, para a realidade palpável do Defunto, mortalmente encaixilhado por cima do piano, numa pose definitiva — a pobre Dona Brites tinha então consciência do pecado. Pela primeira vez na sua santa vida sentia o que fosse o pecado.



tada. Sentia-se definitivamente viúva. Vinha, no entanto, o Sol e vinham os sábados, um sábado fatal em cada semana. Em conclusão: Dona Brites e o dr. Jerônimo entrancaram as suas existências: foi uma festa bonita, repousada, sem exageros, tal como um sol de Outono. Escusado dizer que foram felizes, até ao momento em que deixaram de o ser. A causa da mudança talvez nem um nem outro a a soubessem; costumavam agredir-se mutuamente com ela, quer dizer com elas, uma para cada um, uma para cada dia.

Dona Brites fartava-se de citar a sua primeira jornada conjugal, com grandes apuros de erudição que quase de mentavam o pobre dr. Jerônimo. Então o morto veio instalar-se entre os dois, infalível, onisciente, onipotente. Salvo qualquer pequena aberta amorosa e terrena, a presença do Defunto era certa e sabida. Dr. Jerônimo olhava-o mentalmente com ódios assassinos. E como supusesse que o Outro o mirava com os mesmos propósitos, achava-se muitas vezes a dizer de si para si: «Um de nós está a mais! Um

vida: não ser regedor. Pois foi esse ideal que o Mateus lhe ofereceu. Condição: arranjar um «medium» que, na pessoa do defunto da Dona Brites, aconselhasse a senhora, sob sua inteira responsabilidade, a estimar o dr. Jerônimo, a amá-lo como ele merecia, pois era o melhor dos maridos, tão bom ou melhor do que ele, Defunto. No fim de penosas negociações, o capelista «rendeu-se às evidências».

Dona Brites foi então a uma sessão, assistiu á descida á terra de vários maridos defuntos e aguardou ansiosamente a sua vez. Por fim, veio. Ah! a voz dele! Ah! como o nome de Brites ganhava novas ressonâncias! Arrebatada, a pobre senhora gritou: «Querido! Quero contar-te a minha vida». Mas a voz do Defunto atalhou: «Não digas nada, Eu sei tudo. Há muito que me queria reunir contigo, para falar sobre a tua vida, pois pelo falar é que a gente se entende. Não sabia, porém, como conseguir. Felizmente que viste ter comigo. Pois fazes mal, Brites. O teu «segundo» é um bom homem, tão bom como o «primeiro», ou até melhor. Podes amá-lo sob minha

DE ITÁLIA

DULCE REBELO

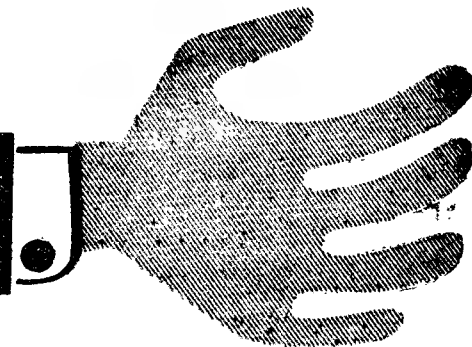
novos que fazem todos os serviços e aguardam, encostados a uma grade, que os contratem por algumas horas.

Há, porém, qualquer coisa de diferente neste balrro, que o torna menos triste e mais humano. Uma lápida na porta Soprana homena-

largas arcarias e dirigem cumprimento ás belas. Se surge uma Francesa de passo cadenciado, seguem-na dois ou três; revezam-se no tiroteio de palavras galantes até um obter a vitória, e então os outros batem em retirada.

Enquanto os restaurantes e os sa-

VEJA NA MÃO (A TRANSPARÊNCIA) QUE ENCONTRA



geia 3 italianos mortos naquele local, a 23 de Outubro de 1942, em luta pela independência da pátria. Mãos carinhosas renovam todos os dias as flores que rodeiam os três nomes.

A hora chique é ás 6 da tarde, e é então que a zona mais bela da cidade se enche de uma multidão que procura as esplanadas cercadas de verdura, as lojas caras que vendem as famosas sedas, tules e «nylons», as galerias de Dante, onde se marcam «rendez-vous». As pessoas afluem da praça Matteotti, da praça de Ferrari, onde uma belíssima fonte, á noite, se irisa das mais variadas cores. No fundo das águas transparentes brilham moedas de 10 liras que os estrangeiros espalham pródigoamente, estendendo o segredo da «Fontana di Trevi», de Roma até aqui. Os amadores de aventuras passeiam sob as

lões de Verão se animam da presença humana buliçosa, noutro ponto da cidade, o parque Villa di Negro convida os amorosos e os solitários com as suas sombras repousantes, as grutas misteriosas, as pontes rústicas. Este cenário idílico é povoado por aves de vistosas cores, pássaros de plumagem azul, que com seu manso cantar completam a harmonia entoada pelas pequenas cascatas.

O ar refresca e o crepusculo cai rápido. Nas galerias de Dante tomam-se aperitivos e há risos cristalinos e alegres. Para além da porta Soprana, em face, os adelos fecharam as lojas, os bares cheios de fumo têm iluminação insuficiente e mulheres mal cuidadas bebem cerveja com o companheiro de ocasião.

Setembro, 1958.

Dona Brites resolvia então castigar os seus desejos de futuro: no sábado seguinte, a pretexto de uma enxameca, emparedava-se no quarto ás escuras, para que os cilícios da negra solidão expulsassem a segunda juventude que se lhe hospedara no corpo. Os sentidos, porém esgueiravam-se lá para fora, para a larga sala onde a estas horas já o serviço de porcelana e os cristais dos cálices impavam de luz, na toalha alva. E Dona Brites cerrava os punhos, pendurava a imaginação na imagem do Defunto, punha cores fortes nos momentos felizes em que tinham comungado. Assim vinha, gota a gota, um cansaço virtuoso que lhe dava um sono virtuoso.

Dona Brites acordava no outro dia com a consciência inteiramente recauchu-

de nós está a mais! Ou eu ou ele...». E mergulhou em congeminções sobre a melhor maneira de matar o rival. Os amigos viram-no tão transviado que resolveram intervir.

Dona Brites por essa altura resolvera ir a umas sessões espíritas frequentadas por senhoras em saudoso estado de espírito. Queria falar ao seu defunto, pedir-lhe perdão e vê-lo, ah! vê-lo, se fosse possível. Foi quando o nosso velho amigo, o dr. Mateus da Silva, interveio. Só eu estava ao facto da sua original intervenção, e nada revelaria, hoje mesmo, se ambos não pensássemos que o caso encerra exemplos salutares e dignos de serem imitados nestes tempos de pedra na algebeira. O Mateus da Silva falou com o organizador das sessões espíritas, um sujeito capelista que só tinha um desgosto na

inteira responsabilidade, porque o amor dele é grande, é o amor re-
forçado de dois».

Dona Brites veio outra para casa. Olhou o dr. Jerônimo com olhos novos. Até o achou miraculosamente parecido com o seu «primeiro». Por seu turno o dr. Jerônimo reparou logo no olhar amoroso de Dona Brites. Dona Brites pediu-lhe corajosamente perdão, como o Defunto exigiu, e contou o que se passara na sessão. Comovido, o dr. Jerônimo choramingava: «Coitadinho! Coitadinho dele! Tão bom sujeito! Que pena não o ter conhecido!».

Desde essa altura o Defunto, Vivo e a Mulher de ambos dão-se como Deus com os Anjos. Vitória, Vitória, acabou-se a História.

DIÓGENES

OU

SAIBA COMER

O tempo tem influência na saúde?

1.—O TEMPO AMENO, COM CHUVAS FREQUENTES, ALTERNANDO COM ABERTAS, É BOM OU MAU PARA A SAÚDE?

Não; frequentemente ouvimos dizer que este tempo é «mau», mas pelo contrário: as chuvas lavam a atmosfera, o vento humido arrasta as impurezas do ar para o solo, e o seu efeito pode ser benéfico, excepto para os reumáticos.

2.—OS VENTOS FORTES DO QUADRANTE NOROESTE, O TEMPO INSTÁVEL, SÃO MAUS?

Não, ao contrário do que é yoz corrente, o tempo variável é excelente para a saúde; os aguaceiros purificam a atmosfera; e o ar que seguiu uma longa trajectória por sobre o oceano é vivificante e estimula a digestão.

3.—OS VENTOS MODERADOS, O BOM TEMPO POUCO NEVOENTO É BOM OU MAU PARA A SAÚDE?

É sempre bom para a saúde, especialmente quando se trata de tempo seco.

4.—O TEMPO BRUMOSO E HUMIDO DE MANHÃ E À NOITE, POR VEZES SOALHEIRO E DOCE DURANTE A TARDE, É BOM OU MAU?

Se bem que muita gente goste de passear nestas tardes, á hora em que brilha um pálido Sol outonal ou invernal — este tempo é nelasto para a saúde. A bruma e o frio são, particularmente, perigosos para as pessoas que sofrem de doenças de coração (angina de peito) e dos pulmões (asma).

5.—OS VENTOS FRACOS E VARIÁVEIS, O TEMPO SECO E SOALHEIRO; OS DIAS BONS DE INVERNO OU QUENTES E PESADOS DE VERÃO SÃO BONS PARA A SAÚDE?

Este tempo, que muita gente acha agradável; é dos mais perigosos para a saúde. Em todas as estações, ele é causa de constipações do cérebro, de alecções de garganta, de bronquites e bronco-pneumonias. No Verão, ele retarda a digestão, fatiga os nervos e causa dores de cabeça.

6.—O TEMPO BRUMOSO, POR VEZES PRECEDENDO A QUEDA DE NEVE, NO INVERNO, É MAU?

Sim; este tempo provoca a irritabilidade; fatiga as pessoas que sofrem de hipertensão ou de insónias, assim como os cardíacos.

ODOS sabem que a carência de Vitamina D predispõe as crianças mal alimentadas para o raquitismo; que, por outro lado, um eritema agudo causado por prolongada exposição ao sol, pode favorecer perigosamente o desenvolvimento da tuberculose pulmonar e, por vezes, até o cancro da pele; que as doenças da circulação do sangue—contração dos vasos sanguíneos, espasmos vasculares, anginas de peito—são mais frequentes no Inverno; que o calor agrava as doenças da pele.

Entretanto, doenças como a angina de peito, a difteria, o herpes, a trombose, a embolia, a asma, e a apoplexia que são desencadeadas, muitas vezes, por variações das condições atmosféricas, só se desenvolvem em indivíduos predispostos para elas.

Petersen e Curry procuram relações entre as reacções dos doentes

nas mudanças atmosféricas. Whitten, desde 1949, tem-se preocupado em encontrar, também, os feitos exercidos por essas variações nos nervos e músculos. Depois de cuidadas pesquisas, acabou por concluir: as pessoas atingidas de degenerescências fibrosas sentem-se pior á tarde, quando o barómetro baixa e começa a chover; os reumáticos articulares sentem-se mais quando a pressão atmosférica baixa; os osteo-artríticos sofrem, sobretudo com as fortes chuvadas ou, melhor depois delas; os nevriticos deploram as vésperas dos dias de chuva. As constipações do cérebro, as gripes e os resfriamentos, coincidem com o frio e a chuva.

pel importante no grau de toxicidade destes agentes. De uma maneira geral, a poluição atmosférica diminui quando aumenta a velocidade do vento. Certas constatações concluem que as grossas gotas de chuva purificam a atmosfera, ao contrário das fracas e miudinhas que aumentam a concentração per-

niciosa de anidrido sulfuroso junto do solo. A poluição é maior de manhã e á tardinha, no Outono e Inverno, porque a estabilidade da atmosfera contribui para essa poluição. Quando as altas pressões estagnam sobre uma região, a depressão do ar superior provoca a formação duma inversão de temperatura, formando-se uma espécie de écran que abate as impurezas do ar para as camadas próximas do solo, formando o que chamamos «brumas secas».

Os agentes industriais e o anidrido sulfuroso em particular, desempenham um importante papel na formação do nevoeiro. Em Praga, depois de 1880, quer dizer depois que foi industrializada, o numero anual de dias de nevoeiro quase atinge o dobro.

De todos os fenómenos meteorológicos, a bruma e o nevoeiro são, talvez, os mais perigosos para a saúde.

RECEITAS DE URGÊNCIA



Peixe grelhado

Cortar um peixe no sentido do comprimento, ou filetes grossos (2 a 3 centímetros de espessura). Com um pincel untar o peixe magro com manteiga ou azeite (se for gordo, não deitar gordura alguma). Colocá-lo, com a pele para baixo, num prato de ir ao forno, untado, se o peixe for magro ou apenas na grelha, se for gordo. Regar com sumo de limão e deixar grelhar, um pouco afastado da chama, até que esteja louro. Voltar e deixar alourar do outro lado. Não serão necessários mais que 10 a 15 minutos para estar pronto. Temperar com sal iodado e servir, polvilhado de salsa, manteiga e sumo de limão.

Acompanhe com couve-flor gratinada ou um pouco de puré de batata.

ladar, com o sal e mostarda ou um pouco de pimenta. Aquecer bem. Bater ligeiramente a gema do ovo e deitar dentro da caçarola, mexendo sempre. Deitar (ou não) o Xerez e servir imediatamente sobre tostas barradas com um pouco de manteiga.

É uma receita económica e deliciosa que tem o mesmo sabor que o «frango à la reine».

Bolo de batata

1 copo e meio de leite.
250 grs. de pão duro.
3 colheres de margarina.
3 colheres de açúcar.
2 ovos inteiros.
6 batatas.
Um pouco de canela.

Atum «a lá reine»

1 posta de atum por pessoa; 3 colheres de sopa de margarina; 1/2 chávena de cogumelos cortados finos; 2 colheres de sopa de farinha; 1 chávena e 1/2 de leite ou de creme; sal iodado á vontade; um pouco de mostarda (facultativo); 1 gema de ovo; 2 colheres de Xerez (facultativo).

Derreter a margarina e saltear os cogumelos até ficarem tenros (cerca de 5 minutos); juntar a farinha e depois de bem misturada, deitar, a pouco e pouco, o leite ou o creme; levar a fogo brando até que o molho esteja espesso e cozido; juntar o atum (e pimentos finamente partidos, se for época) cortado em grandes bocados, e temperar ao pa-

Amolecer o pão no leite fervente e deixar inchar. Desfazê-lo. Pôr esta massa numa terrina, juntar-lhe três quartos da margarina (derretida na boca do forno), 2 colheres de açúcar e os ovos. Misturar bem. Untar um prato de ir ao forno, e dispor no fundo, dois terços da massa. Pelar as batatas e cortar finamente; deitar na massa. Polvilhar de canela açúcar e bocadinhos de margarina. Cobrir com a restante massa alisando com um garfo. Untar com o resto da margarina derretida e meter no forno durante 35 minutos.

EMBALAGEM!



POR VAI ENCHER

(QUATRO) O SEU FRASCO DE



TÃO NECESSARIO COMO O SAL NA COMIDA



para quem bebe por gosto

MAGAZINE
AGRADECE
SUGESTÕES
E CRÍTICAS

com um sorriso nos lábios

O vencedor desta semana concorreu com este belo exemplo de resignação: «SECRETÁRIA É UM «MOVEL» QUE SÓ OS PATRÕES OU DIRECTORES TÊM, POIS OS ESCRITURARIOS CONTENTAM-SE COM UMA ESCRIVANINHA».

COMO vê o sr. Carlos Miranda (Rua A, lote 7, 2.º, Esq. — Alto de Santo Amaro, Lisboa) há ainda uma diferença entre uma «secretária» e uma escrevinha: a primeira consome dinheiro; a segunda ganha-o e... com um sorriso nos lábios. Ora muitos parabéns e aguarde os CEM ESCUDOS que lhe vamos enviar pelo correio.

O sr. Teodósio Augusto Salgueiro (Beja) é uma bela mentalidade de gémetra, como se verifica pela sua definição:

«SECRETARIA é aquilo que deve ser de superfícies planas, quando objecto, e de superfícies curvas, quando pessoa».

Para a definição ser universalmente aceite faltou indicar se as curvas eram côncavas ou convexas. Pode dizê-lo?

O nosso afortunado leitor sr. E. Lass (já ganhou dois concursos!), como contranção de bons doces (e ficou célebre a marmelada de Coimbra) não se esqueceu de usar os termos mais açucarados. Podem ver:

«SECRETARIA — é um movel de «marmeleiro» que ás vezes é uma grande «marmelada».

Não é esta a opinião do sr. Silvestre Gaudêncio (Unhais da Serra). Bom estratega, óptimo general (e pessoa séria, está visto) conseguiu definir «Secretária» de maneira militarmente impecável:

«É um campo de manobras».

E pronto. Só mais um concorrente que mereceu o «sorriso nos lábios». A restante multidão ficou entre os

que só conseguiram um «sorriso amarelado» (vulgo «cesto dos papéis»). Pertence a última definição ao sr. António Manuel Machado (Porto), muito versado em questões de trânsito de braços:

«SECRETARIA (de carne e osso) — e o «braço direito» e também as vezes «o esquerdo» de certos homens de negócio».

E vamos á palavra da próxima semana, proposta pela sr.ª D. Alexandrina Pereira (Lisboa):

As respostas devem estar em «MA-GAZINE», Rua Luz Soriano, 44-48 — até ao próximo dia 16 de Dezembro.

(Continuação da página central)

Dmitri, que diria estar comprometida, gostar de outro. Tudo parecia bem concertado, quando Gruchineka deitou por terra, o castelo de ilusões da noiva confiante. Eiu-se-lhe na cara e insultou-a e saiu, trocando de Katia. Alexei sentia-se magoado com tudo o que presenciara. Saiu, cambaleando. Sentia desejo de chorar com Iekaterina.

Alexei contou ao irmão a cena que presenciara em casa de Katia, expôs o essencial, não sem juntar as suas considerações. Dmitri compreendeu tudo, antes mesmo que o irmão tivesse acabado de narrar os factos. A cólera tomou conta dele. Ameaçou Gruchineka, concordou que

(Continuação da 2.ª página)

Não pretendo, com este longo discurso, converter os meus fieis leitores aos passeios dominicais. Reconheço que o tempo não vai para folias — e sobretudo há que não esquecer a existência de outra cultura, além da cultura física: a cultura intelectual e artística.

Nenhuma revista, por mais italiana deste mundo, disse ainda daqui a quantos anos ficaria o homem burrinho de todo se continua a dar tão pouco uso ao cérebro, á sensibilidade, á alma.

E' talvez possível juntar as duas culturas numa coexistência pacífica de vasto alcance. Refiro-me, por exemplo, á visita que, na tarde dos domingos, podemos efectuar aos museus e salas de exposição existentes na cidade.

No aspecto de vencer ou combater a paralisia poucos remédios haverá melhores que percorrer um museu. Desde o momento em que entramos até á hora da saída, teremos percorrido alguns quilómetros respeitáveis — e uteis. Teremos, desse modo, alimentado as pernas — e a alma...

Existem sérias razões ainda para aconselhar, nos domingos invernos que se aproximam, a visita aos museus nacionais. Razões, digamos, nacionalistas.

Todos nós conhecemos «snobs»

que passam a vida a sonhar com

Paris e os museus de Paris. Apa-

nhassem-se eles, que tanto amam a

cultura e a arte, um dia, um dia só

que fosse, no Louvre! (Claro, o

snobismo ignora que para o Lou-

vre um dia é igual a nada, mas isso

que importa? O que vale é dizer

Louvre em voz alta!)

Quer o queiram aceitar, quer

não, neste nosso desejo de prados

e louvores mete-se sempre um pou-

co de snobismo. Se não, se o nosso

afã de cultura fosse real, cumpri-

riamos o sonho fácil de ver e admi-

rar os museus da nossa terra. Acre-

ditem: noventa por cento das pes-

soas que desejam visitar Notre

Dame — ainda não foram ali abal-

xo, ajoelhar diante da Torre de Be-

lém...

Está dado o conselho

Voltarei a ele, brevemente.

CICERONE

que passam a vida a sonhar com

Paris e os museus de Paris. Apa-

nhassem-se eles, que tanto amam a

cultura e a arte, um dia, um dia só

que fosse, no Louvre! (Claro, o

snobismo ignora que para o Lou-

vre um dia é igual a nada, mas isso

que importa? O que vale é dizer

Louvre em voz alta!)

Quer o queiram aceitar, quer

não, neste nosso desejo de prados

e louvores mete-se sempre um pou-

co de snobismo. Se não, se o nosso

afã de cultura fosse real, cumpri-

riamos o sonho fácil de ver e admi-

rar os museus da nossa terra. Acre-

ditem: noventa por cento das pes-

soas que desejam visitar Notre

Dame — ainda não foram ali abal-

xo, ajoelhar diante da Torre de Be-

lém...

Está dado o conselho

Voltarei a ele, brevemente.

CICERONE

que passam a vida a sonhar com

Paris e os museus de Paris. Apa-

nhassem-se eles, que tanto amam a

cultura e a arte, um dia, um dia só

que fosse, no Louvre! (Claro, o

snobismo ignora que para o Lou-

vre um dia é igual a nada, mas isso

que importa? O que vale é dizer

Louvre em voz alta!)

Quer o queiram aceitar, quer

não, neste nosso desejo de prados

e louvores mete-se sempre um pou-

co de snobismo. Se não, se o nosso

afã de cultura fosse real, cumpri-

riamos o sonho fácil de ver e admi-

rar os museus da nossa terra. Acre-

ditem: noventa por cento das pes-

soas que desejam visitar Notre

Dame — ainda não foram ali abal-

xo, ajoelhar diante da Torre de Be-

lém...

Está dado o conselho

Voltarei a ele, brevemente.

CICERONE

que passam a vida a sonhar com

Paris e os museus de Paris. Apa-

nhassem-se eles, que tanto amam a

cultura e a arte, um dia, um dia só

que fosse, no Louvre! (Claro, o

snobismo ignora que para o Lou-

vre um dia é igual a nada, mas isso

que importa? O que vale é dizer

Louvre em voz alta!)

Quer o queiram aceitar, quer

não, neste nosso desejo de prados

e louvores mete-se sempre um pou-

co de snobismo. Se não, se o nosso

afã de cultura fosse real, cumpri-

riamos o sonho fácil de ver e admi-

rar os museus da nossa terra. Acre-

ditem: noventa por cento das pes-

soas que desejam visitar Notre

Dame — ainda não foram ali abal-

xo, ajoelhar diante da Torre de Be-

lém...

Está dado o conselho

Voltarei a ele, brevemente.

CICERONE

que passam a vida a sonhar com

Paris e os museus de Paris. Apa-

nhassem-se eles, que tanto amam a

cultura e a arte, um dia, um dia só

que fosse, no Louvre! (Claro, o

snobismo ignora que para o Lou-

vre um dia é igual a nada, mas isso

que importa? O que vale é dizer

Louvre em voz alta!)

Quer o queiram aceitar, quer

não, neste nosso desejo de prados

e louvores mete-se sempre um pou-

co de snobismo. Se não, se o nosso

afã de cultura fosse real, cumpri-

riamos o sonho fácil de ver e admi-

rar os museus da nossa terra. Acre-

ditem: noventa por cento das pes-

soas que desejam visitar Notre

Dame — ainda não foram ali abal-

xo, ajoelhar diante da Torre de Be-

lém...

Está dado o conselho

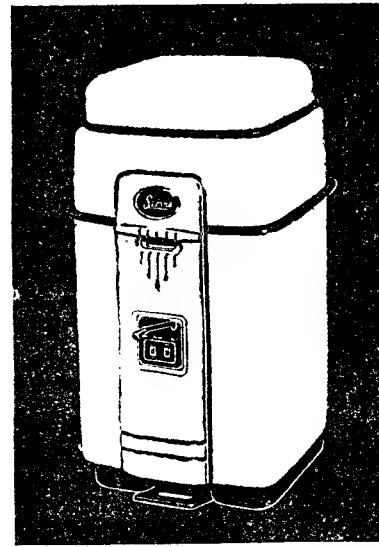
Voltarei a ele, brevemente.

CICERONE

Tive

muitas razões para escolher uma

Hoje falarei apenas da



- 1.º A SERVIS aquece automaticamente a água enquanto lava.
- 2.º Lava, enxagua e pára automaticamente, apenas comandada por um despertador.
- 3.º A sua bomba esvazia o tanque automaticamente.
- 4.º O expremedor eléctrico passa a roupa automaticamente.
- 5.º Desliza sobre rodízios como se fosse uma pena, o que permite deslocá-la sem esforço.

Eu comprei a minha SERVIS na

Av.ª Fontes Pereira de Melo, 45

a preço fixo

* * *

Regressei a casa de madrugada. Logo que transpuz a porta, feriu-me o timpano um roncar estrepitoso: era pela certa o meu cunhado, julgando-se ainda na solidão da selva. Avancei cautelosamente nas pontas dos pés (não desejava por coisa alguma quebrar as regras da hospitalidade) e enxerguei no extremo do corredor uma réstea de luz golpeando a passadeira.

A mulher esperava-me, sentada na borda da cama, fazendo «tricot». Um chalito em malha de lã fina cobria-lhe os ombros e os pés descalços descansavam sobre o banquinho de setim. As chinelas, de pompons berrantes, feissimos, tinham sido atiradas para o meio do quarto, após uma explosão de desespero. O aparato deu-me a conhecer o seu estado de espírito.

Ao ouvir-me, suspendeu o trabalho. E os olhos, congestionados da insónia, agarraram-se á minha silhueta numa ansiedade mesclada de terror. Permaneceu nesta atitude longos minutos, hesitante — no interim, percorreu-me a espinha um calafrio de vergonha —, sem atinar com o começo das recriminações. Tenho a certeza de que amadurecera o discurso de ponta a ponta, durante o período de espera. Porém, chegado o momento, aluira-se-lhe a coragem. Tinha-a destrocada diante de mim, sem mais forças para resistir ás fustigadelas da tempestade.

Guardou a obra no cestinho da costura, com a lentidão própria da pessoa que sente a carne dilacerar-se ao menor movimento. Tomou fôlego, encarou-me e falou, por fim, nestes termos, onde transparecia uma pontinha de acrimónia:

«Achas longa a nossa felicidade para lhe queres pôr termo? Não tenho sido uma esposa carinhosa, cujo primeiro e ultimo pensamento é o teu bem-estar? Que beldade descobriste agora para te obrigar a mudar de rumo?»

Bastava um instante de desfalecimento, provocado pelo insinuoso canto da sereia, para me perder no torvelinho das conveniências e mergulhar na estrada batida da submissão, em vez de enfiar pela vereda coleante, apenas vislumbrada, onde o inédito e o imprevisto surdiam em cada viragem. Fiz um esforço de gigante e venci a moleza que me sapava a decisão.

«Não dramatizes, por favor! — repliquei numa voz soturna, irreconhecível aos meus próprios ouvidos. Afiango-te não se tratar de saias. Pelo contrário: é um homem que está em causa».

Uma faísca de compreensão brilhou-lhe nos olhos mortícios.

«Tens ciúmes do meu irmão?»

«Procura ser mais inteligente, peço-te!»

E fechei aqui a conversa. Meti-me na cama (senti daí a nada o seu corpo gelado contra o meu), e adormeci tranquilamente numa soberba indiferença. Dir-se-ia ter ganho uma batalha, ou ter encontrado a chave de intrincado problema.

* * *

A manhã seguinte reservava-me uma agradável surpresa. Entrara na casa de banho para as abluções matutinas, quando ouvi um silvo agudo — era o sinal de pagar para os trabalhadores da construção civil. Espreitei

Diálogos impertinentes (III)

por ALFREDO BRÁS

MARIO — Falaste-me, durante a nossa última conversa, da responsabilidade da literatura na instabilidade da juventude de hoje. Como estavas com pressa, não pudemos esclarecer convenientemente o assunto. Mas vejo-te agora com um simpático ar de disponibilidade e estou tentado a pedir-te explicações...

ARMANDO — E eu disposto a dá-las. Estranho, porém, que pareças tão surpreendido com o facto de ter acusado certas correntes da literatura moderna de graves responsabilidades na actual crise juvenil. Pois não está bem patente a tração de tantos escritores á sua elevada missão social?

MARIO — E tu, caro Armando, ainda acreditas em coisas dessas? Isso da «missão social do escritor» não condiz com o teu espírito desempoeirado, está «démodé», cheira a poeira e a século XIX. Se o escritor tem realmente alguma missão a cumprir será a de se realizar como artista e esta só ele a atingirá naquela zona de «intemporalidade» onde se moveram os grandes criadores da estatura de Proust, Rilke, Joyce, Kafka, Sá Carneiro e Fernando Pessoa. A missão social de que falas dirá respeito, quanto muito, ao «cidadão» e nunca ao escritor. A não ser que pretendas um regresso ás ridículas preocupações humanitárias dos Hugos e dos Zolas...

ARMANDO — Mas porquê só Hugo e Zola? Esqueces a «temporalidade» de Stendhal, glorioso herdeiro da fé filosófica do século XVIII, e de Balzac, ocupado em fazer o seu genial quadro da Natureza humana pelo seu lado social? E porque não falar também, por exemplo, do humanitarismo de Whitman, Tolstói e Antero? Eu sei. Alguns ridículos de Hugo e certas ingenuidades de

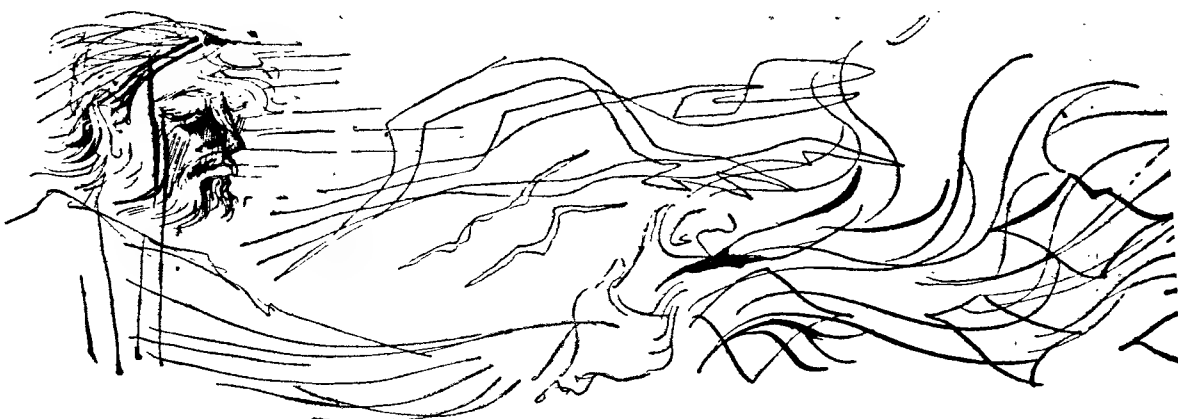
Zola foram habilmente explorados pelos defensores da tal arte «subjectiva» e daí o fazerem destes escritores os símbolos da corrente literária que pretendem combater. Mas olha que ainda prefiro mil vezes a honestidade e a saúde de Hugo e de Zola, a arte bem musculada, arejada e tónica de ambos, á moleza doentia, ás alambicadas complicações e ao deletério bafo de febre que vem da obra dos teus supergénios...

MARIO — Parece-me que estás a ser bastante injusto. Ninguém pensa em discutir a legitimidade das posições assumidas pelos grandes escritores que acabas de nomear. Sucede simplesmente que os tempos são outros e já estamos bem longe do optimismo filosófico do passado.

ARMANDO — Parece-me que, consciente ou inconscientemente, estás a sofisticar a questão. Começas por querer identificar a modernidade com uma filosofia e uma arte de decadência negadoras de todas as grandes conquistas humanas dos séculos anteriores.

MARIO — Mas suponho que posso bem reivindicar os escritores por ti referidos. O que são os «Buddenbrooks» e os «Thibault» senão descrições da decadência de uma família alemã e de uma família francesa? E não te assustam os «freudianos» mergulhos no inconsciente que representam obras como «A Morte em Veneza» e «Um taciturno»? assustam os «freudianos» mergulhos no inconsciente que representam obras como «A Morte em Veneza» e «Um taciturno»?

ARMANDO — Não, nada me assusta nessas obras. A tua confusão está em julgar que eu defendo uma filosofia e uma arte imbecilmente optimistas. Os romancistas de que falamos foram, de facto, cronistas



da crise da sua época, mas não artistas em crise. E essa diferença é para mim fundamentalíssima.

MARIO — Mas há que reconhecer a existência das fatalidades que pendem sobre o homem. E parece-me também que, de tão longa e acérrima luta contra um racionalismo ingénuo e de tudo o que já sabemos sobre a frustração do intento humano de organizar racionalmente a vida social, não nos será fácil regressarmos...

ARMANDO — Não se trata de um regresso mas de uma rectificação necessária e urgente. O homem estará irremediavelmente perdido se se submete ás tais condições que tu pareces considerar inelutáveis, e mais depressa ainda ele socobrar-se for até ao ponto de pactuar com potências que lhe são fundamentalmente hostis. Ora parece-me que «surrealistas» e «existencialistas» já principiaram a estabelecer esse pacto. A consequência de tudo isso na juventude de hoje são as «Sagans» e os «tricheurs» de Saint-Germain-des-Près. Também o exacerbado romantismo moderno de Hemingway e de Malraux, com o seu culto da aventura gratuita e da violência, são responsáveis por muita «fúria de viver». Não quero de forma alguma afirmar que «tri-

cheurs» e «Teddy-boys» sejam leitores assíduos de Sartre e de Hemingway, mas somente que estes e outros escritores, ocupados em glorificar a fraqueza do homem entregue sem defesa aos golpes do destino, ajudam inconscientemente a criar um clima imensamente favorável a todos os desregramentos juvenis.

ARMANDO — Pretendo unicamente que eles reflectam sobre a função da arte e a sorte dos homens e não se limitem, como disse um jovem escritor inglês, a «desempenhar o seu histórico papel até ao termo do desastre». Pretendo também que tomem consciência das suas graves responsabilidades e reconheçam, como o fez no seu tempo o nosso Oliveira Martins, que a literatura «é um instrumento de organização e aperfeiçoamento social». Ou, pelo menos, pretendo que os «nossos» escritores não abandonem levianamente uma tradição de responsabilidade moral da inteligência allargada em exemplos tão relevantes como os de Fernão Lopes, Sá de Miranda, Camões, Vernay, Garrett, Herculano, Antero, Ramalho, Eça e Oliveira Martins, para só falar de alguns. E, para isso, pretendo que eles meditem nestas justas palavras de Ramalho Ortigão: «Os séculos chamados de decadência artís-

tica são aqueles em que a arte, deixando de crer na energia colectiva que a subordina ao meio social, entra na fase do individualismo independente, solitário e céptico».

MARIO — Parece-me que te esqueces da renúncia de Herculano e da desesperada solução de Antero...

ARMANDO — A renúncia também pode aceitar-se quando é a única salvaguarda possível da dignidade e quanto ao desespero de Antero, recordo-te o altíssimo exemplo por ele dado ao queimar muitos dos seus próprios poemas. O homem responsável perante os outros homens sobrepôs-se ao esteta e essa fogueira de versos, onde arderam talvez alguns dos mais belos e certamente dos mais dolorosos poemas da nossa língua, é para mim um acto de grandeza humana e poética sem paralelo. As chamadas dessa fogueira devem ter subido tão alto como o génio do enorme poeta e o coração do grande homem que foi Antero.

MARIO — Tornaste lírico quando falas do «teu» Antero. Não esqueças que eu também o amo e admiro, embora talvez não tanto como tu. Tenho pena de que não possamos prosseguir na nossa conversa, mas as minhas obrigações reclamam-me.

A CONDIÇÃO HUMANA

andre malraux

A CONDIÇÃO HUMANA

leia

(não pode deixar de ler)

uma das maiores obras da
novelística do nosso tempo

Livros do Brasil, Lda.



Durante o jantar minha mulher falou sem descanso, impressionada, decerto, pela presença do irmão que não via desde criança. As pupilas chispavam uma alegria despida de protocolo e, por duas ou três vezes, surpreendi nelas as ásperas censuras contra o meu absurdo mutismo. Nada podia fazer contra o facto de me sentir estranho no ténido e festivo ambiente familiar. Soava-me a falso a alacridade da consorte, e parecia-me despropositado o alvoroço com que o meu cunhado prestava honras á conversa da irmã, de discutível elevação. Interpelavam-se amiúde sobre pessoas e coisas de fraco significado para mim. Aqui está um exemplo:

«Lembras-te da D. Gertrudes?»

— «De quem?... Não digas!... A viúva do Elisiário?»

«Essa mesma!»

«Tinha a cara como uma folha de jornal amarrotada. Ao falar carregava nos rr e coxeava da perna direita».

«Puxa, mana! Que memória!»

E soltavam umas risadinhas de injustificado contentamento.

Minha mulher acabava de servir o doce — um luxo na frugalidade da nossa mesa —, quando propôs:

«Esta noite vamos aos protestantes! (Fez uma pausa de antegoço). Calha mesmo bem!»

Estávamos, com efeito, numa terça-feira. A força do hábito já me tinha dado, havia momentos, a chicotada do sinal. (Decididamente, conturbava-se a harmonia que fora o símbolo da minha existência. Visionei uma físga com os elásticos tensos — «donde me veio esta imagem?» — e a pedra partiu em busca do alvo).

«Não vejo a necessidade! — atalhei, simulando calma. Tens a companhia do teu irmão; é natural que queiram aproveitar o resto da noite para continuarem a folhear o album das lembranças».

O colono de torna-viagem interveio, alvar e sorridente:

«É boa! O que não falta é tempo. com os demónios! O mano esquece-se de que venho para umas férias de doze meses!»

«Sem duvida! — retorqui. Mas como tenho que fazer, deixo-vos em paz!»

A estupefacção espalhou-se pelas faces de minha mulher. De uma caixa acabava de lhe destruir dois inefáveis prazeres: proporcionar-me o que ela julgava ser o meu «recreio espiritual» e conquistar um novo próselito para a sua «agremiação».

Atónita com as minhas «enigmáticas» palavras, exclamou:

«Não te conhecia essa faceta de brincalhão!»

Eu limpava, entretanto, a ponta dos dedos ao guardanapo.

«Por muitos anos que tenhamos vivido junto de alguém — disse, depois, com ar petulante — não é prova bastante de haver penetrado nos mais insólitos meandros da sua personalidade. Esta é a trágica e perene surpresa da nossa precária humanidade».

Percebi, pela lividez cadavérica, que o espanto estendera as raízes a mais profundas zonas.

«Ora toma! Outra balda que te desconhecias: a de filósofo!»

Estava já de pé.

«Acabas de me dar razão, talvez sem o desejares.»

Pus o chapéu, dei as boas-noites e vim para a rua.



— Então, viste algum Índio?...

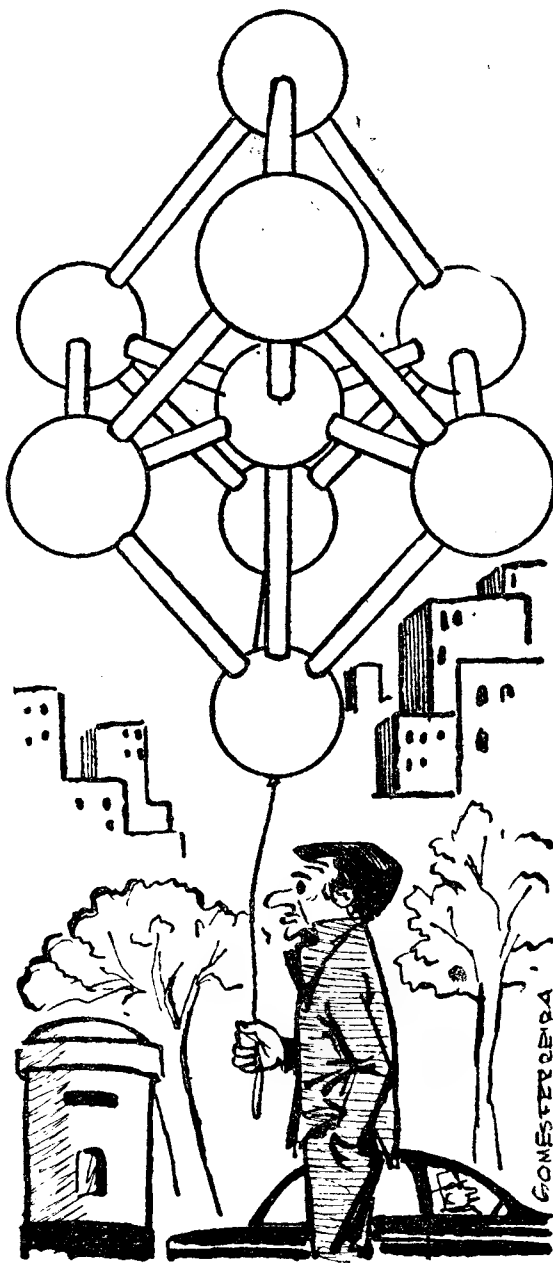


— E' o nosso melhor homem-rã'...

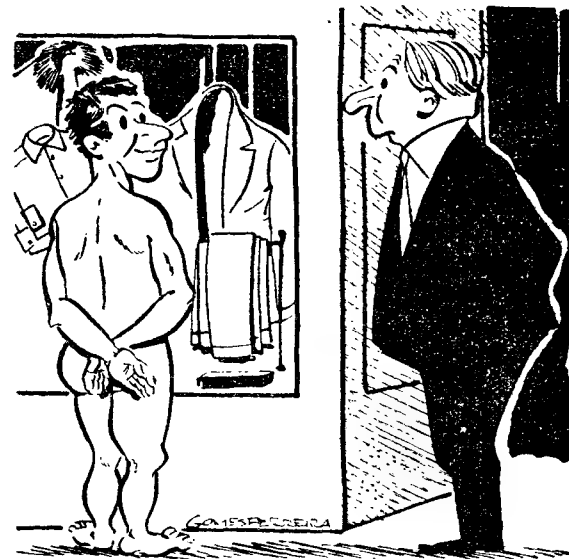
MIS CE LÂNIA



— Patrão, saiu-me a sorte grande!...



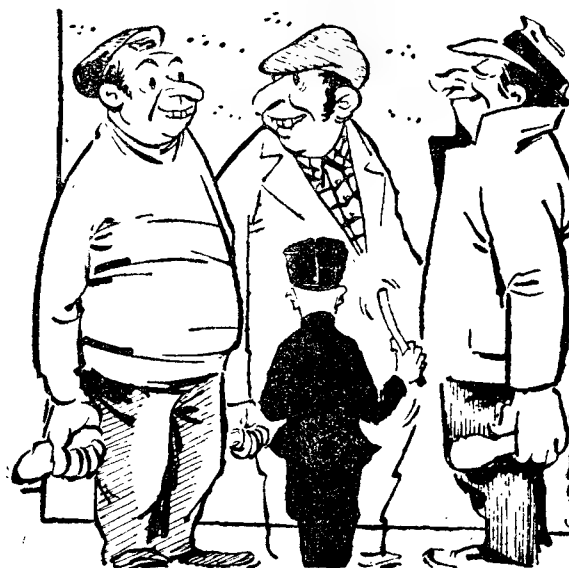
— Balões!... Quem quer balões...



— Não, não quero nada, obrigado! Estou só a ver!...



— Pai, esta é que é a raça bela e superior que descende de nós?...



— Já disse que estão presos!...

A alegria e a saúde começam com a pasta **DEX-CREME**



O mel, devido ao ácido fórmico que contém, além de ser um bom auxiliar das digestões, produz um sono tranquilo e reparador. Tomado ao deitar dá o efeito de qualquer remédio contra a insónia e sem os inconvenientes de muitas drogas que se vendem para o mesmo fim e por muito mais elevado preço.

*

As alfaces, muito ricas em vitaminas A, B₁, B₂ e C, têm proprieda-

des calmantes e narcóticas, mais ou menos acentuadas, conforme a espécie a que pertencem e os processos de cultura usados para seu desenvolvimento. Os antigos usavam o cozimento de alfaces contra a insónia fervendo durante cinco minutos cinquenta gramas de alface num litro de água. Dessa água bebiam um copo ao deitar temperando-a com mel. Uma boa salada de alface comida ao jantar dá, porém, o mesmo resultado e é, sem dúvida, muito mais agradável.

O QUE SE USA



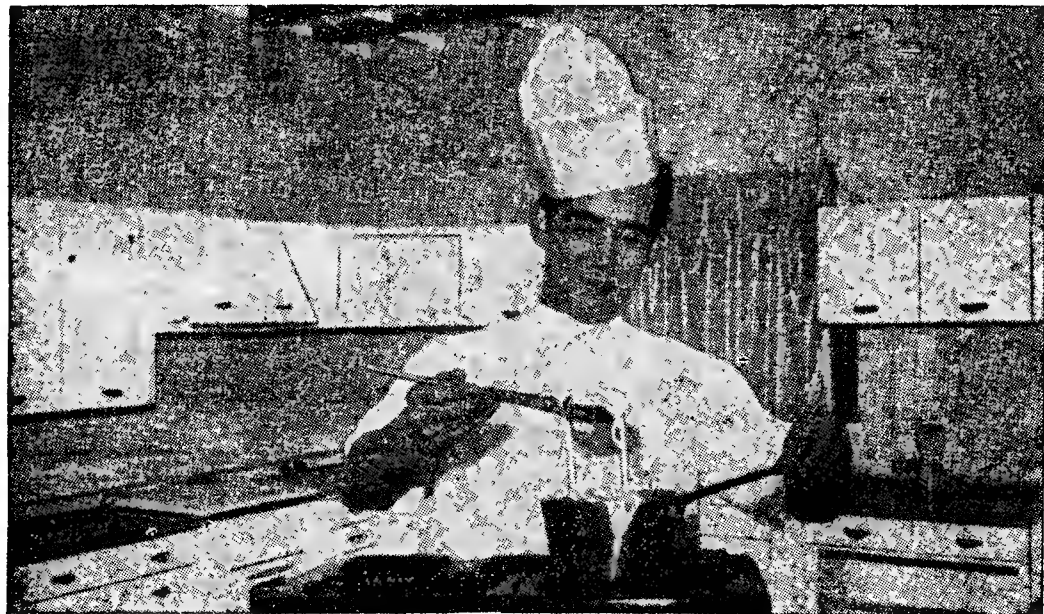
Com uma «toilette» de noite, em qualquer cor ou estilo, o casaquinho ou a estola de peles, fica sempre bem e tanto se usa em pleno Inverno como na meia-estação.

A meia francesa que dá distinção à mulher portuguesa

Coelho Peleiro

APRESENTA A MAIS VARIADA COLECCÃO EM CASACOS, ESTOLAS E GOLAS EM VISON E ASTRAKAN

LISBOA — RUA DA CONCEIÇÃO, 85 — TELEFONE 2 17 73



massas alimentam e são leves



DE FÁCIL E RÁPIDA PREPARAÇÃO, AS MASSAS ALIMENTÍCIAS CONSTITUEM UMA REFEIÇÃO ECONÓMICA. SABEM SEMPRE BEM E... O QUE É MUITO IMPORTANTE. ALIMENTAM E SÃO LEVES.

É bom... é saudável, por isso... o Homem das Massas aconselha:

RECEITAS

Taças de Aletria

Em abundância de água cozem-se 125 gramas de aletria que, depois de bem escorrida, é cortada, o mais possível, com uma faca. Noutra vasilha põe-se ao lume 250 gramas de açúcar com 2 decilitros de leite, até ficar em ponto. Mistura-se a aletria com o açúcar, tira-se do lume, deixa-se arrefecer um pouco, e juntam-se 3 gemas de ovos, bem batidas. Volta ao lume para cozer as gemas, durante 5 minutos, sem ferver, e deita-se depois este doce em taças de vidro. As 3 claras que sobraram, batem-se em ponto de neve, adicionando 2 colheres (sopa) de açúcar, continuando a bater até ficarem bem seguras. As claras só se devem bater meia hora antes de servir o doce. Deita-se depois, sobre o doce, em cada taça, um pouco destas claras e guarnece-se com cerejas cristalizadas, morangos frescos, ou pedacinhos de compota de frutas.

COM MASSAS... A VIDA É MAIS GOSTOSA

OUÇA TODOS OS DIAS EM RADIO CLUBE PORTUGUÊS O HOMEM DAS MASSAS.

da calda de açúcar

1.º — **Ponto de pasta:** A calda de açúcar deve correr da colher deixando uma leve camada aderente.

2.º — **Ponto de cabelo:** A calda de açúcar deve correr da colher em fios finíssimos.

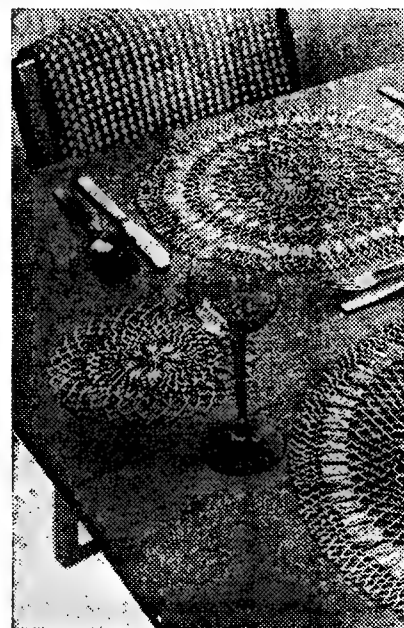
3.º — **Ponto de pérola:** Formam-se bolinhas, semelhantes a pérolas, nas pontas dos fios de calda que correm da colher.

4.º — **Ponto de espadana:** A calda deve cair da colher em tiras semelhantes a fitas de nastro.

5.º — **Ponto de rebuçado:** Deitando-se uma colher de calda numa tigela cheia de água fria deve formar-se uma bola semelhante a um rebuçado.

6.º — **Ponto de areia:** O açúcar começa a secar aderindo às paredes do tacho.

7.º — **Ponto de caramelo:** O açúcar começa a escurecer e a derreter-se depois de já ter estado seco e aderente às paredes do tacho.



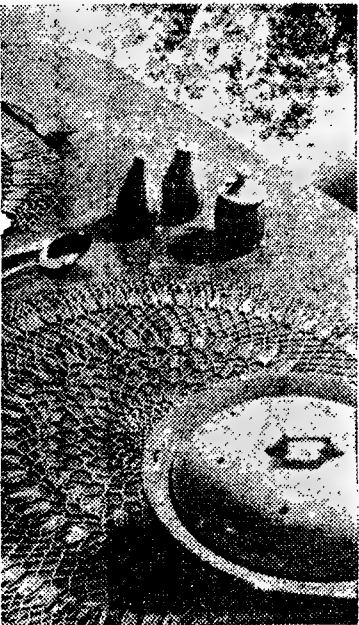
Em toalhas completamente arremadas para serviço de refeições o «croche» nota de bom gosto. Aqui o temos em foram executados com linha Mercer, malha que lembra, no aspecto, a ren-

**é o ba
do**

**sinta
como a
agora
cheira**

SABÃO ACTIVADO CUF

TORNA A ROUPA TÃO
O NOSSO CORPO DEPOIS DI

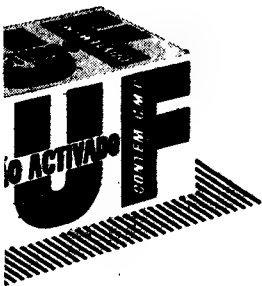


batidas ou em jogos de «napperons»
t» aparece, modernamente, como
lindos «napperons» redondos que
Corrente crua, n.º 20, numa linda
da chilena.

ponio

O
nariz
irómetro
asseio

ocê mesmo
sua roupa
a lavado...



RESCA COMO
IMBELO BANHO

DOCES DE AMENDOA

Pudim de amendoa

700 gramas de açúcar.
400 gramas de amendoas doces.
24 gemas de ovos.

Ferve-se o açúcar a ponto de espadana tira-se do lume, deitam-se as amendoas e mexe-se com as 24 gemas que já devem estar desfeitas numa tijela. Vai ao forno em lata bem untada de manteiga e polvilhada de açúcar.

Bolos de amendoa

Deite-se num alguidar meio quilograma de açúcar areado e igual porção de amendoas pisadas e peladas e duas claras de ovos; misture-se tudo muito bem; cortados os bolos vão ao forno. Quando voltar, unte-os com manteiga de vaca e polvilhe com açúcar.

Quatro ovos. Duzentos e cinquenta gramas de farinha; duzentas gramas de açúcar; cem gramas de manteiga e um decilitro de leite. Batem-se as gemas com o açúcar, junta-se o leite, a manteiga derretida, a farinha e por fim as claras



batidas em castelo. Vai a cozer em forno regular num tabuleiro bem untado com manteiga e polvilhado com farinha. Depois de cozido desforma-se corta-se em rectângulos que se ligam, com creme de chocolate, aos dois e dois. Enfeitam-se por cima com creme de chocolate e amendoas peladas e previamente alouradas no forno.



A venda nos melhores
estabelecimentos

SAPATARIA

ORION

É onde V. Ex.ª deve mandar
executar os seus sapatos.

R. Garrett, 42 — Tel. 25943

OS MEUS SEGREDOS

Uso, nos lavatórios, sabonetes
brancos que não sujam tanto as sa-
boneteiras nem a água nem, por
consequência, as toalhas.

*

Para untar as formas de bolos,
costumo empregar o óleo de amen-
doim. Aplico-o utilizando um pin-
cel que vai com facilidade a todos
os escaninhos das formas.

GATA BORRALHEIRA

Máquina de
TRICOTAR **BUSCH**
APENAS POR **115\$** MENSAL
CHEGOU NOVA REMESSA DA
MAIS SIMPLES, ECONÓMICA
E SENSACIONAL MÁQUINA
DE FAZER "TRICOT"
REPRESENTANTES:
AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, Lda.
Avenida Fontes Pereira de Melo, 37
Telex: 59181-2-3-LISBOA

Luva azul

Apresenta um variado sortido
de LUVAS para senhoras, ho-
mens e crianças, MEIAS, PEC-
GAS e objectos para brinde.
RUA AUREA, 266



Para ela, o vestido de noiva azul-marinho guarnecido com laços do
mesmo tecido acentuando a linha saco. Para ele, o fato de fazenda
xadrez, cinzento e verde, que está no rigor da moda e fica bem
a todos os jovens

no 1.º
Natal
e
Ano Novo

todos pensam na felicidade
do seu lar

Para fazer um lar
feliz e
indispens-
vel
uma

SINGER



Eduquemos o nosso filho!

A ternura é o caminho mais indicado para chegar à criança

Ainda há quem afirme ser o temor a grande barreira que contém os defeitos e os erros das crianças e, nessa ordem de ideias, sucedem-se os gritos, os ralhos, as ordens secas, as ameaças e os castigos, num sistema que se julga educativo mas que apenas consegue envolver a criança numa atmosfera gelada de irritação, de receio, de sobresalto constante. Tal sistema conduz quase sempre a criança ao «hábito» de ouvir gritar e de apanhar castigos, anulando portanto todo o efeito educativo que se pretende tirar de tais processos, os quais, afinal, dão lugar a novas situações difíceis, em que entram a mentira e a dissimulação, aquela avalanche de gritos, na catadupa formas de escapar aos rigores habituais, de palavras duras, ásperas, desagradáveis. O poder de emendar, de corrigir, de veis ao ouvido, das quais a criança às mostrar enfim os erros e o verdadeiro vezes só consegue ouvir metade, e o caminho a seguir, fica submerso na preceção uma terça parte apenas.

Pela nossa parte cremos, pelo contrário, que é a ternura o caminho mais indicado para chegar até à criança. Ela tem necessidade de que a afaquem, de que lhe notem os erros e os corrijam de forma inteligente e persuasiva. Sempre que usarmos de brandura para com as crianças seremos melhor ouvidos e compreendidos e haverá, sempre que se fale com justiça, um desejo grande, da parte da criança, de se emendar, de agradar, de não desgostar quem tão amigo se mostra, quem, enfim, a rodeia de tanto carinho e bem-estar de alma. Quantas mães, por falta de análise do carácter de seus filhos, devido por vezes à vida fútil que levam, desconhecem em absoluto o poder educativo que tem o estreitá-los nos braços e, baixinho, como em segredo, fazer-lhes compreender o erro de tal ou tal procedimento. Os seus corações pequeninos dilatam-se ao calor da ternura que os envolve e sentem então uma força nova para vencer os seus defeitos, um protesto íntimo para se emendarem, para que saibam merecer aquele carinho que lhes é dispensado. Quantas vezes uma palavra brandamente proferida, mas firme, pode conjurar um capricho ou uma birra; assim como um beijo ou uma carícia são bálsamo eficaz para um desgosto.

A autoridade dos pais deve traduzir-se pela firmeza sempre utilizada a par de uma afabilidade que cativa seus filhos. Quanto mais moderados forem os educadores, mais escutados serão e mais profícuos também serão todos os seus conselhos.

É importantíssimo, para esta boa causa, um ambiente familiar que sirva de base ao sistema educativo. Compete aos pais preparar e manter esse ambiente, conservando acessível e atraente o carinho que vai do coração dos pais ao coração dos filhos. Só assim nascem a confiança e o amor, que levam a criança a ser exuberante e franca, a mostrar-se tal qual é, a confessar espontaneamente os seus erros.

É preciso que de pequeninos lhes fique, para toda a vida, uma recordação cheia de suavidade das palavras profundas embora simples, e coerentes, verdadeiras, que ouviram a seus pais, so que lhe aconselha?



Não interrompa os «sonhos» do seu filho com frases como esta: — «O que estás tu aí parado a olhar? Mexe-te! Andar Vai estudar, ou vai brincar!». Deixar sonhar o seu filho, contemplando a gota de chuva que desliza no fio telefónico, a nuvem que toma formas fantásticas, a folha que se desprende do ramo e o vento leva... A sua imaginação arrasta-o para um mundo de maravilhas, que ele «precisa» de construir e onde só ele pode penetrar. Este pequenino vai, talvez a bordo de um magnífico barco, em busca de terras distantes. Deixá-lo tr...

Sabe cozinhar para os pequeninos?

Alimentos frescos, de boa qualidade e fácil digestão, preparados de maneira simples — são condições a que a mãezinha cozinheira tem de atender. Aqui vão as receitas de uma sopa e umas bolachas próprias para crianças pré-escolares, que estas muito apreciam, e que nos foram pedidas por «Zita Maria».

Sopa creme

Derrete-se uma colher, das de chá, de manteiga. Liga-se a manteiga derretida uma colher, das de chá, de farinha; adicionam-se gradualmente 250 grs. de leite (ou 125 grs. de leite e 125 grs. de caldo de carne). Leva-se ao lume brando mexendo constantemente até engrossar um pouco. Adiciona-se meia chávena de puré de vegetais cozidos, ou carne ou peixe também cozidos, cortados em bocadinhos minúsculos. Tempera-se com um pouco de sal.

Bolachas

As bolachas simples tais como a bolacha «Maria», «Torrada», «Zwie-

Mãezinha!

Promete a si própria:

—Ter o máximo cuidado com a sua saúde e a sua alimentação, principalmente durante a gravidez e o aleitamento.

—Ser a ama do seu filho, excepto se o médico for de opinião contrária.

—Adquirir os conhecimentos necessários para saber criar e educar o seu filho, de forma a torná-lo um perfeito de corpo e alma.

bach» são as melhores para as refeições dos pré-escolares.

Para quem prefira fazer as bolachas em casa, damos a seguir a receita da «bolacha simples»: 200 grs. de leite, 250 grs. de açúcar refinado, 250 grs. de manteiga, 750 grs. de farinha de trigo. Amassam-se muito bem todos os ingredientes. Estende-se a massa sobre a tábuca e com a forminha ou o corta-massa vão-se cortando as bolachas que se dispõem em tabuleiros polvilhados com farinha, em que vão ao forno.

A menina não quer óculos

Luisinha tem seis anos. Não gosta de usar os óculos que o médico lhe receitou e nega-se a pô-los. Os pais quiseram evitar uma atitude de rebeldia da criança, e assim, em vez de a «obrigarem», procuraram um meio inteligente e engenhoso. Luisinha tem grande simpatia pela sua vizinha Marieta. Ora, a Marieta usa óculos. E os pais da Luisinha começaram a dizer um para o outro, diante da filha:

—Sabes? Encontrei há pouco a Marieta. Está tão engraçada! E ficam-lhe tão bem os óculos, não é verdade?

Frases como estas, repetidas a propósito e com naturalidade, levaram a Luisinha ao desejo de imitar também neste aspecto a sua amiguinha. E agora já usa os seus óculos com regularidade e sem sacrifício.

Concurso dos bocadinhos de ouro

IV

O fim da escola activa é o de estimular a actividade do educando, quer mental, quer física. Tudo o que nela se passa e se aprende deve ter o carácter de problema, embora a altura da mentalidade infantil. E deve corresponder também às necessidades das crianças, não lhes ultrapassar o interesse nem a compreensão.

O horário destas escolas é geralmente diferente do das escolas ordinárias. Os velhos horários, sendo bem feitos, procuram fazer tempos mínimos para cada disciplina, com o fim de evitar a fadiga. Poupa-se o aluno porque o ensino, mais ou menos artificial e forçado, não corresponde sempre aos seus interesses. A escola activa dispensa-se destes escrúpulos; chega a considerar livre, dentro de certas medidas, o emprego do dia escolar.

O espírito precisa de entrar bem em acção se queremos que o nosso interesse se mantenha, costumava dizer certo professor de pedagogia nas suas lições, o que, por outras palavras, significa: um trabalho de limites muito curtos nunca dá bom rendimento; a concentração é mais útil do que a dispersão. Ora, a escola activa, apesar da variedade dos seus interesses e da individualização do seu trabalho, não deixa de cultivar a concentração. Cada pequeno problema que ela sugere às crianças que é senão uma chamada à concentração? Mais adiante o reconheceremos, quando nos ocuparmos dos centros de interesse de Decroly e do método dos projectos de Collings.

É já que se fala de educadores, fixemos o nome de Dewey, o grande psicólogo americano, que tanto impulsionou com os seus estudos o renovamento da educação. Foi ele quem lançou com nitidez as bases psicológicas do interesse na educação; do interesse espontâneo. São suas estas palavras:

A doutrina da disciplina (impos-

ta) faliu. É absurdo supormos que uma criança adquira melhor disciplina intelectual e moral a trabalhar contra vontade que a fazer uma coisa em que ponha interesse e a que se dê de corpo e alma. O ideal da educação não é que a criança junte conhecimentos, mas que desenvolva capacidades.

M..... T..... d... E.....
J..... L.....

A que livro pertence este trecho e quem é o seu autor? Será sorteada uma assinatura da revista «Os Nossos Filhos» por todas as pessoas que respondam correctamente. As respostas devem ser enviadas até ao próximo dia 15 de Dezembro para «Diário de Lisboa» — Magazine — Página «Eduquemos o nosso filho» — Rua Luz Soria, 44 — Lisboa.

Prémio — O segundo «bocadinho de ouro», publicado na página de 22 de Novembro passado, pertence ao livro «Nós e a Criança», de Elsa Lusa. O prémio coube a sr.ª D. Maria Aucenda Borja, de Luanda, Angola.

O sono

O sono é de tal forma necessário aos bebés, que o recém-nascido gozando de perfeita saúde dorme quase sem interrupção nos intervalos das mamadas.

Depois das seis semanas até aos três meses, passa já algumas horas acordado. Durante a segunda metade do seu primeiro ano, já se pode estabelecer uma média de doze horas durante a noite, duas horas ou mais na parte da manhã, e duas horas, pouco mais ou menos, durante a tarde, o que perfaz um total de dezasseis a dezasete horas. Claro que esta média também varia de criança para criança.

Resposta:

— Não, minha senhora, nunca é tarde para estudar, e com 16 anos a sua filha é muito novinha. Se o seu estado de saúde lhe permite, hoje, trabalhar, anime-a a tirar um curso. E não dê ouvidos a essas pessoas que criticam a sua resolução, que não tem nada de ridícula, antes pelo contrário, é muito louvável. Porque o seu dever é, justamente, instruir a sua filha, e garantir-lhe a independência económica; e essa independência, actualmente, só pode garantir-se com uma boa preparação profissional. Todas as mães devem pensar que a educação de uma rapariga tem de se considerar sob vários aspectos. É indispensável dar-lhe uma sólida formação moral para que seja, acima de tudo, virtuosa e digna; uma educação doméstica perfeita para poder cumprir os seus deveres de dona de casa e mãe de família; e uma boa preparação profissional para, em qualquer contingência, poder manter-se independente e respeitada.

«Quanto ao curso a escolher, nada posso aconselhar. Depende das preferências e das aptidões de sua filha, dos recursos de que dispõe, do meio em que vive, etc. Mas, se a menina quiser escrever-me sobre os seus gostos e projectos, talvez, então, eu possa dar-lhe algumas sugestões.

* * *

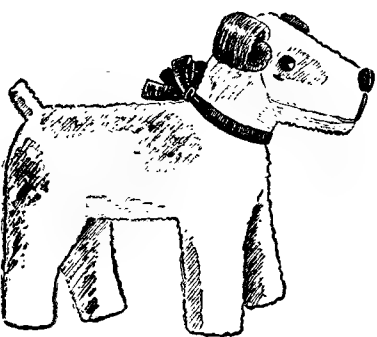
Tenho ouvido dizer que não se devem cortar as unhas às crianças. Peço-lhe que me dê a sua opinião.

Resposta:

— Trata-se de uma crença absurda, como tantas outras. As unhas das mãos cortam-se em redondo, curtas, mas sem magoar; porque, se assim não for, o bebé pode arranhar-se e, ao levá-las á boca, encontra nelas um óptimo veículo de micróbios. As unhas dos pés cortam-se a direito, evitando desta forma o perigo das unhas encravadas, tão frequente e doloroso. Nos primeiros meses as unhas das crianças podem ser tratadas durante o sono e assim já não há tanto a temer os movimentos bruscos, inesperados, mais ou menos perigosos. Ainda assim a mãe utilizará uma tesoura de bicos rombos e estará atenta. Quando a criança for mais crescida ela, sujeitar-se-á, com todo o juízo, ao tratamento que já é um hábito, tanto mais que se lhe terá explicado que é feio e anti-higiénico não cuidar das unhas.

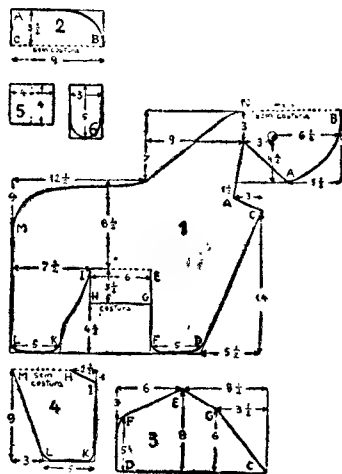
O «Diário de Lisboa» vende-se em ALGÉS, na Caravela de Ouro.

Faça os presentes do Natal para os seus pequeninos



Este cãozinho fará o encanto do seu pequenino. Pode ser de veludo, peluche, camurçine, ou mesmo de flanela ou riscado. É bonito e económico, pois a mãezinha pode fazê-lo aos serões, utilizando retalhos. Veja como é fácil:

A parte principal é a numero 1 e corta-se dupla. Fecham-se as pinças para formar a cabeça, juntando os pontos indicados por A, um sobre o outro. Faz-se a costura das costas NM. Junta-se 2, que forma a parte de baixo da cabeça, pelas letras ABC. O interior das patas da frente é o numero 3. Corta-se esta parte e unem-se, guiando-se pelas letras. O interior das patas de trás é o 4. A cauda é o 5, que se dobra pela linha pontuada. A orelha é o 6, que se pode fazer de tecido diferente, e se corta dupla.



As 3 interpretações

Conto de Agostinho de Brito Macedo

Na sala, só três rapazes. Cada um lia o seu livro. Um rico, outro nem rico nem pobre e outro pobre. Mário, o rico, tem uma «scooter». João, o nem rico nem pobre, gostaria de a ter. Joaquim, o pobre, sonha com ela... Abre-se a porta, entra uma jovem e diz... — Boa tarde...

Primeira interpretação

— Boa tarde — disse Mário amavelmente.
— Boa tarde — repetiu a rapariga. Mário pôs o livro que lia de parte e ao levantar-se aproximou-se da jovem, analisando-a com a vista.
— A menina chegou hoje, não é verdade?
— Sim cheguei... Porque o pergunta?
— Porque... conheço todas as raparigas simpáticas que estão na colónia de férias... Como ainda não a tinha visto, é porque chegou hoje.
— Bem pensado... Sim senhor... Vim este ano ver como isto era. Sabe... Nunca tinha cá vindo...
— Se quer eu posso mostrar-lhe a colónia toda. Tenho uma «scooter»... Não me custa nada...
— É muito gentil... Mas não sei se serei capaz de andar nela... nunca experimentei. Sabe...

— Ah! Já vi que tem o costume de dizer «sabe» no fim das frases. Fica-lhe bem essa palavra. Mas, vamos, lá por ser uma rapariga pobre, não quer dizer que não possamos vir a ser bons amigos!...
— Claro que podemos... se você quiser...
E caminharam juntos ao encontro da felicidade...

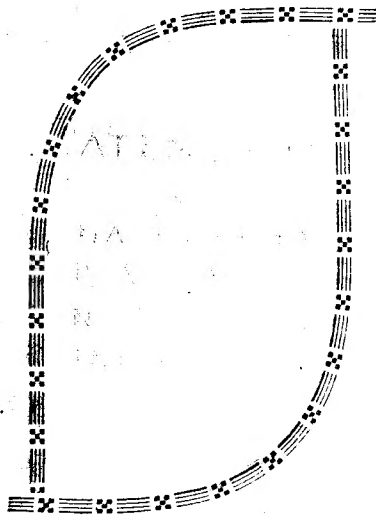
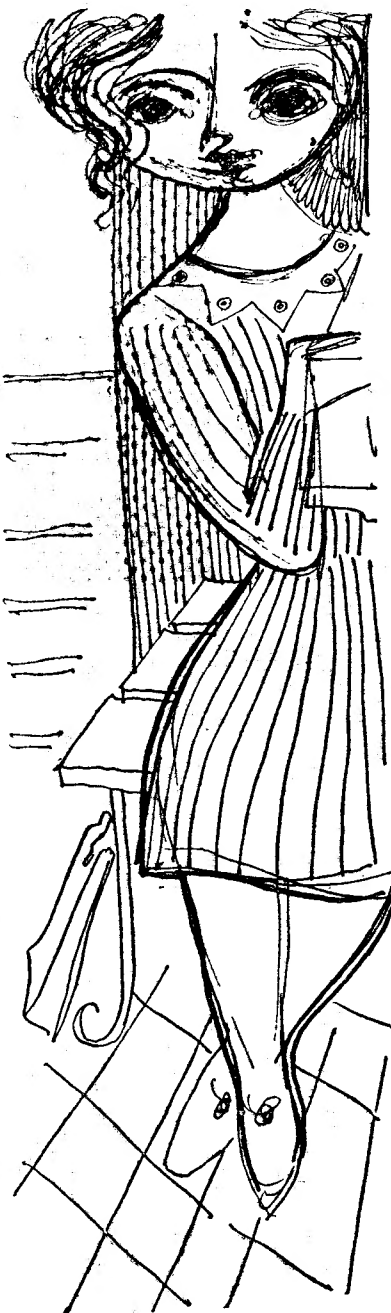
Segunda interpretação

— Boa tarde — disse João amavelmente.
— Que está a ler, pode saber-se?
— João mostrou o que lia.
— Você tem os mesmos gostos que eu. Também gosto dessa colecção.
— Belo... Quer que lhe mostre alguns dos meus livros?
— Claro que quero...
— Você não é rica, não?
— Claro que não. Nem rica nem pobre... Assim, assim.
— Belo, então vamos dar um passeio.
E saíram de mãos dadas.

Terceira interpretação

— Boa tarde — respondeu Joaquim calmamente e com ar de enfado.
— Você é um tipo estranho... Parece que não gosta de falar...
— Gosto de saber, primeiro, com quem é que falo...
— Bem nesse caso eu posso apresentar-me. Chamo-me Maria Júlia, meu pai é médico, meu avô engenheiro... Tenho um carro descapotável... Quer mais?
— Não, obrigado. Você é rica e eu sou pobre...
— Que tem isso de mal! Podemos dar-nos bem, ou não podemos?... Seu pateta...
— Está bem. Que quer que eu faça?
— Venha daí, vamos dar uma volta no meu carro...
E foram como dois pombinhos...
— Boa tarde — responderam os três ao mesmo tempo. A rapariga fechou a porta, aproximou-se da caixa dos discos e meteu uma moeda, sentou-se numa cadeira vazia, tirou uma renda da mala e... o disco começou a tocar... e os rapazes voltaram à leitura... e ninguém voltou a falar...

Agostinho de Brito Macedo (19 anos) — Amigo n.º 1282.



Concurso Gigantes da Humanidade

UITOS lhe chamaram o «Génio da Dança». Ninguém o terá merecido tanto até hoje. Foi o maior dançarino de todos os tempos, tanto pela genial arte de bailado como pelas inovações que trouxe à coreografia. Neste último aspecto, uma das suas maiores criações foi o «Prelúdio à sexta dum fauno», segundo a música de Debussy. A sua extraordinária carreira foi, todavia, interrompida pela loucura. Enlouqueceu pela primeira Grande Guerra Mundial, e este conflito foi uma das causas da terrível doença. Como todos os homens de génio, as carnificinas horrorizaram-no.

Nasceu na Rússia. Seus pais eram também bailarinos, assim como sua irmã, esta também notável artista. Antes de criar uma Companhia de bailado independente foi a estrela da Companhia de Diaghilew.

As respostas devem estar no «JUVENIL» até ao próximo dia 16 de Dezembro, acompanhadas das habituais informações: nome completo, morada e data do nascimento dos concorrentes (e número de ficheiro, no caso de já o terem), bem como da menção dos três artigos que mais lhes agradaram no «JUVENIL» desta semana.

Para o melhor trabalho sobre o grande bailarino haverá um prémio especial, além dos que habitualmente sorteamos entre os concorrentes.

Diário de Lisboa



6-12-958

84

Augusto da Costa Dias, Mario Gaeirim e Manuel Sequeira
Ilustrações
Tóssan e Figueiredo Sobral

Toda a correspondência deve ser dirigida para a Rua Luz Soriano, 44 e 48 — LISBOA

CARTA ABERTA AO AMIGO N.º 587

por Armando Delfim Hasse Ferreira (16 anos)

AO pretendo fazer com este artigo um ensaio sobre arte moderna, principalmente porque não me reconheço competência para tal; pretendo apenas responder a algumas das suas afirmações, não considerando eu este problema, visto apenas sob um aspecto artístico, um problema da juventude; sê-lo-ia (na medida em que a arte é a expressão da cultura de uma dada civilização) se analisássemos este assunto sob um prisma de «estádio de civilização» ou melhor, na medida em que estudássemos a posição da juventude na civilização de hoje.

Também muitas vezes tenho ouvido um «Ah! esta mocidade decadente!...» Não concordo com isso e muito menos com os motivos que apresentou para justificar essa pseudo-decadência, pois considero a mocidade de hoje em progresso — não tanto como seria de desejar, é certo — mas no entanto em progresso.

A civilização de hoje difere muito da da sua «época de valsas e estrofes com métrica». Os tempos evoluíram muito desde então; mesmo já depois da chamada «belle époque» houve duas guerras mundiais (sem falarmos nas outras), guerras que em muito modificaram as estruturas sociais deste mundo; a arquitectura transformou-se, o ritmo da existência acelerou; apareceram o automóvel e o avião, e mais modernamente ainda o foguetão ou o projectil teleguiado; constroem-se prédios de 20 ou 30 andares; em resumo: a civilização está bastante modificada, e consequentemente a «arte» dos nossos dias também; e saliento a palavra arte, porque hoje existe arte, talvez mais pura que a de essa época de poesia com métrica e com rima — mas muitas vezes sem poesia...

A música de hoje não é o «rock»; muito longe disso; poderá ser o «jazz» se nos quisermos cingir ao que é quase exclusivo da cultura de uma raça diferente da nossa. Do «jazz» ao «rock'n roll» vai uma grande diferença. E Bella Bartok, Chostowski e Strawinsky têm composto «rocks» ou o que é a sua música? Não falando mesmo em Gershwin, com a sua «Rapsódia in blue», e Guenber que foram largamente influenciados pelo «jazz» nas suas composições.

E' evidente que a harmonia das sinfonias de hoje — ou de quaisquer outras composições — é uma harmonia dissonante... e talvez mesmo um dia venha a não ser considerada como tal... por isso diferem muito das sinfonias de Haydn e Beethoven; mas não foi ao próprio Beethoven (que julgo que considera um verdadeiro músico — aliás tenho igual consideração por ele) que um dia alguém apontou um grande erro — duas quintas seguidas — ao que ele respondeu «Quem as proíbe? ... os teóricos? Pois bem, eu permito-as» e de outra vez: «Por amor ao mais belo, não há regra que não possa ser violada». Para terminar esta parte deste meu trabalho, reproduzo algumas palavras de F. Lopes Graça, na sua «Introdução à Música Moderna»: (a música moderna é) tão séria como o foi (a música clássica) para os grandes compositores clássicos. Se a sua mensagem difere da destes, é porque se não vive já com cabeleiras empoçadas e punhos de rendas, é porque já não é moda usarem-se olheiras fundas e se não morre do «mal do século».

Com a pintura penso que se dá sensivelmente a mesma coisa. Não é a arte um processo de se exprimirem materialmente as próprias sensações (se possível é termos sensações puras) de modo que outros, perante as composições feitas, tenham sensações idênticas? Na pintura não acha que por vezes a «forma» pode ser prejudicial à compreensão de um quadro, porque pode evocar certos factos da existência de uma pessoa que nada tenham de comum com o sentido da obra? Ao passo que na pintura não figurativa esse risco é praticamente nulo. E como representar ideias abstractas, ou apenas factos psicológicos? Quem é que nos garante, por exemplo, que só os canones gregos, ou quaisquer outros, estabelecem a verdadeira beleza?

Passemos à poesia. Apresenta como normas de «poesia propriamente dita» a acentuação, a rima e a métrica. Quem foi que estabeleceu essas regras? Voltando a Beethoven, lembro que «por amor ao mais belo, qualquer regra...» E o que é que se pode entender por poesia propriamente dita? Mesmo para quem considere a poesia como «arte de fazer versos», porque é que a poesia moderna não há-de ser poesia, se, em gramática, se consideram «versos brancos»?

Houve um grande poeta, cujo nome não me ocorre agora, que, quando uma vez lhe perguntaram o que era preciso para fazer boa poesia, respondeu: «No fim, é preciso pôr a rima, no princípio a acentuação e no meio, o que é muito difícil, poesia». Ou seja, considerando como regras de poesia apenas a rima, a métrica e a acentuação, onde é que numa composição com essas características pode encontrar... poesia, a tal que eu considero verdadeira poesia e que não aparece apenas pelo facto de existirem essas três condições simultaneamente? Porque a poesia, como a música, ou mesmo como a psicologia (passe a comparação imperfeita) é um todo dinâmico; será uma «gestalt-poesia» se admitirmos este neologismo com um sentido semelhante ao que admitimos quando dizemos «gestalt-psicologia».

Penso que não quer voltar aos tempos dos «serões nas Laranjeiras» e das meninas de anquinhas e vestidos pelos pés a passear no Passeio Público, ou debruçadas à janela a compor os bandos. No entanto, talvez queira, pois começa as suas críticas com um «retrocedamos alguns séculos». Retrocesso é sinónimo de decadência; se retrocedermos mesmo muitos séculos, encontrar-nos-emos no tempo do homem das cavernas... O que interessa é andar para a frente, mas tendo sempre em mente que nem tudo o que é actual, ou melhor «dernier cri», é bom, é verdadeiramente moderno; mas isto agora é já outro problema (o do sentido do moderno) — problema esse que aliás já foi muito bem tratado neste «Diário de Lisboa Juvenil».

Acha que os mais velhos dão origem a isso que se chama decadência, porque só criticam? A meu ver, há críticas a menos. Hoje vêm-se muitos papas e mamãs que nada dizem aos filhos só para não lhes ferir a personalidade — personalidade que aliás não podem ter, porque sendo personalidade uma «fidelidade aos seus princípios», como admitir que uma criança a tenha, se não cremos que possa ter princípios firmemente aceites?

Por isso eu concluo que era bem melhor que esses mais velhos procurassem criar de facto uma personalidade verdadeira nos menores que têm a cargo, em vez de darem livre curso a todos os instintos de destruição e má-criação de isso que hoje é uma «encantadora criança moderna» — e quem diz criança poderá dizer por vezes rapaz (ou rapariga).

AMIGO N.º 367

Os coelhos desobedientes

por Maria Luís Rocha Pinto

10 ANOS — AMIGO N.º 1413

CONHECI uns coelhos muito engraçados, mas desobedientes. Vou contar-vos a última aventura que se passou com eles.

Uma vez a coelhinha Branca, a mãe dos coelhos, teve de ir falar com a coelhinha Russa sua vizinha. E disse aos coelhos:

— Não saiam de casa por causa do lobo feroz, da raposa matreira e da águia veloz, que vos podem comer.

Eles responderam:

— Sim mãezinha.

Mas como eram desobedientes, mal a mãe virou as costas eles saíram.

Andaram, andaram, até que encontraram um gato; e perguntaram-lhe:

— Tu é que és o lobo feroz que gosta de comer coelhos?

O gato respondeu:

— Não, eu sou o gato que gosta muito de comer ratos.

Os coelhos continuaram a andar e depois encontraram um cão; e perguntaram-lhe:

— Tu é que és a raposa matreira que gosta de comer coelhos?

O cão respondeu:

— Não, eu sou o cão que gosta muito de roer os ossos.

Os coelhos seguiram o seu caminho e encontraram uma perdiz; e perguntaram-lhe:

— Tu é que és a águia veloz

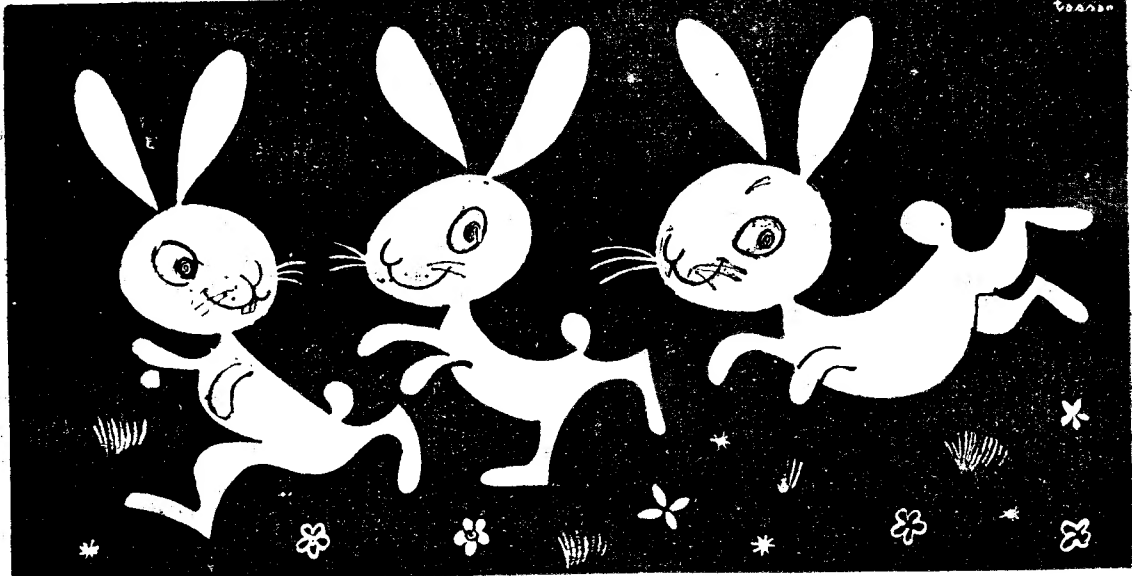
que gosta de comer coelhos? A perdiz respondeu:

— Não, eu sou a perdiz que gosta muito de comer sementes.

Os coelhos continuaram a andar, a julgar que já não havia perigo. E chegaram a um campo de erva tenrinha e rebolaram-se à vontade quando...

Pum... Pum... Pum...

E os coelhos com o susto, fugiram e conseguiram escapar. E chegaram a casa muito cansados. A mãe ralhou muito com eles e eles com medo nunca mais saíram de casa a não ser com a mãe.



Excepcional !

Convidaram um regente de orquestra para um jantar, no fim do qual certa moça da alta sociedade daria um concerto de piano. De facto no fim dele, deu-se o inevitável — isto é, o concerto... O regente ouviu tudo com inalterável calma...

— Que tal, mestre? Que nos diz a concertista?

— Oh, é excepcional! Absolutamente excepcional! Resolve os passos mais fáceis com incrível dificuldade!

Dois casos de analfabetismo

O grande escritor norueguês Henrique Ibsen sofria de uma miopia fortíssima. Certa vez passou por um cartaz, colado na parede, esforçando-se, em vão, por ver o que lá se apregoava. Nisto passa um transeunte e o escritor perguntou-lhe:

— Por favor diz-me o que anuncia este cartaz?

— Que pena, meu caro senhor! — respondeu o outro — «também» não sei ler...

Vem-me à memória o caso de Flaubert, o grande romancista francês. Acusado de fazer apologia da imoralidade no seu livro «Madame Bovary», Flaubert foi levado ao tribunal, onde o inquiridor lhe fez a pergunta sacramental: — Sabe ler e escrever?...

Sete frases de sete sábios

«Ouve muito e não fales senão a tempo». — (Bíasis).

«Procura instruir-te enquanto vives, não cuides que a velhice traz consigo a razão». — (Sólon).

«Não te contentes em repreender os que cometem erros; detém aqueles que os vão cometer». — (Perian-dro).

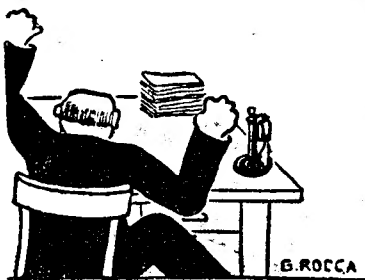
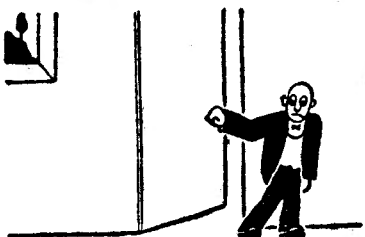
«A felicidade do corpo consiste na saúde! a do espírito, no saber». — (Thales).

«Enche de benefícios os teus amigos, para que te estimem ainda mais; derrama-os pelos teus inimigos para que se tornem afinal teus amigos». — (Cleóbulo).

«Vale mais perder do que fazer um ganho vergonhoso». — (Chilon).

«Antes de governares os outros, aprende a governar-te a ti mesmo». — (Pitágo).

Ordens rigorosas



O chefe: — Eu já disse, duma vez para todas, que não quero que me acordem quando estou a trabalhar!

Como vai isso em Geografia?

Satisfazendo o interesse dos nossos leitores, damos hoje mais um passatempo geográfico. Na coluna da esquerda, segue uma lista de produtos, na da direita, os países onde esses produtos existem, com maior abundância. Trata-se de, com um traço de lápis, ligar o produto à região que lhe corresponde:

Café — França
Trigo — Costa do Ouro
Milho — U. R. S. S.
Cortiça — Malásia
Borracha — Estados Unidos
Cacau — Portugal
Vinho — Brasil.

Veneno para ratos

Periquito vai fazer um recado à drogaria.

— Que quer o menino? — perguntam-lhe.

— Veneno para os ratos.

— Quer que mande a casa?

— Pois claro! — responde o Periquito, formalizado — ou julga que eu lhe trazia aqui os ratos?

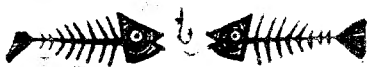
MIRABAI

Mirabai era uma jovem, filha de ricos indianos, que seguiu, muitíssimo nova, a carreira do jornalismo e desta forma se vê envolvida na luta do seu povo pela independência. Vive uma época de profundas perturbações em que difícil se torna uma pessoa viver à parte, no remanso de sua casa, longe dos tumultos que fervilham na rua.

Isto acontece a Mirabai, para quem, um dia, chegou o grande momento «de posar o cálice da felicidade e partir». Que significava «posar o cálice da felicidade e partir»? Mirabai ama um jovem inglês, Ricardo, que fora companheiro de estudos do irmão, em Oxford. No seu íntimo duas forças a puxam, e violentamente: seguir o seu povo, que luta para se tornar independente da Inglaterra, ou seguir Ricardo, um filho do povo que os oprime. «Partir? Abandonar o homem que eu amava — pensa Mirabai — e ir com esta gente? Que representam eles para mim, que podiam eles significar mais do que o homem que eu amava? Eram a minha gente — aqueles outros eram a sua. Então significava alguma coisa, isto de «minha gente», «dua gente»? Ou a sua existência e proveito e força derivam de incessante repetição?

«Não são nada para ti», gritava o meu coração. Nada. Absolutamente nada. Mas aquele momento cruelmente iluminado passou, e eu senti...».

Que os nossos leitores (maiores de 17 anos) acompanhem o resto da odisséia de Mirabai. Este novo romance de Kamala Markandaya — «Um íntimo furor» — é mais uma edição de Publicações Europa-América, o 18.º da Coleção «Século XX», na qual, da mesma autora, já se apresentara «Trabalho sem esperança».



Intercâmbio juvenil

Vamos reatar, e esperamos que com grande actividade, o intercâmbio de correspondência juvenil não só entre jovens portugueses, como entre estes e jovens de todo o Mundo.

O jovem espanhol Miguel Alonso G. Botas acaba de nos enviar a seguinte carta:

«Soy un estudiante español que se dirige a Usted para rogarle me anuncien en sus programas de correspondencia extranjera, pues deseo escribirme con una joven estudiante portuguesa que tenga 14 a 17 años de edad, y me puede escribir en portugués, español o inglés.

Yo tengo 18 años y estudio 6.º curso de Bachillerato.»

A sua morada é:

Miguel Alonso G. Botas
Desiderio Varela
Carballo (La Coruña)
ESPAÑA

Uma senhora nossa Amiga teve a gentileza de nos enviar várias moradas de jovens brasileiros que se querem corresponder com raparigas e rapazes portugueses. Iniciamos hoje a publicação duma lista que tem o endereço de 22 jovens do país nosso irmão:

ELISABETE CARDOSO (16 anos)
Rua Conde Porto Alegre, 412
Apartamento N.º 2
BRASIL

Esta jovem dá acerca de si as seguintes indicações: «Tenho 1,55 m. de altura e 44 quilos de peso».

TEREZINHA B. (15 anos)
Avenida Airango, 2028
Santa Maria
BRASIL

Também esta jovem nos envia estas duas referências lacónicas: «Tenho 1,57 m. de altura e sou loura».

E por hoje paramos, que o espaço parece não dar para mais.

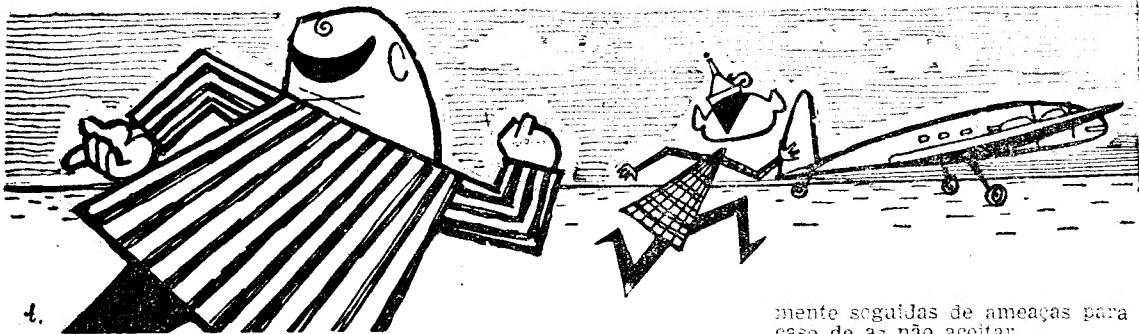
Todos os nossos amigos que queiram inscrever-se no «INTERCAMBIO JUVENIL» devem escrever para «DIÁRIO DE LISBOA JUVENIL» — INTERCAMBIO JUVENIL — Rua Luz Soriano, 44 a 48, e dar as seguintes indicações: nome completo, morada, data de nascimento, em que é que se ocupa (estudo ou emprego), quais as suas preferências (como assunto de correspondência), o tipo e idade do jovem com quem desejaria correspondência e em que idioma pode escrever. — T.



O «Diário de Lisboa Juvenil» publica-se para ti, aos sábados!

O mistério da bengala de bambú (I)

A máquina roubada



...E de repente, o silêncio desceu sobre Pararraios...

Muitos desejaram saber o motivo desse silêncio. Estaríamos nós já desinteressados da vida desse que foi considerado, nos meios detectivescos internacionais, o maior Sherlock do nosso tempo?

Não, de modo nenhum! Acontecera apenas isto:

Acabara de dar-se a aventura do *Turbante* (ver *Juvenil* de 12 de Julho deste ano). Nela, o detective ficara muito maltratado devido ao fogo que a farsa do funil ateara no turbante.

Internado, como convinha, num dos mais modernos hospitais de Nova York não deixou o «reporter» do *Juvenil* de visitá-lo todos os dias — levando-lhe os livros policiais publicados nessa mesma tarde, para o que alugara sempre um camião.

— Não faça isso, meu amigo — dizia-me o Basílio com o seu proverbial bom senso. — Deixe-o repousar ao menos um dia, alheio à tropa fandanga dessa livralhada toda que lhe dá mais volta ao miolo. Imagine que numa terra como é esta onde se comete um crime de onze em onze segundos, se escreve um livro policial de cinco em cinco — pelo que se prova que felizmente os «gangsters» não são tão eficientes como os escritores. Livro!

Pararraios sorria, amigavelmente. E' esse sorriso envolto em ligaduras a última recordação que o posso cronista guarda do policia-amador. Porque no dia seguinte ao visitar o hospital deparou-se-lhe o irremediável: doente, obcecado por um estranho caso acontecido em Hollywood (a terra dos estranhos casos) pedira alta...

Para lá se dirigiu o cronista.

Mas Los Angeles é grande. Buscou dia e noite, sem resultado. Perdida a esperança, volta à sua ocupação em Nova York.

Os dias foram-se passando, impossível pôr-lhes uma barreira. E uma tarde de Novembro, ao passar pela 1927.ª Avenida, quem se lhe depara, diante de uma montra? Adivinharam, por certo...

Dois abraços à portuguesa festejaram o encontro, providencial para o nosso Basílio Sapiro.

— Morre-se de fome nesta cidade de furtura! — exclamava ele diante da montra, repleta de conservas. Explicou que ao seu amo,

quando investigara um roubo de alguns milhares de dólares, haviam sido roubados os poucos dólares em seu poder. De modo que não tinham com que se abastecer...

Logo ali se dirigiram ao Restaurante do Ricardo. Entravam quando uma senhora se aproximou do grupo, olhos desviados.

— Please! — e a voz tremia, aos solavancos. — Não viram por aqui um homem de bengala de bambu?

Antes mesmo de obter resposta, empalideceu, e, se Pararraios não a amparasse nos braços fortes, teria dado consigo em terra.

— Que foi, minha senhora, que lhe aconteceu?

— Roubou-me... roubou-me a máquina...

— Qual máquina? — e como a dama, afrontada, não respondesse prontamente, Pararraios sacudiu-a leve, mas firmemente, pelos ombros.

— Minha senhora! O tempo é precioso! Qual foi a máquina que lhe roubaram?

— Ora, meu amo, não comece para aí a inventar histórias! Não foi senão a máquina de costura! Mande a senhora para casa e vamos nós ao comércinho, que se faz tarde!

Vendo a teimosia do policia-amador, a senhora contou a odisséia. Seu marido era o grande sábio Don O'Doll que empregara vinte anos da sua vida e toda a fortuna de seus avós a construir aquela máquina prodigiosa...

— Mas diga! Diga! Para que serve a máquina?

A dama hesitou ainda um instante. Mas fitou os olhos de Pararraios e viu neles uma tão grande pureza, uma voz tão limpa e segura, que se resolveu a declarar:

— É uma máquina de fazer parar o tempo...

— Hem? — e o detective quase deu um pulo. — Uma máquina de fazer parar o tempo? Que história vem a ser essa?

— Exactamente. Trata-se de um engenho que nas mãos de um louco poderá ter uma influência decisiva na vida sobre o planeta... no próprio Universo. Sabedor da natureza da investigação a que meu marido se dedicava, uma organização constantemente o assediava com propostas — que eram imediatamente seguidas de ameaças para o caso de as não aceitar.

— E essas propostas?

— Meu marido vender-lhes-lhe o segredo do engenho por uma importância fabulosa... Evidentemente, não podia aceitar... Resolvemos então que fosse eu a levar o engenho para um solar que possuímos à beira do Mississippi, onde estaria em segurança?

— Qual o tamanho da máquina?

— Cabe, inteira, num dedal...

— Muito bem. Continue...

— Sai de casa e entrei na pastelaria ali defronte, onde costumei ir, aliás, todas as tardes. Abri a mala, para pagar a despesa. Retirei o porta-moedas; entreguei a nota; quando ia a guardar o troco reparei que a *caixinha com a máquina de parar o tempo* desaparecera. Olhei em volta, desvalhada. Vi, ainda, sair a porta, o homem que usava uma bengala de bambu...

— Não há tempo a perder! — exclamou Pararraios. — Vamos-lhe no encalce!

— Isso não! — atalhou Basílio.

— Agora vamos ao jantar. Depois se verá...

— Mas, Basílio...

— Perdoo, meu amo! Lembre-se de que há três dias não entra nada nesta boca...

— Compreendo que...

— Vamos a conversar! A máquina interessa-lhe? Bem! o jantar interessa-me? Pois bem... Logo a seguir ao jantarinho tem-me às ordens — nem que seja para correr o Mundo de cabo a cabo!

Pararraios anuiu. Foi distraidamente que engoliu os escalopes e a fruta. A *bengala de bambu*... A imaginação prendia-se a este pormento — insignificante, sim, mas único — logo, fundamental...

De subito, a farsa reveladora brincou no alto do funil. Pararraios tivera uma ideia:

— Para o aeroporto! A caminho...

E voltando-se para a dama:

— Não se inquiete. Em breve darei notícias. Pararraios está metido no assunto — e não preciso dizer mais nada!

Quando chegaram ao aeroporto, um avião chegava-se para se lançar no espaço. Pararraios correu vertiginosamente, seguido por Basílio Sapiro... O cartão que o acreditava como Policia-Amador abria-lhe todas as portas...

...Incluindo as do avião gigantesco... (Continua)

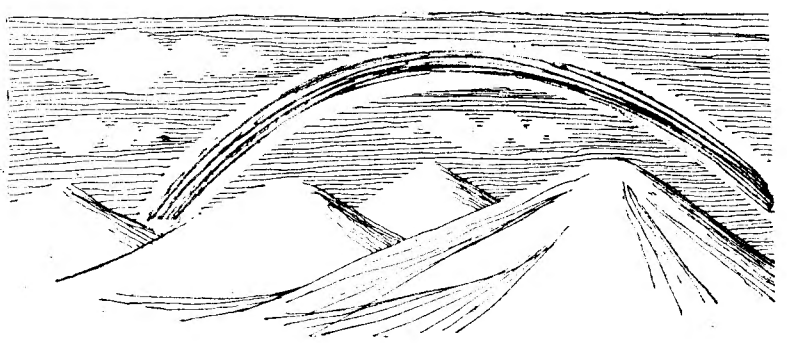
ODOS sabem que o Sol é um globo formado por gases incandescentes, a uma temperatura de 6.000 graus que nem os mais altos fornos poderão, nunca, atingir. Mas, hoje, sabe-se mais: que o Sol é constituído pelos mesmos materiais que a Terra. Assim os gases que se encontram na nossa atmosfera — oxigénio, azoto, hidrogénio, hélio, os metais que conhecemos — o ferro, cobre, níquel; o silício, o alumínio, que entram na composição das rochas terrestres; o sódio, o lítio, o potássio, que vemos em inúmeros cristais — todos estes elementos aparecem no globo solar.

Mas, está bem de ver que a uma temperatura de 6.000 graus, como a do Sol, todas as substâncias se volatilizam, até os granitos e os basaltos, as nossas rochas mais duras. Por isso, os elementos que citamos se encontram, no Sol, em estado gasoso. Mas, volatiliza ou não, já foram identificados 61 elementos; e nenhum é desconhecido na Terra.

Como foi possível identificá-los, uma

Gracias a Newton conhecemos a causa deste bonito fenómeno: o prisma «refracta» os raios. Se mergulharmos um pau em água límpida, verão que ele parece quebrado, precisamente no sítio em que mergulha no líquido. A este fenómeno se chama «refracção». Ora o mesmo se passa com os raios luminosos na massa do vidro. É que o prisma não faz desviar os raios de maneira uniforme, tal como verificamos na natureza: alguns são pouco desviados do seu curso, outros já o são mais e outros mais ainda. Os raios violeta, lilás, azul e verde são fortemente desviados ou refractados, enquanto o amarelo, laranja e o vermelho o são muito pouco. A ordem por que se dispõem no «écran» é sempre a mesma.

Mas, Amiguinhos, dirão vocês: «não percebemos porque o prisma refracta menos os raios vermelhos que os azuis». Perceberão se pensarem num aparelho de T. S. F. Ele capta as ondas de uma espécie de luz invisível. No posto emissor a voz humana, a mu-



vez que não é possível analisar um só bocadinho que seja do Sol?

Pois bem, em 1859, dois sábios alemães, Kirchhoff e Bunsen, constatam a presença de sódio no Sol; o Mundo inteiro dos sábios mostrou-se céptico ou injuriou, até, os dois cientistas. Mas o aparelho que ambos inventaram — o espectroscópio — tornou-se, hoje, indispensável para qualquer exploração celeste.

Como sabem, os telescópios reduzem as distâncias e aumentam as imagens dos astros, por meio de lentes e espelhos côncavos. Estes dispositivos permitem explorar mundos longínquos, é certo; mas a natureza das substâncias que constituem os astros só foi possível com um outro instrumento óptico — o prisma de cristal.

A lente faz convergir todos os raios luminosos num só ponto; pelo contrário, o prisma dispersa os raios, dobrando-os numa faixa.

Ora, é curioso que a luz do Sol não é, a bem dizer, uma cor simples, mas um «composto» de raios de diferentes cores. Ao passar pelo prisma, o branco da luz solar decompõe-se e são as suas diferentes cores que apanhamos num «écran», ou vemos, por vezes, cruzar os céus: as sete cores do arco-íris.

Sobre o «écran» o raio branco alinhou, uma a uma, todas as cores fechadas em si.

sica, são transformadas em ondas e lançadas no espaço. Estas ondas são captadas pelos receptores da rádio que, por sua vez, as transformam em ondas sonoras. E tal como o posto emissor envia ondas de «luz invisível», o Sol irradia a «luz visível», também sob a forma de ondas, ondas mais ou menos largas, mais ou menos estreitas. Mas sempre com um «comprimento de onda» determinado. Cada cor, tem, pois, o seu comprimento de onda: os raios azuis com pequeno comprimento, os vermelhos com maior. Por conseguinte, para as ondas curtas dos raios azuis, o prisma representa um obstáculo maior que para as grandes ondas dos vermelhos. Os primeiros, por isso, desviam-se mais do seu curso que os segundos. E' a razão por que as cores, cuja mistura dá a luz branca do Sol, são estiradas pelo prisma e aparecem dispersas na ordem do seu comprimento de onda. Este arco-íris rectilíneo tem o nome de «espectro solar».

Por estas cores, as cores resultantes da volatilização de matérias conhecidas na Terra, podemos saber quais as que existem no Sol.

O prisma, pois, permite-nos compreender a mensagem do Sol. A análise espectral ou a leitura desta secreta mensagem de luz e sombra, revela-nos, seguramente, a composição do Sol e das outras estrelas...

SUSPENSE

Para os nossos leitores que muito apreciam a literatura de «suspense» e, além disso, apreciam a boa literatura — eis, na verdade, um romance que lhes recomendamos, um romance que dificilmente largarão enquanto não chegarem à sua última página. Alguns já decerto conhecem a sua autora através de um romance celeberrimo — «Rebeca»: é Daphne du Maurier.

Pois o seu novo romance — «O Outro Eu» («The Scapegoat») — «O Bode Expiatório» é também uma obra bem construída, de rica imaginação, que nos arrasta de página em página num encanto cada vez maior. Calculem a odisséia de um professor inglês de História que se vê a substituir um conde, num castelo de França, com o qual é de tal modo parecido, que nenhum ser humano é capaz de os diferenciar (só o faro dos cães os distingue)... É uma edição de «Livros do Brasil» (para maiores de 17 anos).

Para ter direito aos prémios do nosso concurso da semana, basta responder, em carta ou postal, à seguinte pergunta:

Qual a ilha portuguesa a que pertence a figura que hoje publicamos?

As respostas devem estar na Redacção até ao próximo dia 15 de Dezembro.

Concurso da semana

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO SUPLEMENTO N.º 82: I — CONCURSO «GENTE NOSSA» — Trás-os-Montes. II — CONCURSO «GIGANTES DA HUMANIDADE»: Henrique Toulouse-Lautrec.

Vencedores

1. — Amigo N.º 773 — Carlos Alberto Martins Vilhena (Lisboa).
2. — Amigo N.º 1181 — Agostinho Chaves Gonçalves (Vila Chã).
3. — Amigo N.º 742 — Maria da Graça Rocha Lourenço (Setúbal).
4. — Amigo N.º 1128 — Manuel David Assunção (Gaia).
5. — Amigo N.º 1423 — Maria Claudia Abreu Ribeiro (Porto).
6. — Amigo N.º 1373 — Maria Fernanda Araújo (Lisboa).
7. — Amigo N.º 1347 — Artur de Oliveira Soares (Coimbra).
8. — Amigo N.º 246 — Maria Fernanda de Brito e Silva (Sintra).
9. — Amigo N.º 1416 — António Azevedo (Portimão).
10. — Amigo N.º 1420 — Célia de Matos Raposo (Barreiro).
11. — Amigo N.º 1375 — Maria Adolinda Teixeira Santos (Coimbra).
12. — Amigo N.º 1277 — António Henrique Tavares e Castro (Coimbra).
13. — Amigo N.º 1362 — Helder Rui Martins Leitão (Porto).
14. — Amigo N.º 53 — Maria do Céu Bilet Alves (Coimbra).

15. — Amigo N.º 1286 — Carlos Alberto Cardoso (Terres Vedras).

Prémios

1. — «EMILIO E OS DETECTIVES», por Erich Kastner — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» — Livraria Clássica Editora.
2. — «EMILIO E OS TRÊS GEMEOS», por Erich Kastner — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS».
3. — «A ESTRELA E O DETECTIVE», por H. Robitaille — a mesma colecção.
4. — «PRIMEIRAS PROSAS», Ramalho Ortigão — Livraria CLÁSSICA EDITORA.
5. — «AVENTURAS DE DOIS MIUDOS E DOIS CASTORES» — «Os Melhores livros para crianças».
6. — «AS FARPAS», por Ramalho Ortigão, 1.º vol. — LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA.
- 7 a 15: «O DEMÓNIO DA RECTIDÃO», por François Mauriac — última novidade da Colecção «MINIATURA», editada por Livros do Brasil, Ld.º
- PRÉMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE TOULOUSE-LAUTREC
16. — Amigo N.º 1235 — Amália de Jesus Cachucho Rodrigues (Lisboa).
16. — «Homens e Bichos», por A. Munke e o «O LIVRO DAS LENDAS», por Selma LAGERLOF — edições, de Livros do Brasil, Ld.º.

Gente NOSSA

Na ilha que fica pairando no mar — a ilha tão rica de renda e luar —

é que vive a moça que a figura tem (Um sonho balouça nos olhos de alguém...)

Garrida manha tem nela seu espelho: colete vermelho saíha de lá.

Uns dedos de fada criaram, para ela, camisa bordada que serve a uma estrela

E a carapucinha que a moçoila usa prova que a rainha pode usar carapuça

Sorridente, lesta, canta, borda e fia. Onda, dir-se-ia, de um mar sempre em festa



Figura primeira da ilha radiosa — Pérola preciosa de rocha e madeira

FLASH O BONÉ AZUL

Por
MANUEL AGRA

«Era uma tarde serena no ano de 18...»

Vocês sabem, assim começam muitos romances históricos. E nós temos saudades dessas tardes serenas, dessas tardes sem história.

Dessas tardes felizes...

Eu estou em acreditar que os romancistas históricos são uns grandes poetas, é o que eles são. Nem mais nem menos. Poetas do passado envergonhados do presente...

Uma tarde serena, uma tarde feliz...

Dizem que sim, que já houve.

Não acredito.

Já houve, sim, mas no futuro, na imaginação e no sonho dos homens. Os homens dos outros séculos diziam assim: «Daqui a trezentos, ou quatrocentos anos, é que nós teremos, enfim, uma tarde calma, uma caixinha azul para guardar a felicidade...»

Vocês já viram por aí a caixinha azul? Por mim, não a conheço.

E' sempre a lufa-lufa. A pressa. Lisboa maluca, a cem á hora... Cabeça a andar á roda, a dar pelas paredes. Para quê? Para ganhar o pão, para ganhar para viver.

Não só o pão. Objectos, comodidade, distração...

Penso nisto enquanto a rua grande da cidade cruza e desceza fios sem conta que se encontram, se hostilizam, se separam, convergem novamente, novamente desaparecem, para recomecerem a dança não tardar um segundo.

Sou um desses fios que compõem o tecido humano...

Estou na paragem do autocarro que me há-de levar ao emprego. Muita gente como eu, á espera. A



meu lado, o menino de cinco anos, talvez, que dá a mão ao avô. Olho para ele e, porque olho para ele, o menino acredita que somos da mesma família. E porque é anormal que os parentes não se falem, o menino abre fogo.

— Olá! — diz ele.

— Olá — digo eu. — Aposto que não te chamas Zacarias...

— Não, senhor, chamo-me Carlos. Como é que adivinhaste?

E sem me dar tempo a continuar o fogo.

— Já viste o meu boné?

— Já. E' bem bonito.

— E' azul.

Revira os olhos para distinguir a pala. Vou pousar-lhe a mão na cabeça mimosa, mas o Carlos afasta-

-se, com um repelão, repugnado, os olhos severos:

— Não, que sujas!

Automóveis rápidos, metais faiscando. Homens soberbos, dedos cobertos de anéis soberbos. Senhoras em casacos de pele, um ar simultaneamente frágil e seguro de si. Gente que vai á sua vida, como se costuma dizer.

Gente inquieta, na tarde inquieta...

E o menino, novamente:

— O meu boné é azul...

Pois é. Que fique sempre azul. Não o manches nunca. Amanhã chegará a tarde serena. — Hoje mesmo — se não manchar o teu boné...

E' esse o preço das tardes serenas. Afinal, já acredito nelas.

Curso elementar de estenografia

por NATÁLIA DA FONSECA

Continuamos ainda hoje com a lição das abreviaturas. (Capítulo, como já dissemos, muito importante dentro da nossa disciplina). Sabemos já que, determinada a abreviatura base, fácil é estenografar as «abreviaturas derivadas», cortando a abreviatura base pelo cone com que finaliza a palavra a estenografar. Por exemplo:

Abreviatura base:

informa:

—

Algumas abreviaturas derivadas:

—

—

Da esquerda para a direita: informar, informação, informando, informativo, informador, informado. Abreviatura base:

representa

—

Os nossos leitores tratarão agora de estenografar as seguintes abreviaturas derivadas: representar, representado, representação, representativo, representante, representata, representamos.

Seguem duas quadras de João de Deus, para os nossos amigos estenografarem, praticando, assim, em todos os sons que já estudámos. Na segunda quadra podem já aplicar algumas abreviaturas que seguem na lista de hoje:

Quem teve a grande desgraça de não aprender a ler sabe só o que se passa no lugar onde estiver.

Todas são alunas minhas aqui, todas são iguais e ás vezes ás pobrezinhas, tendo menos, valem mais.

Correcção do exercício da ultima lição:

—

—

—

—

—

Tradução:

«É a guerra aquele monstro que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas e quanto mais come e consome tanto menos se farta».

«É a guerra aquela tempestade terrestre que leva os campos, as casas, as vinhas, os castelos, as cidades e talvez em um momento sorve os reinos e monarquias inteiras».

Para finalizar esta lição, mais um punhado de abreviaturas:

= igual

x venes

+ mais

r responder

f resposta

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

Diário Intimo

I

A felicidade é efémera
Folha a folha a árvore se desnuda
O meu coração,
A sangrar, gota a gota vai secando.
O Mundo tem sede de lágrimas de sangue
E eu rego os seus gélidos canteiros,
Túmulos de pedra,
Com lágrimas que abrasam o solo.
A erva que nele cresce morre
Ao calor escaldante deste orvalho.

II

Amo a inocência
O puro sentimento que não é máscara
Amo o rosto limpo de pecados
Amo na face serena e linda da criança
O alegre bailar do seu olhar
Amo tudo o que por ser sonho não existe
Ou se existe é sempre longe de mim !...

António Manuel Cavaleiro Paixão

Amigo 1078 (19 anos)

Do que falamos esta semana...

Esta semana vamos falar-vos num belo livro que acaba de sair. E' um género sempre muito agradável: o conto. Mas desta vez o agrado promete ainda ser maior. Porquê? — perguntarão vocês. Porque se trata de contos de vários autores e de várias nacionalidades reunidos no curto espaço dum mesmo volume. Eis os autores que intervêm na «Antologia do conto moderno», agora editado pela «Arcádia»:

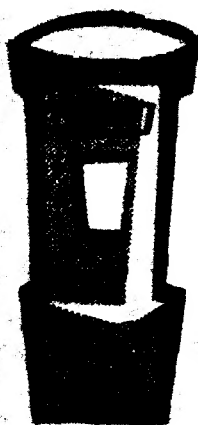
1) «Enfermaria», por Domingos Monteiro; 2) «Flora», «Telefones», «Moça», por Carlos Drummond de

Andrade; 3) «Adolescência», por Marcel Arland; 4) «A Família Claxton», por Aldous Huxley; 5) «Primavera», por Luigi Pirandello; 6) «Maria Concepcion», por Katherine Anne Porter; 7) «O Elevador nasceu no Inferno», por Par Lagerkvist; 8) «A Muralha da China», por Franz Kafka.

Eis uma lista tentadora e uma agradável prenda para o Natal.

O volume, muito bem apresentado, tem 8 ilustrações de Luis Dourdil.

Na próxima semana falaremos de outro livro da Editora Arcádia.



DIÁRIO DE BORDO

(Continuação da página central)

razão, Amigo, pois os jovens a que te referes estão na idade que lhes permite colaborar no Juvenil (até 20 anos). Não lamentos o facto, pois as censuras a que te referes, feitas com amizade e sinceridade, só podem ser salutares para os mais novos. O que é preciso é que essas críticas sejam construtivas, com o intuito de esclarecer, de ajudar os mais novos. A forma, ou antes, a linguagem em que o Amigo em questão as põe nada tem de incorrecta, mas sim um pouco viva, como é próprio do nosso Amigo. Não fiques com medo de dizer o que pensas; deves calcular que até adultos lêem a página Juvenil. Acharias melhor que as críticas ficassem na ignorância, roendo pelas costas, como uma chaga oculta? Não pensas que esta, sim, é uma atitude desleal e pouco correcta? Na já grande família Juvenil, todos são amigos e todos procuram auxiliar-se, sem ideias reservadas, próprias de gente pouco leal e digna de desprezo. Espero que ponderes e mandes, também, as tuas impressões sobre o assunto que se debate. Sem medo! O caminho está á tua frente.

TROTE

1 — JOVENS ATÉ AOS 16 ANOS

Eis um agradável concurso destinado aos nossos amigos mais novos: Trata-se de colorir com inteira liberdade o livro «Qual é coisa qual é ela?» — editado pela Portugália Editora. Eis os prémios:

- 1.º — Duzentos escudos em livros editados pela Portugália;
- 2.º — Cento e cinquenta escudos em livros, nas mesmas condições;
- 3.º — Cem escudos em livros, nas mesmas condições;
- 4.º a 10.º — Cinquenta escudos em livros nas mesmas condições.

Prazo de entrega dos livros coloridos: até ao dia 20 de Dezembro.

2 — PRÉMIO AUGUSTO GIL

Para jovens entre 17 e 20 anos

Trata-se de apresentar um trabalho sobre este grande poeta. Não há limite de espaço. Eis os prémios:

- 1.º — Quinhentos escudos;
- 2.º — Trezentos escudos;
- 3.º — Obra completa de Augusto Gil (publicada á data).

Prazo de entrega: até ao dia 31 de Dezembro.

Vem aí o Natal e os mais novos dos nossos Amigos dizem para com os seus botões: «Então não teremos livros bons para a nossa idade?» O «Diário de Lisboa Juvenil» só dá indicações de leitura para os maiores de 17 anos? Não senhor, não dá! Ora tomem nota das Coleções de que lhes vamos falar:

1 — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS».

Eis uma colecção que os nossos amigos entre os 11 e os 14 anos apreciarão bastante. A ela pertencem três livros que todos já ouviram falar: «O Emílio e os detectives», o «Emílio e os

três gémeos» e «Aventuras de dois miúdos e dois castores». Mas há mais. Já lhes temos falado na célebre série de romances de John Pudney: «Sábado de aventuras», «Domingo de aventuras», «Segunda-feira de aventuras», «Terça-feira de aventuras», «Quarta-feira de aventuras» e «Quinta-feira de aventuras». Pois também pertencem a esta colecção.

Atenção, portanto, pelo Natal aos «Melhores Livros para Crianças» editados pela Livraria Clássica Editora.

Na próxima vez referir-nos-emos a uma colecção para os nossos amigos mais pequenos: livros para os menores de 10 anos.